

# Boletim da Comissão Catarinense de **Folclore**



1 9 9 8

**EDIÇÃO PATROCINADA PELO  
GOVERNO DO ESTADO**

Pede-se permuta  
Pidesse canje  
We ask exvhanger  
Sirichiede lo scambio  
On démande l'échange  
Man bitet um Austansech  
Oni petas intersangon

**Comissão do Boletim:**

Edição e Direção:

Doralécio Soares  
*Presidente*

Nereu do Vale Pereira  
*Vice-Presidente*

Endereço para correspondência:  
Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar  
88020-150 - Florianópolis - SC

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC  
SETOR SANTA CATARINA

Clas.: \_\_\_\_\_

Reg.: 073 / SC

Data: 22-05-00

**Boletim da Comissão  
Catarinense de  
Folclore**



---

Ano XXXIV - Nº 50 - 1998

---

02/03/1989

Class.	
Res.	
Data	

REVISTA DE CULTURA  
DE SANTA CATARINA

Boletim de Cultura  
de Santa Catarina

Folclore

## NOSSA CAPA

Desenho envolvendo os temas Boi-de-Mamão, Rendas da Ilha, representada por um bilro, as Festas de Barraquinhas, enfeitadas com bandeirinhas de papéis coloridos, e um símbolo de uma “clave” musical, representando “assim cantavam as nossas rendeiras”, é de autoria do desenhista catarinense José Fernandes, elemento da “velha guarda”. Trabalho este que ilustra a capa deste Boletim, registrando fatos da “cultura popular” da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, capital do Estado.

1989 - 02/03 - VIXXIII anA

## SUMÁRIO - ÍNDICE

<i>Editorial - Doralécio Soares</i> .....	7
<b>50 Anos da Comissão Catarinense de Folclore - Doralécio Soares</b> .....	9
<b>Encontro Nacional de Folclore - Redação</b> .....	13
<b>Festas Juninas ou Joanas - Nereu do Vale Pereira</b> .....	16
<b>Achegas sobre a Bernunça - Nereu do Vale Pereira</b> .....	20
<b>O Chorinho na Cultura Musical Brasileira - Carlos Alberto Angiolete Vieira</b> ....	23
<b>Os negros em Santa Catarina - Doralécio Soares</b> .....	27
<b>Turismo Rural - Patrícia Gobetti</b> .....	30
<b>Os Cumbis - Doralécio Soares</b> .....	37
<b>Lélia do Divino Espírito Santo - AN Capital</b> .....	41
<b>O Açoriano e o Trópico Brasileiro - Paulo Fernando Lago</b> .....	51
<b>Teo Azevedo - Doralécio Soares</b> .....	53
<b>Nagy Lajos Endre - Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão - São Luís</b> .....	56
<b>Primeiro de Abril - O Dia da Mentira - Mario Souto Maior</b> .....	58
<b>União Brasileira de Escritores do Recife - Redação</b> .....	61
<b>Escritor Barros Alves - Redação</b> .....	64
<b>Conceitos de Pensamentos - Doralécio Soares</b> .....	66
<b>Comissão Mineira de Folclore - Doralécio Soares</b> .....	67

Nas páginas seguintes: Recife, VALENTE E VALENTÕES, lançamentos no Livro 7. Coral Santo Antônio dos Anjos. Clima tranquilo na Farra do Boi. A Notícia recebe Medalha Cultural. Prefeitura Municipal de Itajaí. Garapuvu Editora. Lá nos Açores: Usos e Costumes dos Avós. Argentina: Tango del 900 en Almagro. Prefeitura Municipal de Olímpia e Associação Olimpíense. Teo Azevedo. Belo Horizonte: A Editora UFMG convida: Astúcia das Palavras e Ensaios sobre Guimarães Rosa. A Comissão Paulista de Folclore confere a Doralécio Soares e José Maria Tenório Rocha, título de Membro Correspondente. Festas de outubro em Santa Catarina. Treze Tílias: a Tirolerfest. A Oktoberfest e Fenachopp: Grupos folclóricos na Fenachopp. Itaiópolis mostra boi ralado. Willy Zumblick, na UNISUL. Folclore Ucrainiano e Canoinhas. ECOMUSEU do Ribeirão da Ilha. Universidade Regional de Blumenau. Florianópolis: Editora da UFSC. Belo Horizonte: O ARRUDA, Coral "Júlia Bardini". Goiás - Rio Verde, "FAZENDO ARTE". Divino: Fundação Franklin Cascaes. Zumblick 85 ANOS. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Editora PONTGRAF. Embratel e a Editora Garapuvu, Biguaçu; Grupo Folclórico "Danças e Cantares". A FIGUEIRA de Abel Pereira, Guarujá, SP. XXII Exposição de Presépios. Comissão Nacional de Folclore. Florianópolis, Encontro de Folclore. Agência BESC e Editora Garapuvu. Artista Plástico Cipriano expõe na Casa 11. Prefeitura de Florianópolis e a Editora Mares do Sul. Florianópolis, Tribunal de Contas dá posse a conselheiros. O IHGSC e Academia de Letras: convidam. Florianópolis: Livraria Siciliano e Editora Século. A Academia Catarinense de Letras convida! São Paulo: Comissão Paulista de Folclore. Florianópolis, SBT/TV o Estado, convida! Florianópolis: Concurso Folclórico na Lagoa. Farra do Boi. Academia Catarinense de Letras: Recordação de Cruz e Sousa. Governo do Estado, Fundação Catarinense de Cultura e de Letras, Correios e Telegráfos: convidam. Escola de Oleiros. Florianópolis: Associação de Amigos da Biblioteca Prof. Barreiros Filho. Florianópolis: Homenagem a Cruz e Sousa, Maura Soares. Florianópolis, O Instituto Histórico reverencia a memória de Cruz e Sousa. Tércio da Gama: Iluminações ilhoas. Tangará da Serra: Festival da Canção. Curitiba: Cinquentenário da Comissão de Folclore. Belo Horizonte: Comissão Mineira de Folclore. Rio Grande do Norte: Ulisses Passarelli. Recife: Se

Eu Fosse Papai Noel: Ivanira Maria Miranda Silveira. São José: Cristiane Durieux: Feminilidade nos rodeios. Olinda, PE. Espaço Tiridá. Jaraguá do Sul - Bairro de Jaraguá cria Biblioteca. Lages, SC. Festa do Pinhão. Micheli Carolina eleita Rainha. Criciúma festeja 118 anos. Florianópolis: História da Cultura local. Santo Antônio de Lisboa. Florianópolis: Associação de Amigos da Biblioteca Barreiros Filho. Florianópolis Leonor Scliar Cabral. Instituto Histórico e Geográfico: Orfeão Edmundo Machado de Oliveira, Fpolis. Livraria Siciliano. Blumenau: Prefeitura de Blumenau através da Fundação Cultural convida para abertura do 1.º Festival de Danças Folclóricas. Florianópolis: A Academia Catarinense de Letras convida para a posse do escritor Edson Nelson Ubaldo, da Cadeira n.º 12, cujo último Patrono foi Holdemar de Oliveira Menezes. Florianópolis, o Presidente da Assembleia Legislativa Neodi Saretta convida para o lançamento do livro "Contos de Magistrado. Comissão Gaúcha de Folclore convida. Rio de Janeiro, A Comissão Nacional de Folclore convida para a comemoração do seu cinquentenário. Florianópolis, Leatrice Moelmann lança "Gatos Ariscos". Camerata Florianópolis, orquestra de Câmara promove. Imbituba. A Prefeitura Municipal de Imbituba convida o Instituto Histórico e Geográfico homenageia o Poeta Cruz e Sousa. Florianópolis. A Editora da UFSC e o Centro de Comunicação e Expressão lançam a obra CRUZ E SOUSA E BAUDELAIRE, SATANISMO POÉTICO. O Governo do Estado entrega prêmios CRUZ E SOUSA de Literatura. Blumenau: 1.º Festival de Danças Folclóricas. Florianópolis. O Instituto Histórico e Geográfico concede PRÊMIOS 1998 - ALMIRANTE LUCAS ALEXANDRE BOITEUX, de história e GENERAL JOSÉ VIEIRA DA ROSA, de GEOGRAFIA. Florianópolis, 13 Artistas, 26 Obras Paraenses. Florianópolis. A POLÔNIA É AQUI. Rio do Oeste. "Um pedaço da Itália no Alto Vale. Florianópolis, II ENCONTRO NACIONAL DE FOLCLORE. Instituto Histórico e Geográficos de Santa Catarina. EM SETEMBRO, SIMPÓSIO PELA PASSAGEM DOS 250 ANOS DA PRESENÇA AÇORIANA. Imbituba, SC. II Semana Nacional da Baleia Franca. Florianópolis, SC. A SAGA DE ALEIXO GARCIA, descobridor do Império INCA, da escritora ROSANA BOND, Florianópolis, SC. SIMPÓSIO Comemorativo ao CINQUENTENÁRIO do 1.º CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE. Recife: O Presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Fernando de Melo Freire, convida Belém do Pará. 1998. Maria Brigido, Pres. da Comissão

Paraense de Folclore convida. São Gonçalo - RJ. XVI Feira de Artes & Tradições Populares. Natal - Rio Grande do Norte. Centenário do Nascimento de Luís da Câmara Cascudo. Belo Horizonte, MG. Comissão Mineira de Folclore. "PALAVRAS AOS CONFRADES FOLCLORISTAS. Correspondência a Doralécio Soares. Belo Horizonte, MG. Blumenau comemora 148 anos de Fundação. Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina. ALEXANDRE TEEZERINI, 80 anos de História. Florianópolis: Cortejo encerra Festa do Divino, Florianópolis. SIMPÓSIO MARCA 250 ANOS DE COLONIZAÇÃO: Florianópolis, SC. DIRCÉIA BINDER expõe seus Estandartes. Florianópolis, Posse de Polydoro Ernande S. Thiago na Academia Catarinense de Letras. A vida dos primeiros donos do Brasil. Montes Claros - MG. Literatura Folclórica no Norte de Minas. Biguaçu, descobre sua identidade. Florianópolis. Associação de Amigos da Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho-AABM.

## EDITORIAL

**A**qui está a Comissão Catarinense de Folclore com o seu Boletim nº 50 referente ao ano de 1998, graças ao apoio do Governador Esperidião Amim, autorizando a Secretaria de Estado do Governo a assumir a sua edição.

Este Boletim está sendo distribuído a todas as Bibliotecas Públicas do Estado, bem como a Secretaria de Estado da Educação e Desporto. Fora do Estado é distribuído pela Comissão Nacional de Folclore, à qual somos vinculados, e à Coordenação Nacional de Folclore, com sede no Rio de Janeiro.

É uma obra representativa da Comissão Catarinense de Folclore, por reunir colaborações de seus membros, entre as quais destacamos neste número "Festas Juninas ou Juaninas e Acheugas sobre a Bernunça", de Nereu do Vale Pereira. "Chorinho na Cultura Musical Brasileira" de Carlos Alberto Angiolétti Vieira. Os negros em Santa Catarina e os Cacumbis", deste signatário, (Doralécio Soares). Destacamos "Turismo Rural", elaborado pela jovem Patrícia Cris Gobetti, membro desta Comissão em Lages - SC. Publicamos ainda importantes trabalhos de "Gente de Fora".

O Noticiário Cultural que envolve notícias de Santa Catarina e de outros Estados, encontram neste Boletim um meio de divulgar culturalmente o Estado Catarinense, inserindo em suas páginas valiosas notícias.

Aqui destacamos as atividades da Comissão desde o seu início, 1948, numa retrospectiva elaborada pelo Vice-Presidente Nereu do Vale Pereira. Assim sendo, entraremos no ano 2000 com a edição nº 51, Ano XXXV, referente ao ano de 1999, dizendo da atuação desta Comissão no decorrer do mesmo ano, com novas colaborações e o seu valioso Noticiário Cultural.

DORALÉCIO SOARES



## 50 ANOS DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

**D**ata de 7 de outubro de 1948 a instituição da Comissão Catarinense de Folclore, que na época de sua criação era denominada de Subcomissão da Comissão Nacional de Folclore que fora criada pelo Ministro, membro do Corpo Diplomático Brasileiro Dr. Renato Almeida, durante o Governo de Getúlio Vargas que designou Presidente Nacional e com a incumbência de as disseminar pelas demais Unidades da Federação.

Durante o Primeiro Congresso de História Catarinense promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, realizado de 4 a 10 de outubro de 1948 para comemorar os 200 anos da Colonização Açoriana em Santa Catarina, veio o Dr. Renato Almeida ao nosso Estado e durante o referido conclave motivou o Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Desembargador Henrique da Silva Fontes e outros ilustres membros, Doutor Oswaldo Rodrigues Cabral e Almiro Caldeira de Andrade, que tomassem a iniciativa de estruturar a Subcomissão Catarinense de Folclore tendo o Dr. Oswaldo Cabral assumido a Secretaria Geral, cargo que mais tarde veio a ser denominado de Presidente da Comissão Estadual.

A partir de então, esses ilustres estudiosos da cultura popular, produziram os primeiros trabalhos e de outro lado motivaram acadêmicos da Faculdade Catarinense de Filosofia a se inserirem no campo das pesquisas folclóricas.

Doutor Oswaldo Rodrigues Cabral, Desembargador Henrique da Silva Fontes, os irmãos Lucas e José Boiteux, Oswaldo Ferreira de Melo, e dentre outros, foram os mais entusiastas e que legaram uma série importante de obras sobre folclore e iniciaram a editoração

do BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE que perdura até nossos dias. O número 01 do Boletim da então Subcomissão Catarinense de Folclore foi lançado em setembro de 1949, impresso em “multhilite”, pelo Departamento Estadual de Estatística de Santa Catarina, cujo Diretor Roberto Lacerda, como entusiasta dos estudos folclóricos, fez aquele órgão imprimir, com tiragem de duzentos exemplares e passou a ter uma circulação trimestral.

Em 1950, o boletim circula impresso de forma tipográfica, com clichês, de desenhos e fotografias, e sob a responsabilidade gráfica da Imprensa Oficial do Estado Santa Catarina.

O Doutor Oswaldo Rodrigues Cabral ficou à frente da Presidência da Comissão Catarinense de Folclore até 1970, e, com o apoio do seu ex-aluno e hoje grande expoente dos estudos folclóricos e da historiografia catarinense, o historiador Walter Fernando Piazza coordenaram, além dos trabalhos da comissão, a editoração até 1960 com o número 26, do seu Boletim Trimestral, que parou de circular entre 1960 a 1975.

O Dia Nacional do Folclore, 22 de agosto, data também mundial, foi oficializado no Brasil pelo Presidente Castelo Branco, em 1965. Em Santa Catarina, essa data foi oficializada em 1970, por ato do Governador Ivo Silveira.

Apesar do apoio dos Departamentos Estaduais de Geografia e o de Estatística, do Estado de Santa Catarina, a Comissão encontrou sempre muitas dificuldades financeiras para sobreviver e, por isso chegou, em alguns momentos, ficar acéfala.

Importante evento nacional no campo do Folclore foi o Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, em 1951, tendo a Comissão Catarinense participado com expressiva caravana. Do Congresso nasceu a **Primeira Carta do Folclore Brasileiro**.

A Comissão Catarinense, durante a sua existência de cinco décadas que a envolve, realizou um substancial número de pes-

quisas, essas na sua maioria publicadas no seu Boletim de divulgação, hoje no número 50/1998. De pequenos fascículos como foram iniciados, estão transformados em substanciais volumes, continuando a manter colaboradores no Exterior.

No ano de 1970, Oswaldo Cabral irritado com os desencontros dentro da Comissão e irritado com minhas observações, disse-me: se você quiser assumi-la eu lhe indicarei ao Renato (referia-se ao Presidente Nacional, o folclorista Dr. Renato Almeida). Diante da minha afirmativa, a indicação foi feita. E assim, em 1970, passei a ser o Presidente da Comissão Catarinense de Folclore. Não foi fácil, entretanto. Em 1975, editei o número 29 do Boletim, com recursos obtidos na Comissão Nacional, através do Vice-Presidente Bráulio do Nascimento.

Em 1978 - ANO XVI, editamos o n.º 30/31, em off-set, na Imprensa Oficial. Em 1979, demos continuidade até 1997 com o número 49, ano XXXIII. Com esta edição n.º 50/1998, fechamos com chave de ouro o registro das atividades da Comissão Catarinense de Folclore.

## INTEGRANTES DA COMISSÃO NO PASSADO

Sob a orientação de Cabral, seus alunos da UFSC, realizaram inúmeras pesquisas, estudos e artigos, entre os quais destacamos: Utensílios de Pesca no Pântano do Sul, por Antônio Filomeno; Tipiti, por Helga Blaske; Engenho de Farinha, por Darcy Pacheco; Alambique, por Alfredo Silva; As Rendas e Vida Social das Rendeiras, por Marileia Pereira Oliveira e Eliana Costa; Carro de Bois, por Ângelo Crema; Habitação no Pântano do Sul, por Marília Luiza Peluso; Rio Vermelho, por Sílvio Coelho dos Santos. Teve como ilustres colaboradores, o próprio Renato Almeida e Rosini Tavares de Lima. De Angola, Oscar Ribas e o Afro-uruguaio, Ildefonso Pereda Valdês, enfim tantos outros.

Registramos ainda outros importantes colaboradores:

Theobaldo Costa Jamundá, atuante até a época atual; Doralécio Soares, à frente da Comissão desde 1970; João dos Santos Areão, falecido; Franklin Cascaes, falecido; Nereu Correia, falecido, Nereu do Vale Pereira atuante até a época atual; Sílvio Coelho dos Santos, escritor atualmente com novas obras na área da História e Geografia de Santa Catarina; Professor Luis Carlos Haffpap, falecido; Ayres Gevaerd, falecido; Agostinho da Silva, Português, falecido; Vítor Antônio Peluso Junior, falecido, Maestro Roberto Kel, falecido, Amaro Seixas Neto, falecido; Carlos Humberto Corrêa, atual Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina em cujo seio nasceu a Comissão; Otávio Silveira, falecido; Maestro Carlos Alberto Angioletti Vieira; Laura Della Mônica, São Paulo, Maria de Lourdes Borges Ribeiro; Dulce Lamas, Rio de Janeiro, falecida; Walter Zumblicki, falecido, e muitos outros.

Destacamos, neste registro, Oswaldo Ferreira de Melo, que além de muitos outros trabalhos, publicou o primeiro estudo sobre o Boide-Mamão Catarinense, com as figuras dos brincantes, em ilustrações e cores, trabalho impresso, e colorido, pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina.

Conforme ficou destacado, entraremos no ano 2000, atuantes na área do Folclore Catarinense, se assim Deus o permitir.

### III ENCONTRO NACIONAL DE FOLCLORE

**H**omenagem aos 250 anos do Povoamento Açoriano da Ilha de Santa Catarina, em 20 e 23 de agosto de 1998.

Numa programação da Prefeitura Municipal, através da Fundação Franklin Cascaes, órgão municipal de cultura, foi realizado o FÓRUM - Folclore e Política Cultural, no dia 21 de agosto no Auditório do Museu Cruz e Sousa.

O FÓRUM ressentiu-se da falta da Professora Cásia Frade da Comissão Nacional de Folclore, convidada para a abertura do mesmo, e por motivo de força maior não compareceu, justificando a sua ausência, rementendo, entretanto, um trabalho substancial relacionado ao assunto.

A abertura do FÓRUM pela professora Lélia Pereira Nunes, Superintendente da Fundação Franklin Cascaes, fez ampla explanação sobre o folclore catarinense, enfatizando a importância do mesmo na maioria dos municípios, também da diversificação da cultura popular existente nos mesmos, oriundo da formação étnica da população dos que colonizaram o Estado catarinense. Destacou a Cultura Açoriana, cujas famílias provindas dos Açores, se transferiram para a Ilha do Desterro, entre os anos de 1747 e 1756.

Após a palavra da professora Lélia, coube ao prof. Doralécio Soares, presidente da Comissão Catarinense de Folclore, explicar a origem da palavra FOLK-LORE, que representa: FOLK-Povo e LORE-Saber popular, nome proposto em 1846, pelo anglo-saxônico Joan Thomas, que publicou em uma revista um artigo, isto, no dia 22 de agosto, em que fosse chamado as coisas antigas criadas pela cultura popular, isto é, antiguidade etc., o nome do Folk-Lore. Nome este aceito por vários países, havendo entretanto propostas de outros nomes, entre eles a França com a palavra

“Qui-dire”, a Itália, “tradições-populares e outras. Mas a palavra surgerida por Thomas, foi aceita, permanecendo até hoje.

No Brasil, no primeiro Congresso de Folclore, realizado em 1951 no Rio de Janeiro, a palavra Folk-Lore foi aportuguesada, passando a chamar-se Folclore permanecendo até a época atual. A proposta foi aceita e aprovada e que também fosse reconhecido como folclore, superstições, crendices, orações populares, benzimentos e tudo que se originasse da criatividade popular, inclusive a lúdica infantil, a tecelagem manual e ao artesanato manual proveniente de teares rústicos movido com os pés e a cerâmica utilitária e doméstica, etc. Houve assim um enriquecimento com a aceitação das coisas produzidas pela criatividade do povo, incluindo a “literatura de cordel”, com as “estórias” romanceadas em forma de versos do povo, principalmente, o do Norte e Nordeste do Brasil. Disse ainda, Doralécio Soares, dando ênfase as palavras da prof.<sup>a</sup> Lélia da contribuição da cultura popular dos povos que colonizaram Santa Catarina como alemães, italianos, japoneses, russos e outros, e ultimamente os japoneses, instalados em municípios do Oeste catarinense.

Coube ao Prof. Ananias Alves Martins, falar do folclore de São Luís do Maranhão, dando uma geral sobre os folguedos do Grupo de Boi-bumbá, Bumba-meu-boi, Boi-de-matraca, Boi-de-Zabumba, existentes, isto é, únicos existentes no Brasil, que a criatividade popular fez surgir, ou seja em São Luís do Maranhão. Disse que a versão de alguns é a mesma “morte e ressurreição do boi, destacando o Boi-bumbá. O Boi-de-zabumba, é um dos que mais se destaca com as centenas de tambores dos seus integrantes. Mas a beleza mesmo está no BOI-BUMBÁ, cujos integrantes inclusive mulheres, assumem totalmente as despesas das suas vestimentas, toda ela ornada de longas fitas que partem dos chapéus e descem abaixo da cintura. As calças também são bordadas com lantejoulas coloridas que se confundem com as fitas que ornam os chapéus. O importante neste grupo é que seus integrantes, como foi dito acima, assumem totalmente as despesas de ornamentação do Boi-bumbá, inclusive os “couros” bordados que ves-

tem o boi, dando ao grupo uma originalidade diferente dos demais grupos existentes em São Luís do Maranhão e no Brasil.

Com a palavra o Sr. Osvaldo dos Reis de Florianópolis, autor de um pequeno livro sobre o folclore catarinense, especialmente, Florianópolis. Disse ser um apaixonado pelo Folclore, falando sobre o que o levou a se dedicar a cultura popular. Formado em serralheria pela antiga Escola de Aprendizes Artífices, tem duas salas cedidas pela UFSC, na rua João Pinto, onde instalou a sua exposição permanente de arte, onde a sua habilidade profissional produziu inúmeras miniaturas de objetos de arte, havendo até a Ponte Hercílio Luz completamente iluminada, e uma série de peças engenhosamente trabalhadas pelo gênio artístico do Sr. Osvaldo Reis.

O Prof. Nereu do Vale Pereira disse da falta de participação de pessoas cultas no estudo da Cultura Popular, discorrendo sobre o trabalho desenvolvido pela Comissão Catarinense de Folclore, de suas pesquisas na área do folclore e dos inúmeros trabalhos publicados no Boletim da Comissão. Teceu considerações sobre o folclore nas suas várias manifestações, dizendo da importância do mesmo dentro do ensino no Brasil.

No Fórum dos debates o prof. Ananias Alves Martins disse da pouca atuação do Estado do Maranhão na área da Cultura Popular. Dizendo que muito embora o Maranhão possua vários órgãos culturais, os membros dos mesmos agem isoladamente, prejudicando culturalmente o Estado no seu todo, fazendo com que o poder público não dê o apoio necessário à manutenção dos mesmos.

A participação do Prof. Lupi foi destacada dizendo da sua condição de português/brasileiro, falando da cultura popular Portugal/Brasil.

O Sr. Adelson Machado teceu considerações sobre os comentários dos professores Nereu do Vale Pereira e Doralécio Soares.

A professora Lélia Nunes Pereira, Superintendente da Fundação Franklin Cascaes, agradecendo a participação de todos, deu como encerrado o Fórum de Debates.

# FESTAS JUNINAS OU JOANINAS

*NEREU DO VALE PEREIRA*

**C**omeçamos por interrogar: os folguedos populares que se realizam em junho de cada ano, com fogueiras, foguetes, estalos, balões, luzes, danças, sortilégios, comidas, casamentos, e outras variadas e folclóricas formas, em louvor a São João, Santo Antônio e São Pedro, são festas “juninas” ou joaninas” desde que, no popular, são todas festas e fogueiras de São João?

Pouco interessa as respostas, embora pessoalmente as tenha como “joaninas”, em função de suas origens e de seu enredo. Mesmo porque têm elas apoio no fenômeno do Sol quando se encontra na posição de maior afastamento do Equador e proporcionando, para nós no Hemisfério Sul, a maior noite do ano, a de 24 para 25 de junho. É o fenômeno denominado de “Solstício de Inverno”.

A escolha do dia 24 de junho, para o dia consagrado a São João Batista, está estabelecida para centrar todo o calendário que adotamos. Voltando três meses temos a Anunciação de Nossa Senhora, momento em que Isabel, sua prima, estava no sexto mês de gestação de João Batista (Lucas 1,36), e assim, em 24 de junho nasceria o precursor, o anunciador do Salvador que veio a nascer em 25 de dezembro, nove meses depois da Anunciação.

O “Solstício de Verão”, para o Hemisfério Norte, foi comemorado primitivamente como anúncio do “novo sol”, e por isso, como manifestação de alegria, acendiam-se fogueiras, estalava-se foguetes, luzes, danças, rezas, sortes, etc. Eram festejos muito difundidos.

São João Batista vai ser apresentado e comemorado como o precursor, o anunciador do “Novo Sol” que é o Messias, o Salvador. A São João, por isso, direcionam-se os festejos. Ele é o que

anuncia a vinda de Jesus o Salvador, e com muita alegria e esperança. Vivifica a força do Espírito Santo.

Com o passar do tempo, e mesmo porque a criatividade e espontaneidade popular são produtivas de novos eventos, e também por que o período do solstício vai do dia 22 ao dia 25 de junho, as festas Joaninas se estendem e se antecipam, ficando entre Santo Antônio e São Pedro. Há comunidades que também comemoram Sant'Ana, já em julho. Em todas essas datas os festejos são similares.

Secularmente produziu-se a tradição de que, quando João Batista nasceu, seu pai Zacarias acendeu uma fogueira para anunciar o acontecimento às mais afastadas comunidades. Esta lendária idéia repousa sobre as fogueiras do solstício e do “anúncio do novo sol”.

Para a região geográfica litorânea de Santa Catarina, as festas joaninas foram trazidas pelos açorianos, muito embora sejam de raízes de todo o Portugal.

Para os Açores, São João Batista é o Santo das luminárias. Luis da Silva Ribeiro, em OBRAS III - Várias- Angra do Heroísmo, 1983, “as luzes, as lamparinas, os balões, os estalos e rojões são um processo arcaico de anúncio. São João é o Santo do Anúncio”. Diz mais: “Na véspera de São João é ocasião para botar ou tirar sortes”. Lá, para eles, no São João, as águas adquirem virtudes terapêuticas, e, por isso, é uso irem tomar banho de mar na noite de São João para se livrarem de certas doenças, e também iniciarem a época de balnear. Como aqui no Brasil é inverno, e rigoroso, não é época de balnearidade marinha. “Ir à praia, como dizemos, é coisa de verão”.

Em Ilhas de Zargo, Eduardo Pereira, Volume II, Funchal 1968, p.526 “Tiram essas fogueiras de festa de São João que pelo sincronismo do seu nascimento com o solstício de verão, ficou como que nascendo este fenômeno, festejado outrora pelos gentílicos, com fogo e outras folias pagãs” “João Batista foi o pre-

cursor do Messias e, portanto, o anúncio do verdadeiro lume de fé e de luz redentora das almas. O feu de la saint Jean em toda a França, inclusive Paris, até a época da revolução, reproduz-se nas fogueiras de artifício usadas em toda a Península Hispânica”.

Com esta síntese explica-se porque as festas joaninas de Santo Antônio, o santo casamenteiro, de São João, o santo do anúncio, do ardor de fé, do Espírito Santo e do fogo novo e São Pedro, o da confirmação da Igreja.

Em todas estas festas vemos o povo fazendo fogueiras, soltando foguetes, alteando balões, realizando danças, simbolizando os casamentos alcançados por interferência de Santo Antônio, as danças, o saltar-se a fogueira, as comidas típicas e quentes como o quentão, a tirada de sortes etc.

Talvez, em São João, explodem os êxitos dos sortilégios das moças pedindo casamento (agulhas sobre água; ceras das velas na bacia; facas enterradas na bananeira; tintas sobre o papel; Santo Antônio de cabeça para baixo e mergulhado em água como afogando-o enquanto o casamento não acontecer; retirar-lhe o Menino Jesus dos braços e só devolvê-lo se o casamento der certo; etc.).

Santo Antônio é forte também na descoberta de roubos e coisas perdidas. É muito querido e admirado por suas virtudes.

“Ó meu Santo Antônio  
A vossa capela cheira,  
Cheira cravo, cheira rosa,  
Cheira flor de laranjeira.”

Quando chega São João deverá ser desvendado o roubo, senão...

“Botar sorte ao sereno  
Na noite de São João,  
A esse que nos roubou,  
São João, secar-lhe a mão”

Convém lembrar que, sociologicamente, todos os festejos populares correspondem a três funções, em sua maioria a lúdica, a

recreativa e a religiosa.

Nas festas joaninas essas funções estão bem patentes. Não só rezar aos santos, pedir-lhes graças, demonstrar fé e reconhecer a presença de Deus em suas vidas. É preciso, também, divertir-se, alegrar-se, e, por isso a fogueira que anuncia o novo sol é também anúncio de alegria, e todos dançam, comem, estouram foguetes, brincam... Com o quentão, de cachaça ou de vinho, a alegria sobe à cabeça, e é festa total. Os desafios de pular a fogueira, do encontro do namorado revelado pela sorte, a dança da ratoeira, da quadrilha e do compadrio.

Os festejos que as escolas e comunidades realizam hoje, tomaram, equivocadamente, a forma de ridicularizar a vida rural. Com roupas remendadas e malfeitas; barbas crescidas, vestidos de chita e outras coisas que estão fora do enredo e das origens.

Faz por isso necessário um esforço para que as verdadeiras raízes da festa de São João possam ter um sentido do novo sol, e não somente uma festa no “arraiá” e caipira, com um sentido pejorativo.

É noite de São João, vamos pular a fogueira e dançar a quadrilha.

FUNDAÇÃO CULTURAL AÇORIANISTA  
ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA

## ACHEGAS SOBRE A BERNUNÇA

*PROFESSOR NEREU DO VALE PEREIRA*

*VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE*

**T**em sido alvo de muita curiosidade e questionamentos, por parte de estudiosos e amantes do folclore, a busca de explicações quanto à denominação BERNÚNCIA ou BERNUNÇA atribuída a uma figura, integrante do elenco do “Boi-de-Mamão”, um autopopular do folclore catarinense presente nas comunidades de origem açoriana, mais precisamente no litoral e Ilha de Santa Catarina. De onde vem este “bicho”, o vocábulo e o que significa?

De plano é oportuno destacar que, dentro das variadas formas de manifestações folclóricas existentes no Brasil, envolvendo outros com o boi falso ou de pano, somente a de Santa Catarina, no “Boi-de-Mamão”, é que a “bernunça” vai aparecer.

Quando apareceu pela primeira vez, a bernunça a dançar o Boi-de-Mamão, ainda é um mistério. Por enquanto os registros atribuem seu surgimento no município de São José, nas proximidades de Florianópolis, durante os anos vinte de nosso século.

Nos dicionários não é o verbete encontrado, enquanto no popular encontramos variadas formas de pronúncia oral e que podem ser grafadas nas seguintes variações: Brenúncia, Brenúncio ou Abrenúncio, Bernunça, Bernunço, Bernúncia, e Bernúncio sendo, contudo, a mais freqüente BERNUNÇA, que já aparece assim escrita em muitas linhas melódicas colhidas quando das apresentações. Ao cantar, dos “cantadores” ou “Chamadores”, das cantorias dos Grupos que acompanham e animam todas as apresentações do

“Boi-de-Mamão”, na ocasião da dança da Bernunça, obedece-se a um refrão que diz:

*“Olê, olê, olê, olê, olá  
Arreda do caminho,  
Que a bernunça qué passá”.*

Nessa forma gráfica mais comum, a figura é caracterizada como do sexo feminino, muito embora todas as designações de animais sejam, no genérico, no masculino, como é o caso do “bicho-papão” a quem se busca representar.

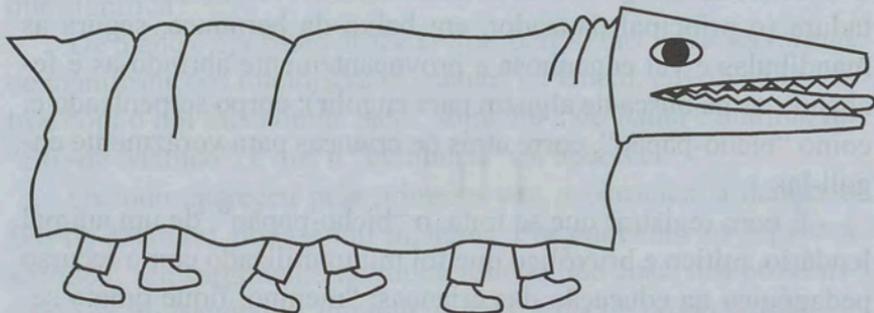
Por isso, tem ela (ou ele) uma forma, ou configuração corpórea, fantasmagórica, possuindo de quatro a seis pernas curtas (representadas pelas pernas dos dançadores que a armam em suas costas); cola curtíssima, grossa e de forma triangular (onde um dos dançadores coloca por dentro sua mão abanando-a); cabeça grande e de olhos alongados; boca enorme e, às vezes, com forte dentadura (o principal dançador, em baixo da bernunça, segura as mandíbulas e vai engenhosa e provocantemente abrindo-as e fechando-as na busca de alguém para engolir); corpo serpenteado e, como “bicho-papão”, corre atrás de crianças para vorazmente engoli-las.

É bom registrar que se trata, o “bicho-papão”, de um animal lendário, mítico e bruxólico que foi muito utilizado como recurso pedagógico na educação das crianças: “menino, fique quieto senão o bicho-papão vem te pegar!” Frase recolhida no popular da Ilha de Santa Catarina. Um outro registro é encontrado numa estrofe de cantiga de ninar que diz:

*“Dorme meu filhinho  
Não tente acordar  
Se não ficar bem quietinho  
Bicho-papão vem te pegar”.*

As estrofes da cantoria da dança da Bernunça são repentis e se ajustam às circunstâncias no momento da apresentação, porém algumas já memorizadas passam de grupo para grupo, como:

*“O senhor dono da casa  
Venha na porta da frente  
Venha ver a brincadeira  
Do bicho que engole gente”.*



## O CHORINHO NA CULTURA MUSICAL BRASILEIRA

*\*CARLOS ALBERTO ANGIOLETTI VIEIRA*

A importância dos fatores básicos e formadores da cultura musical brasileira aparece através do desenvolvimento e do aprimoramento harmônico, melódico e rítmico, presentes nas obras musicais do compositor brasileiro. A etnia, junto às características ecológicas, geográficas e ambientais brasileiras são forças determinantes e presentes na nossa maneira de viver, de sentir e, conseqüentemente, no modo de nos expressarmos e atuarmos socialmente.

Na música, por exemplo, é preciso saber identificar sem preconceitos os valores permanentes como também aqueles simplesmente efêmeros, já que o “bolo cultural” contém toda sorte de recheios e ingredientes mais ou menos saborosos.

Tomando conhecimento dos mais variados tipos e espécies musicais, procedemos a uma subjetiva classificação, de acordo com nossos sentimentos e capacidade de percepção, apreciando e admirando o que nos agrada, sem entretanto ignorar a existência daquilo que julgamos não estar ao nível de qualidade da arte musical brasileira (concorre para isso, sem generalizar, a produção de música da moda, onde se enquadram coisas que, apesar do seu valor fugaz e apelo mais ou menos passageiro, tem no fator de fácil e rápido consumo o estímulo da exploração comercial e apoio da mídia). Mas ... cabe a cada um classificar ao seu gosto e modo.

Vamos dar ênfase a elementos culturais que, pelos seus valores permanentes fizeram com que fosse estabelecido um estilo e uma categoria característica da personalidade musical brasileira.

O musicólogo Adhemar Nóbrega, grande conhecedor da

Música Brasileira e em especial da obra de Heitor Villa-Lobos, escreveu inúmeros livros especializados, um dos quais trata - com especial sabedoria, da temática aqui abordada. Adhemar Nóbrega foi assessor do Maestro Villa-Lobos e durante muitos anos foi um fiel divulgador da obra daquele mestre, participando como professor e palestrante em muitos Seminários e Cursos de Música pelo Brasil (para minha sorte fui seu aluno em alguns desses eventos). Assim, com um sentimento natural de brasilidade e até mesmo de nacionalismo, defendo como exemplo mais característico da música instrumental brasileira o CHORINHO, do qual passo a falar:

## O CHORINHO

Preliminarmente, a denominação de Choro (ou chorinho) não deve ser entendida simplesmente como uma forma de música popular brasileira, mas sim um gênero que se subordina, assim como outras modalidades musicais, à forma do rondó, sendo importante lembrar que na sua origem nem sequer era título genérico de música, mas sim de conjunto de executantes.

## OS CHORÕES

Surgido na década de 70 do século passado, era o nome dado aos pequenos conjuntos de música popular, basicamente constituídos de flauta, violão e cavaquinho (a esse grupo - que era um trio, davam o nome de TERNO), aos quais foram sendo somados, com o passar do tempo, outros instrumentos. As atuações desses grupos, embora de grande habilidade instrumental, nem sempre tinham caráter profissional, pois eram freqüentes as tocatas em festas e reuniões familiares, onde a boa música era precedida de uma mesa farta e bebidas à vontade. Também eram comuns os grupos que tocavam enquanto faziam longas caminhadas noturnas, pelas ruas desertas da madrugada, em itinerários pontilhados de escalas em

botequins e residências cujos moradores, sob o encanto musical, lhes abriam as portas oferecendo alguma bebida. Dentro dessa modalidade onde também participavam os cantores, o CHORO tomava o nome de SERESTA ou SERENATA. Em ambos os casos, quer sob a feição puramente instrumental, quer sob a modalidade vocal da seresta, “o CHORO se afigurava a uma edição do TROVADORISMO, revivendo a seis séculos e a oito mil quilômetros de distância, a tradição perdida na Europa medieval”, como lembra Adhemar Nóbrega.

Como se pode observar, existem elementos culturais de origens diversas, os quais foram assimilados, desenvolvidos e enriquecidos pela espirtualidade do povo brasileiro, pela sua simplicidade e até mesmo por sua irreverência.

Por extensão, a maneira peculiar com que esses conjuntos executavam e interpretavam seu repertório (fosse Modinha, Polca, Schottisch, Tango, Valsa, Maxixe, etc.), com o tempo passou a chamar-se CHORO.

Essa denominação específica que mais tarde se restringiu ao gênero hoje conhecido como tal, pode ser definida tecnicamente, segundo os ensinamentos do ilustre e saudoso Professor Adhemar Nóbrega como “uma peça de compasso binário, de movimento moderato para vivo, construída com figurações da Polca e da Schottisch, mescladas à síncope afro-brasileira”.

Os CHORÕES mais antigos que se tem conhecimento foram integrantes de grupos existentes no período compreendido entre as três últimas décadas do século passado até 1930, devendo ser lembrados:

JOAQUIM ANTONIO DA SILVA CALLADO (1848-1880), CHIQUINHA GONZAGA (1847-1935), VIRIATO FIGUEIRA DA SILVA, SATYRO BILHAR, J. KALLUT, QUINCAS LARANJEIRAS, HORÁCIO TEBERG, PATÁPIO SILVA, ALFREDO VIANA, ALFREDO DA ROCHA VIANA FILHO - o Pixinguinha (1889-1973), JOÃO TEIXEIRA GUIMARÃES - o João

Pernambuco (1883-1947), CATULO DA PAIXÃO CEARENSE (1866-1945), PAULINO SACRAMENTO e ANACLETO DE MEDEIROS (1866-1907).

A esses nomes juntaram-se muitos outros de igual importância musical e cultural, sendo eles a Escola inspiradora de todos os compositores e instrumentistas que unem a beleza poética a apuradas técnicas de interpretação na riqueza harmônica e melódica da Arte Musical Brasileira.

Florianópolis, 20 de agosto de 1996.

\*CARLOS ALBERTO ANGIOLETTI VIEIRA

TOCATA BRASIL (bandolim, violino e coordenador)

ORQUESTRA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS (regente)

Rua Joaquim Costa, 112 - Cep 88025-400 - Florianópolis-SC - Tel/Fax (048) 228-2916

# NEGROS EM SANTA CATARINA

*DORALÉCIO SOARES*

O Antropólogo francês, Róger Bastide, no seu livro “Brasil, Terra de Contraste”, analisa o ingresso dos negros no Brasil procedentes da África, na época da escravatura. Classifica o Brasil em duas classes. O “Brasil Negro”, do Rio para cima, atribuindo à Bahia, a percentagem de 70% de negros, Rio de Janeiro 40%, Pernambuco 35% e os demais Estados, percentagens menores, entre eles o Ceará, que por não explorar a agricultura devido ao clima, não permitia nenhum sistema de monocultura agrícola, e alguns senhores possuidores de escravos, os libertavam, erradicando assim a escravatura. Estes, livres, alforriados, se mandavam para outros Estados, se fixado em Pernambuco, prestando serviços na monocultura de cana-de-açúcar, instalados nos primeiros engenhos, para a produção de açúcar. Muitos se fixaram em Alagoas e Sergipe, também na monocultura de cana. Já a Bahia, na monocultura do cacau, empregava maior contingente provinidos dos “navios negreiros” que aportavam no Rio de Janeiro, e para a Bahia eram transferidos em “barcaças” à vela.

São Paulo foi pouco a pouco absorvendo outros contingentes, na proporção que desenvolviam as suas várias culturas agrícolas, entre elas o café, que se destacava entre todas. A percentagem de negros que entravam em São Paulo, foi maior do que a do Rio de Janeiro, sendo atribuída como de passagem e comércio de escravos. Ao Paraná, que não desenvolvia cultura agrícola nenhuma, foi atribuída a percentagem de 6,5%, Santa Catarina, 5,3% e Rio Grande do Sul, 7,6% aproximadamente. Assim sendo, como vimos, o antropólogo Bastide, na sua pesquisa, verificou, no Estado catarinense, a menor parcela de entrada de negros escravos. Os escravos sediados em Santa Catarina, mantiveram os seus costu-

mes e seus fetiches culturais, transferindo para os santos da Igreja Católica, as suas venerações. Encontraram em São Benedito, por ser negro, Nossa Senhora das Graças, São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, santos brancos para as suas preces e devoções, essas constantes das cantorias das “embaixadas guerreiras” dos cacumbis, como veremos adiante:

*Nossa Senhora  
Saiu hoje na rua  
Mandando seus filhos  
Fazê meia-lua.*

*Nós chegamos hoje  
Saudar nossa praça  
Oh! São Benedito sejais  
Nossa Senhora das Graças*

*Santo Antônio  
Arripica o sino  
Leva a bandeira  
Lá no caminho.*

As louvações continuam com uma série de versos alusivos ao combate entre as “embaixadas” guerreiras das “nações” do Rei Congo e Reis da Bamba.

CRICIÚMA - Louvamos, entretanto, o município de Criciúma, pela existência das associações das etnias negra, italiana, alemã, portuguesa e polonesa, que têm sido destaques nos seus encontros anuais de apresentações de seus corais e grupos de danças típicas.

Memorável foi a 1º encontro dessas etnias em 1982, quando todos os grupos étnicos, com as suas mensagens de gratidão, enalteciram as suas atuações de integração aos irmãos brasileiros nativos e índios, no desenvolvimento de Criciúma, Santa Catarina e do Brasil.

Entre as mensagens transcrevemos a Etnia Negra como uma das mais lindas lidas pela irmã Wally Meller Cunico (Irmã Antônia). “Gratidão ao Irmão Negro, que caminhando com o progresso do carvão, foi o braço forte no desenvolvimento industrial desta terra, hoje Capital do carvão e do azulejo”.

Eis porque devemos, nós catarinenses, valorizar a contribuição cultural da raça negra miscigenada, na formação da população de Santa Catarina.

# TURISMO RURAL

ELABORAÇÃO

PATRÍCIA CRIS P. GOBETTI

2.<sup>a</sup> PRENDA JUVENIL DO MTG - SC

## INTRODUÇÃO

Queremos relatar neste trabalho, que o Turismo Rural, implantado no município de Lages, proporciona aos visitantes o contato direto com a natureza intocável dos nossos campos nativos formados por coxilhas e rios de águas puras e límpidas e o retorno ao passado convivendo com a história.

## ECONOMIA DE LAGES

Lages foi conhecida, inicialmente, pelas suas tradições na pecuária. Toda a economia de Lages, quase que totalmente apoiada, durante meio século, na indústria extrativa da madeira. Nos últimos anos estão se esgotando lentamente as reservas de pinheiro nativo (araucária), a economia lageana está em processo de readaptação, buscando outras fontes de riquezas e se apoiando novamente na produção tradicional, a agricultura e pecuária (e também na indústria sem chaminé como é conhecido o turismo).

O desenvolvimento industrial na região vem sendo estimulado principalmente com matéria-prima própria, produzindo celulose, papel, embalagens, laminados e madeiras em geral para construções, esquadrias e móveis.

Laticínios: Carne, avicultura, apicultura e, recentemente, vem se despontando com muito entusiasmo e alto padrão de qualidade à indústria do vestuário.

Na indústria turística, nossa rede hoteleira, equipada como

uma das mais modernas, à altura de oferecer excepcionais condições de acomodações e absoluto conforto.

Além disso, porém, Lages oferece um extraordinário potencial que se converte, a cada dia, numa economia das mais significativas.

## HISTÓRICO DO TURISMO RURAL

Assemelhando-se à época dos tropeiros e viajantes que faziam passagem e parada obrigatória na região de Lages, os turistas que por aqui passavam faziam um pernoite em hotel e logo pela manhã seguiam viagem, sem interesse algum de permanecer na cidade ou região. Não havia atração ou incentivo para mudar este quadro.

Já em 1983 existia uma Comissão Municipal de Turismo que atuava junto à Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Turismo, e faziam parte desta comissão vários órgãos da Prefeitura Municipal, da Indústria e Comércio e representante da rede hoteleira.

Em 1984 iniciaram-se os primeiros estudos para o organização de um órgão voltado para o turismo, e foi nessa época que se criou a Serratur Empreendimento e Promoções Turísticas S.A., com a finalidade de preencher a lacuna existente e dar caminho a futuras ações que passariam a ser desenvolvidas para transformar nossas realidades turísticas. Uma forma para atrair visitantes e turistas a uma permanência maior mesmo em nossa região, e a principal meta da Serratur.

Sabedores da inexistência de atrativos como águas termais e hidrominerais, balneários e outros, tínhamos consciência que poderíamos oferecer outras alternativas como nossos campos, matas, rios, alagados, cascatas, um clima agradável, o inverno com temperatura de até 10 graus negativos, quedas de geadas e neve, as fazendas centenárias, que fazem parte da história, cultura e tradição do povo serrano, com sua hospitalidade espontânea, a música, a dança, culinária campeira e tradicionais de imigrantes que

colonizaram nossa terra.

Lages é conhecida como a cidade mais gaúcha de Santa Catarina. O primeiro passo da marcha para a criação do Turismo Rural estava sendo rompido.

Foi projetado, elaborado e organizado um Fan-Tur para empresários ligados a vários segmentos da área de turismo e hotelaria da região de São Paulo e Rio de Janeiro. A fazenda a integrar-se ao projeto foi a Fazenda Pedras Brancas.

Dentro do esquema de recepção e hospedagem aos convidados, lhes foi oferecido as seguintes atrações: lidas campeiras, domas, manejo de animais, ordenhas, castração, vacinação, tosquia, cavalgadas, passeio ecológico até as formações rochosas das pedras brancas, pesca, sapecada de pinhão junto ao pinheiro araucária, roda de chimarrão ao pé do fogo de chão, com pinhão cozido e assado na cinza do fogo, muitos causos e prosas.

Aperitivos: Caninha pura e/ou misturada com frutas silvestres da região, como amora, uvaia, araçá, guavirova e tantas outras.

Tiragosto: Salame, queijo, costelas de ovelha.

Almoço: Churrasco no moquém temperado com sal de cocho (grosso), arroz de carreteiro, quirera (canjiquinha) com costeletas de porco, feijão de tropeiro com torresmo, moranga e batata-doce caramelada, couve e uma variedade de saladas, todos produtos crioulos (produzidos na fazenda).

Sobremesas: Doce-de-gila, doce-de-leite, arroz com canela, ambrosia, canjica com leite e coco em gemada e cafezinho.

Lanches: Camargo (café torrado em casa, bem forte, adoçado a gosto e o leite tirado diretamente na caneca do café, deixando-o bem espumoso), rosca de polvilho, bolinho frito com açúcar e canela.

Durante a estadia dos visitantes, CTGs, grupos de danças e conjuntos nativistas fazem suas apresentações, demonstrando a Cultura e a Tradição do Sul.

O resultado foi imediato e positivo. Já na semana seguinte começaram a chegar a Lages os primeiros grupos para o Turismo

Rural, alguns pernoites eram feitos na casa-sede da fazenda, mais tarde seriam construídos novos aposentos de acordo com o fluxo de turistas.

Atualmente existe em pleno funcionamento, oito fazendas integradas ao Turismo Rural, com suas pousadas rústicas, com muito conforto e aconchego.

- 1 - fazenda Pedras Brancas
- 2 - fazenda do Barreiro
- 3 - fazenda Ciclone
- 4 - fazenda Boqueirão
- 5 - fazenda Asa Verde
- 6 - fazenda Refúgio do Lago
- 7 - fazenda Dourados
- 8 - fazenda Nossa Senhora de Lourdes

Cada fazenda tem sua própria característica, com uma pecuária variada com gado de corte e leiteiro, cavalos crioulos, mangalarga e marchador, pôneis, ovelhas, búfalos, aves e tantos outros animais domésticos para o entretenimento dos hóspedes.

Todas as fazendas são dirigidas pelos proprietários, suas famílias, peões e capatazes que através de gerações fazem parte fundamental no dia-a-dia de cada fazenda.

O Turismo Rural vem beneficiando os moradores na área rural próximo a cada fazenda, gerando novas fontes de rendas a estas famílias, pois são contratados para trabalharem principalmente em fins de semana (peão, garçom, churrasqueiro, limpadores, camareiras, cozinheiras, etc.), voltando depois as suas atividades normais.

Assim o Turismo Rural contribui muito contra o êxodo rural.

A Serratur é responsável por realizações de eventos e promoções das mais diversas modalidades como: FECART (Festival Catarinense de Arte e Tradição Gaúcha), Festa Nacional do Pinhão,

Festa da Tradição dos Campos de Lages, Expolages, FEINP Fest-Show, Verão Livre na carahá e outros, além de apoiar outros eventos culturais, artísticos e esportivos.

Assim, divulgando as potencialidades culturais, tradicionais e turísticas de nossa região, da história, cultura e tradição do povo serrano, com sua hospitalidade espontânea.

## TURISMO RURAL

Entre tantos atrativos, não poderíamos deixar de falar do nosso Turismo Rural. Fazendas se constituíram a partir das pousadas, ao longo do caminho trilhado pelos tropeiros, que rumaram para as feiras de Sorocaba (SP).

A pecuária predomina por vasta extensão de terras, onde o homem e o cavalo fazem história, desde os primórdios. Sendo o lageano um povo hospitaleiro, surgiu a idéia de abrir as porteiras da fazenda para os turistas conhecerem a lida campeira, e conversarem ao redor do fogo de chão.

A necessidade de aumentar a permanência dos turistas na região serrana levou em 1984 à criação do "Turismo Rural", um turismo inovador que levaria as fazendas tradicionais da região a uma nova postura e direcionamento de atividades. O seu lançamento obteve ótima aceitação e pleno êxito no meio turístico. Envolvendo a estrutura de uma fazenda e sua dinâmica diária, este turismo, inédito até então, trouxe uma possibilidade que ainda não havia sido explorada pela "indústria sem chaminé". A primeira fazenda a operar com o Turismo Rural foi a Pedras Brancas, a qual se distingue por suas formações rochosas de arenito) que se assemelham às características de Vila Velha, no Paraná).

Atualmente cinco fazendas estão preparadas, e recebem durante o ano inteiro turistas do Brasil e Exterior, com fluxo constante e ascendente.

## FUNCIONAMENTO

Por ser até então um turismo inédito, o seu funcionamento lhe imprimiu características próprias, que o distinguem de outras modalidades turísticas, entre elas destacam-se:

- Sede da fazenda com atividades normais (agricultura, pecuária em geral de corte e ordenha, atendimento pelos proprietários e familiares.

Culinária Típica Regional (paçoca de pinhão, rosquinha de coalhada, queijo caseiro, arroz com charque, frescal de sereno, doce-de-leite, mel puro, salames, entre outros o tradicional churrasco).

Cultura Típica Regional - Artesanato (madeira, couro, palha e lã), música (gaúcha/nativista), danças folclóricas, indumentárias, linguajar e hospitalidade típica do povo serrano.

Cavalgada e caminhada ecológicas, passeio em charretes, etc. (contato direto com a natureza).

Pousadas com características rústicas e aconchegantes.

Rodas de chimarrão, tertúlia (música nativista onde todos participam), causos pitorescos (lendas e estórias do povo local.

Rios/pesca artesanal.

## FAZENDAS QUE CONSTITUEM O TURISMO RURAL

- Fazenda Ciclone: (0xx49) 222-3382  
BR-116 - km 276 - Localidade de Vigia
- Fazenda do Barreiro: (0xx49) 222-3031/236-1226  
SC-438 - km 45 - Lages, São Joaquim
- Fazenda Asa Verde: (0xx49) 222-0277  
Antiga Br-2, próximo ao rio Caveiras
- Fazenda Pedras Brancas: (0xx49) 223-2073/222-2262  
SC-438 - Parque das Pedras Brancas
- Hotel Fazenda do Boqueirão: (0xx49) 226-0354  
BR-282 - km 4 - Lages, São José do Cerrito

- Fazenda Refúgio do Lago: (0xx49) 223-1614  
Rodovia SC-438 - Pedras Brancas
- Fazenda Nossa Senhora de Lourdes: (0xx49) (983-0809  
BR-116 - km 292 - Sentido Lages, Vacaria
- Fazenda Dourado Turismo Rural Ltda.: (0xx49) 293-0360  
Estrada Lages - Morrinhos - km 14

## CONCLUSÃO

Concluimos que a cultura e a natureza são mesclas, brindando a todos com um visual inesquecível, fazendo com que Lages, “A Capital Nacional do Turismo Rural”, esteja no seu roteiro de férias o ano todo.

## BIBLIOGRAFIA

- Dimensão, Contabilidade e Consultoria. Lages/SC

## MENSAGEM

Se não houver frutos,  
valeu a beleza das flores;

Se não houver flores,  
valeu a sombra das folhas;

Se não houver folhas,  
valeu a intenção da semente.

## OS CUMBIS

*DORALÉCIO SOARES*

O reisado africano nos deu, além dos grupos de CONGO e MOÇAMBIQUE, os Quincumbis, Cacumbi ou Ticumbi. São nomes atribuídos ao folguedo brasileiro de origem africana, praticados em geral pelos negros como parte do rico folclore “Afro-brasileiro”.

Registramos em Santa Catarina a existência de Cacumbis de brancos, sendo o mais recente no Município de Governador Celso Ramos, e também um grupo no distrito de Cachoeiras no município de Biguaçu, ambos estão localizados no perímetro da Grande Florianópolis. No distrito de Limeira que pertence às regiões citadas, observamos um grupo de Quicumbi de branco, cujo reisado é o mesmo reverenciado São Sebastião. Conforme relatos, em Governador Celso Ramos (conhecido como Ganchos) os ensinamentos foram transmitidos por um negro ex-escravo.

Tratando-se de um folguedo que perdeu o seu aspecto principal da presença do rei, rainha, príncipes, princesas, vassalos e pagens, os grupos ainda existentes em Santa Catarina, são constituídos de apenas duas “embaixadas” guerreiras, representando os Reis do Congo e Reis Bamba. Não iremos analisar nestas digressões o aspecto científico atribuído aos “Cumbis”, os chamados “bailes” de Congo. Dança dramatizada que não deve ser confundida com alguns grupos outrora existentes no Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais. São muitos os cientistas folclóricos que têm estudado os Cumbis, destacamos Maria de Lourdes Borges Ribeiro de SP, Guilherme Santos Neves, MG, Melo Morais, Sílvio Romero, da Bahia e ultimamente Ullisses Passarelli com importante pesquisa sobre os Cacumbis.

## CACUMBI DE BRANCOS - Governador Celso Ramos





O nome Cacumbi figura como um instrumento musical africano, sendo incluído como instrumento musical de procedência africana.

Se analisarmos bem os grupos de Cacumbis, Catumbis ou Quincumbis, verificaremos que são constantes em vários estados do Brasil, principalmente no Nordeste, Rio de Janeiro, Minas Gerais, paralelamente com os Grupos de Congos. Os Moçambiques encontram-se numa escala evolutiva do Reisado Africano, todos

reverenciando São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças.

Um espetáculo digno de nota foi a realização de uma missa crioula celebrada em Belo Horizonte com a participação de dezenas de grupos de Congos, tendo o Moçambique com seu Rei no altar ao lado do sacerdote celebrante que se desfazendo de suas insígnias, após beijadas pelo Rei Moçambiqueiro e o sacerdote eram colocados no altar, no sentido de que se despiam de suas dignidades em obediência ao Rei Maior JESUS. Todo esse ato era acompanhado pelo rufar dos tambores dos grupos de Congos, e louvor a Deus, o Rei soberano de todos os Reis.

Em Santa Catarina, os grupos de Cacumbis ou Quincumbis, existentes permanecem atuantes, destacando-se os Grupos Folclóricos do distrito de Itapocu no município de Araquari. É um dos mais antigos no Estado, sendo fundado em 1920 pelo escravo Antônio Bengala, visando preservar, valorizar e difundir a participação da etnia Afro na formação daquele município.



*Pesquisadora Lélia Pereira da Silva Nunes, superintendente da FFC, é apaixonada por manifestações religiosas e culturais.*

## LÉLIA do Divino Espírito Santo

*ALDÍRIO SIMÕES*

*Dissertação da Superintendente da Fundação Franklin Cascaes ajuda a resgatar uma manifestação religiosa que tem origem em Açores.*

**A** devoção ao Divino Espírito Santo é a maior expressão da religiosidade açoriana, podendo ser comprovada pela intensa manifestação do seu culto e práticas, de índole sacroprofana, não apenas nas nove ilhas do arquipélago como também nas inúmeras comunidades de imigrantes dispersas pelo mundo. Na grande epopéia açórico-madeirense do século 18 (1748-1756) os açorianos, advindos das ilhas de São Miguel, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial, atravessaram o Atlântico e trou-

xeram às terras de Santa Catarina os seus sonhos, conhecimentos e tradições. Ao lado da saudade o açoriano transportou no coração a sua religiosidade, sua fé e o culto em louvor ao Divino Espírito Santo. A dissertação é da professora Lélia Pereira da Silva Nunes, atual superintendente da Fundação Franklin Cascaes (FFC), que há anos dedica-se à investigação do evento e assina o projeto “A Festa do Divino Espírito Santo - 250 Anos Depois”, em parceria com o professor doutor Rui Américo de Souza Martins, da Universidade dos Açores, da qual é convidada, com apoio do Centro de Estudos Etnológicos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O seu interesse pela Festa do Divino, entre outras manifestações religiosas, aflorou a partir de 1970, quando a professora deixou Tubarão para residir em Florianópolis, cidade pela qual despertava a sua paixão desde criança, quando atravessava a ponte para visitar a madrinha Josefina Salem, da foto Studio, num sobrado na rua Conselheiro Mafra, manifestando-se encantada com o casario em torno do Mercado Público.

O encantamento com a cultura popular revelou-se ao ingressar como professora na Universidade Federal e conhecer a importância do trabalho de pesquisa do professor Nereu do Valle Pereira e seduzir-se com o mundo bruxólico do professor Franklin Cascaes. Ao participar do projeto de Mapeamento de Cultura Popular de Santa Catarina, coordenada pela professora Zuleika Lenzi, conheceu com profundidade a rica e diversificada cultura catarinense, mas era a festa do Divino que a fascinava.

Ao visitar recentemente os Açores, observei o conceito que a socióloga com doutorado na Universidade dos Açores desfrutava, entre outros importantes pesquisadores ilhéus, junto ao segmento cultural do governo açoriano, resultado de muitas viagens de pesquisa àquelas ilhas, a partir de sua participação no 1.º Congresso de Cultura Santa Catarina-Açores, em Florianópolis. Este mesmo evento foi realizado mais tarde no arquipélago, com a participa-

ção dos professores Nereu do Valle Pereira, Osvaldo Mello, Walter Piazza, Hélio Rosa e o reitor Bruno Schlemper, oportunidade em que Lélia apresentou o seu primeiro trabalho sobre a festa do Divino. “Foi a minha efetiva oportunidade para fechar o meu ciclo de afinidades e conhecer a cultura dos Açores.”

Em suas pesquisas a professora Lélia concluiu que a primeira irmandade do Divino Espírito Santo foi constituída em 1773, fazendo acreditar que a festa é anterior. Realizada em frente à capela do Divino, na praça Getúlio Vargas, o encontro festivo esteve desativado durante 10 anos, sendo restabelecido em 1995, devido à dedicação de Lélia em resgatar a tradição, tornando-se festeira com o marido, o engenheiro Sebastião Pereira, estimulando outras comunidades a reorganizarem o evento.

“Foi a pesquisa sobre a festa do Divino que motivou o provedor a convidar-me para ingressar na irmandade e conseqüentemente para ser festeira. Aceitei e pedi permissão para resgatar a festa e confesso que não tive grande dificuldade, a cidade em seus diversos setores apoiou de forma efetiva. Ainda tive a sorte de contar o irrestrito apoio do colunista Moacir Benvenuto, do qual nunca faltou incentivo e participação.”

E por ser natural de Tubarão, dedica um carinho especial à obra de Willy Zumblick e sobre ele publicou o livro “Zumblick, Uma História de Vida e de Arte,” uma biografia do artista. Mas o seu sentimento pelo pintor não fica apenas no seu reconhecimento pelas obras do conterrâneo, mas também pelo fato dele possuir em seu acervo cerca de 80 quadros com temática sobre o Divino Espírito Santo.

## INTEGRAÇÃO

Há quase 30 anos na Capital, a professora Lélia sente-se devidamente integrada à cultura popular de Florianópolis. Entretanto, essa responsabilidade aumentou a partir do convite da prefeita

Angela Amim para assumir a superintendência da Fundação Franklin Cascaes. “Enquanto responsável pela Fundação, embora eu esteja identificada com a cultura popular, não posso perder de vista outras áreas de atuação da FFC.” Entre seus projetos mais significativos estão, dotar a entidade de uma sede própria e espaços para desenvolver a casa da Cultura, o Museu do Carnaval e o resgate do Centro Histórico da cidade.

Suas atividades na Fundação exigem uma certa dose de paciência de seus três filhos, a neta Larissa e do marido Sebastião, um são-joaquinesense que prefere o deleite de cavalgar sobre um alazão em sua fazenda, mas se mantém paciente, resignado diante do temperamento eruptivo da mulher, ativa superintendente do órgão oficial de cultura de Florianópolis.

## RITUAL OCORRE EM TODO ESTADO

A festa do Divino Espírito Santo manifesta-se em toda a sua plenitude com rituais de celebração, simbologia, festas, folguedos com grande expressão tradicional em aproximadamente 50 municípios catarinenses, destacando-se as seguintes localidades: Jaguaruna, Laguna, Mirim, Imbituba, Imaruí, Garopaba, Enseada do Brito, Palhoça, São José, Santo Amaro da Imperatriz, Biguaçu, São Miguel, Governador Celso Ramos, Armação da Piedade, Tijucas, Porto Belo, Camboriú, Itajaí, Blumenau, Araquari, Navegantes, Penha e Florianópolis.

Na Capital acontece a festa do Divino na região central, na capela da Irmandade do Divino Espírito Santo deste 1773, e na Trindade, Santo Antônio de Lisboa, Canasvieiras, São João do Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, Campeche, Pântano do Sul e ainda no bairro do Estreito.

Há, certamente, em cada um desses municípios e localidades citadas, características próprias nas combinações de rituais religiosos com festejos populares de caráter profano ao Espírito Santo.

Em Santa Catarina, as festas do Divino Espírito Santo ocorrem nos meses de maio e junho, de acordo com o calendário litúrgico da igreja católica, 50 dias após a Páscoa culminando no domingo de Pentecostes, data em que se celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Há lugares que realizam fora do ciclo do Divino, prolongando as comemorações para após o domingo da Trindade. (*Fonte: Lélia Nunes - AN Capital 01.06.98*)

## OCORRÊNCIA

A Festa do Divino Espírito Santo manifesta-se em toda a sua plenitude com rituais de celebração, simbologia, festas, folguedos e com grande expressão tradicional em aproximadamente cinquenta municípios catarinenses, destacando-se as seguintes localidades: Jaguaruna, Laguna, Mirim, Imbituba, Imaruí, Garopaba, Enseada do Brito, Palhoça, São José, Santo Amaro da Imperatriz, Biguaçu, São Miguel, Governador Celso Ramos, Armação da Piedade, Tijucas, Porto Belo, Camboriú, Itajaí, Blumenau, Araquari, Navegantes, Penha e Florianópolis.

Em Florianópolis, capital do Estado, acontece a Festa do Divino na região central (Capela da Irmandade do Divino Espírito Santo, desde 1773) e nas seguintes localidades da Ilha de Santa Catarina: Trindade, Santo Antônio de Lisboa, Canasvieiras, São João do Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, Campeche, Pântano do Sul e, ainda, no bairro do Estreito, situado na parte continental.

Há, certamente, em cada um destes municípios e localidades citadas, características próprias nas combinações de rituais religiosos com festejos populares de caráter profano ao Espírito Santo.

Em Santa Catarina as Festas do Divino Espírito Santo ocorrem nos meses de maio e junho, de acordo com o calendário litúrgico da Igreja Católica, cinquenta dias após a Páscoa, culminando no domingo de Pentecostes, data em que se celebra a descida

da do Espírito Santo sobre os apóstolos. Há municípios que as realizam fora do Ciclo do Divino, prolongando as comemorações para após o domingo da Trindade.

## A FESTA E RITUAIS

A Festa, com seus símbolos e rituais, apresenta partes bem definidas e articuladas entre si, a saber: conjunto de cerimônias religiosas - novenas, tríduos, missas, missa solene com coroação, Te-Deum e bênção; ritos sacroprofanos - procissão do séquito imperial; folguedos populares - apresentação de bandas, shows musicais, bailes, barraquinhas, bingos, leilões e foguetório (show pirotécnico); e o périplo da Bandeira do Divino - no período que antecede a Festa e sua presença emblemática em todas as cerimônias.

Com uma duração de três dias, a Festa é precedida pelo “correr” da bandeira (iniciando logo após a Páscoa) em busca de “prendas” e por novenas e tríduos.

Na sexta-feira e no sábado à noite um banda musical acompanhada de populares vai buscar o Casal Imperador (festeiros) e a Corte Imperial para assistirem à celebração da missa.

Após a missa, realizam-se apresentações musicais, folclóricas, folias do Divino, barraquinhas, bingo, leilões e queimas de fogos de artifícios.

No domingo tem lugar a coroação do Imperador e Imperatriz durante a missa solene oficiada em louvor ao Divino. A missa de coroação geralmente acontece no domingo de Pentecostes.

A imposição solene da coroa ao Imperador (criança ou adolescente) convidado pelo Casal Imperador (festeiros), é realizada pelo celebrante ao final da missa. Após a cerimônia religiosa, o Imperador e toda a Corte são conduzidos para o “Império” ou local apropriado que representa os “antigos Impérios”. Ainda no domingo se procederá a escolha ou indicação do Imperador que presidirá as festividades do próximo ano.

FOTO: GILBERTO GREGÓRIO PEREIRA



1998, ANO DO  
ESPÍRITO SANTO.  
250 ANOS DO  
POVOAMENTO  
AÇORIANO EM  
SANTA  
CATARINA.  
*A Festa do Divino  
Espírito Santo é do  
povo que a  
promove com  
alegria em seu  
louvor. Uma  
tradição secular  
que a cada ano se  
renova com arte,  
beleza e sempre  
com muita fé.*

Desta maneira, encerra-se o Clico do Divino Espírito Santo, depois de muitos meses de organização, iniciando com o peditório da Bandeira e reiniciando a eleição do novo Casal Imperador.

## SÍMBOLOS DO DIVINO

É a bandeira, juntamente com a coroa de prata lavrada, insígnia principal de um conjunto formado por cetro de prata (encimado por uma pomba) e salva, também de prata, onde ficam depositados a coroa e o cetro, que compreendem os símbolos centrais da Festa.

A Bandeira do Divino merece uma referência especial, pela força que o estandarte imprime em toda celebração.

Bandeira vermelha, com uma pomba branca bordada ao centro, sustentada por um mastro em cuja ponta figura uma pombinha branca (ou prateada), enfeitada de flores e fitas multicoloridas, geralmente doadas como pagamento de promessas.

Em algumas comunidades ainda encontramos a Bandeira do Divino percorrendo vilas e casas, coletando donativos e prendas.

Estes elementos simbólicos identificam e unificam as Festas do Divino Espírito Santo nos municípios em que se realizam. Todavia, cada comunidade guarda uma certa peculiaridade revelada na diversidade de celebrar os festejos.

## **CORTE E CORTEJO IMPERIAL**

Na seqüência ritualística da Festa, ocupam uma posição de grande relevo a Corte e o Séquito Imperial.

Compreende a Corte Imperial: o imperador e a imperatriz (crianças ou adolescentes) que representam Dom Diniz e Dona Isabel, Reis de Portugal e instituidores da tradição em 1296, e um conjunto de seis a oito pares de crianças que desempenham o papel de pajens e damas da Corte. Todos postam trajes de época, ricamente confeccionados e bordados.

O Cortejo Imperial é montado obedecendo a uma ordem hierárquica estabelecida, a saber: Porta-Bandeira (ou Alferes da Bandeira), Damas e Pajens, Imperador e Imperatriz, o Casal Imperador levando o conjunto de insígnias do Divino (coroa e cetro), autoridades eclesiásticas e civis, provedor e membros da Irmandade do Divino Espírito Santo (onde existir), outros festeiros, convidados e o acompanhamento de Banda Musical.

O cortejo desfila durante os dias de festa, sendo que no domingo (ou na segunda-feira) já contará com a participação do Casal Imperador (festeiros do ano seguinte).

## **PROMESSAS E PÃEZINHOS DO DIVINO**

O pagamento de promessas com pão (de massa doce ou sova-da) na forma de parte do corpo que deu motivo à promessa é uma particularidade da Festa do Divino Espírito Santo. Encontram-se

pés, pernas, mãos, cabeças, corações, bonecos de massas que são oferecidos ao Divino por graça alcançada.

Estas massas serão vendidas ou leiloadas durante os dias da Festa.

Nos municípios da Grande Florianópolis, principalmente, é costume a distribuição de “pãezinhos do Espírito Santo”, ornados com os dons e as qualidades do Espírito Santo.

A procura pelos “pãezinhos do Divino” é imensa, corroborando a grande fé e devoção ao Divino Paráclito.

## OS FOLIÕES

Uma tradição que ainda se mantém viva em muitas localidades do litoral catarinense são “Os Foliões”.

É um grupo composto de três ou quatro músicos e cantadores que acompanham a Bandeira do Divino em suas visitas de casa em casa pedindo donativos de prendas.

Os Foliões entoam quadrinhas simples e improvisadas homenageando o dono da casa, agradecendo as oferendas, saudando a Bandeira e sempre louvando o Espírito Santo.

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Instituído no ano de 1296 na cidade de Alenquer (Portugal) pela Rainha Isabel de Aragão, a rainha Santa, o Culto ao Divino Espírito Santo expandiu-se consideravelmente nos séculos seguintes, chegando nos arquipélagos da Madeira e dos Açores junto com os primeiros povoadores, em meados do século XV.

A devoção ao Divino Espírito Santo tornar-se-ia a maior expressão da religiosidade açoriana, podendo ser comprovada pela intensa manifestação de seu culto e práticas de índole sacroprofanas, não apenas nas nove ilhas do arquipélago dos Açores como também nas inúmeras comunidades de imigrantes dispersas pelo mundo.

Na grande epopéia açórico-madeirense do século XVIII (1748-1756) os açorianos atravessaram o Atlântico e trouxeram às terras de Santa Catarina os seus sonhos, conhecimentos e tradições.

Ao lado da saudade, o açoriano transportou no coração a sua religiosidade, sua fé e o culto em louvor ao Divino Espírito Santo. Este legado secular representa, hoje, a manifestação mais significativa da cultura popular catarinense - a Festa do Divino Espírito Santo, celebrada principalmente em Florianópolis e nos demais municípios da orla litorânea. (*Devoção: Tarcísio Mattos - Texto: Lélia Pereira da Silva Nunes - Florianópolis - SC - 1998*)



FOTO: ALCIDES J. JUNES

## O AÇORIANO E O TRÓPICO BRASILEIRO

*PAULO FERNANDO LAGO*

A colonização implica na transferência ecológica de grupos humanos com suas variáveis alíquotas técnico-culturais. A colonização açoriana equivaleu, pois, a um esforço de ajustamento ambiental, centrado no uso da terra agrícola e que derivou por outras linhas de relações em função de oferta de recursos naturais preexistentes.

Foi, efetivamente, a primeira grande experiência acionada pela coroa portuguesa no sentido de concentrar recursos humanos em espaços pré-delineados para exercício de suas mais integrais competências culturais e técnicas, sob a égide de profunda vinculação com as estruturas ambientais. Diferiu, portanto, de projetos inerentes à expansão mercantilista, regida por imperiosa necessidade de imediato retorno de investimentos realizados, precipuamente financeiros e materiais. A colonização açoriana é, antes de tudo, um fenômeno de investimentos de recursos humanos. Os resultados decorreriam da competência dos mesmos e menos de condições favoráveis de mercados. Foi, portanto, sob a limitação de possibilidade de desenvolvimento, efetuado o deslocamento de estoques demográficos para ambientes litorâneos catarinenses, aqui mais significativamente do que em outros pontos do Brasil.

A expansão mercantilista se apoiou no poder militar, subjugador de resistências de povos conquistados. Os açorianos, ao contrário, foram o suporte do poder militar instalado numa região concebida geopoliticamente como estratégia e não mercantilizável, a prazo curto.

Os açorianos tiveram, como alternativas de sobrevivência e de

desenvolvimento, o exercício de suas competências como agricultores, como artesãos, como pescadores, aplicadas em ambientes nem sempre muito quentes mas, sempre, excessivamente úmidos.

Os açorianos tiveram que se tropicalizar numa época em que a ordem era alterar os trópicos para implantação de agrossistemas monocultores. Em outras partes, a “plantation” era o caminho do lucro. Para os açorianos era o inviável. Em outras partes do Brasil, a pescaria extensiva era uma esperança. Para os açorianos era uma impossibilidade.

Eles tiveram que aprender a manipular produtos tropicais e a processá-los, segundo uma escala à beira da pura subsistência.

Se não aprenderam tanto como seria necessário para um ajustamento mais harmônico com o meio, aprenderam o suficiente até para ensinar aos colonos estrangeiros que foram chegando, um século depois, com novos aportes técnicos de uma época que já era a da sociedade industrial.

Mais do que simples escudo para permitir os altos objetivos portugueses de dominação de territórios meridionais da então Colônia Brasileira, a colonização açoriana em Santa Catarina deve ser aferida como empreendimento matricial, viabilizador das fundamentais funções portuárias de cidades litorâneas, entrepostos e elementos de conexão para os assentamentos humanos ao longo dos vales que demandam o Planalto.

# TÉO AZEVEDO

## O Cantador do Alto Belo - Minas Gerais

1998

*DORALÉCIO SOARES*

**A** vida artística e cultural do cantador Téo Azevedo está escrita e registrada num pequeno folheto que vai se tornando grande à medida que o lemos e tomamos conhecimento de quem foi, e é Téo Azevedo.

Téo é um dos maiores poetas, cantador e produtor das poesias da literatura de cordel do Brasil, além de ser um produtor musical de alto gabarito, que durante a sua carreira compôs em parceria com Carlos Drumond de Andrade, Castro Alves, José Neumann, Josen Filho, Taís de Almeida, entre outros. Nascido em 1943 em Alto Belo, onde nasce o Rio Verde no norte de Minas Gerais. Filho do cantador mineiro Teófilo Isidoro de Azevedo, famoso cantador. Herdou a vocação musical do seu pai. Vários foram os seus irmãos em número de nove, entretanto o Teó, foi o único que mais se destacou na herança musical do seu “Teófo”, como era assim conhecido, isto é Teófilo Isidoro de Azevedo, exímio cantador violeiro. Era uma figura lendária em Minas Gerais, cantado em prosa e verso até para o poeta Carlos Drumond de Andrade. Era um alegre folião de “reis”, aboiador, repentista. O folheto destaca a figura do pai de Téo Azevedo de quem herdara toda vocação de poeta e cantador repentista.

O Cantador violeiro Téo Azevedo, quase não frequentou os bancos escolares, concluindo apenas o primeiro ano primário. Diz que aprendeu a ler e escrever olhando as placas comerciais e folheando “gibis”. A sua vida de garoto foi difícil, tendo sido engraxate, lavador de carros, carregador de malas, vendedor de frutas,

vendedor de plantas medicinais com um pernambucano de remédios caseiros, que o levou a abrir rodas em praças públicas com uma cobra gibóia enrolada no pescoço, cantando “calango” repente mineiro o levando a desenvolver o seu talento poético de cantador. Foi daí que Téo Azevedo deu início a sua caminhada sozinho de cantador de repentes nas feiras livres e a vender folhetos de cordel de sua autoria e de outros cordelistas.

Indo para Belo Horizonte com a intenção de ingressar no Exército, pois era o seu sonho, alistou-se e, enquanto aguardava ansioso o chamado, continuava a cantar repentes nas ruas de Belo Horizonte. Diz que sofria, sendo muitas vezes confundido com marginais, vadio, era levado para as delegacias para esclarecimentos. “Um dia ao ser detido, declamei uma poesia para o temido investigador chefe de polícia Lana Velho, Sargento Machadinho e o Delegado de depósito de presos de Belo Horizonte. Eles choraram quando declamei. Daí por diante ganhei uma espécie de salvo conduto para cantar onde quisesse.” Téo Azevedo com 17 anos sofreu muito, dormindo até ao relento em bancos frios das praças, quando então conheceu um velho senhor que lhe ensinou a pintar letras. Um outro lhe ensinou a lutar box, chegando a ser o tricampeão mineiro por volta dos anos 60, diz.

## TÉO AZEVEDO

Voltando à carreira de cantador repentista, passou a compor música popular e produzir discos, sendo isso o seu maior desejo, pois sempre quis ser produtor de músicas populares. Em Belo Horizonte teve início a sua ascensão, freqüentando casas de espetáculos, sendo um dos fundadores da Escola de Samba Unidos do Guarani. Serviu o Exército na 4ª Cia. do 12 RI como Corneteiro. Após, entrou em atividade cultural com um conjunto de show partindo para gravar o seu primeiro disco acetato no estúdio Discobel da Rádio Itatiaia. O disco foi bem aceito, pois a música entrou no

domínio público, “Deus te Salve Casa Santa” (cálix bento).

A atividade cultural de Téo Azevedo se expandiu, que entre shows em circos e praças públicas e em 1968, foi escolhido através do Jornal “O Debate”, como O Melhor Compositor Mineiro do Ano.

1969, já em São Paulo, com o cantador alagoano Guriatã de Coqueiro, aprendeu todas as modalidades do reino da cantoria do Nordeste.

Diz ter cantado sextilhas com Alceu Valença, com o alagoano Antônio Adeodato e Deodato Santeiro e o cordelista Machado Nordestino, Sebastião Marinho e Coriolano Sérgio. Lançou, em 78, o disco “Brasil Terra de Gente”, recebendo ajuda do jornalista mineiro Carlos Felipe.

Entre os intérpretes de sua obra, estão Luiz Gonzaga, Sérgio Reis, Clemilda, Tião Carreiro, Zé Ramalho, Tonico e Tinoco, Jair Rodrigues, Cascatinha e Inhana, Zé Coco do Riachão, Caju e Castanha, Milionário e José Rico, Banda de Pífano de Caruaru, entre outros. Como se vê, pode-se julgar o valor das composições de Téo Azevedo pelas valiosas estrelas dos cantores nacionais na interpretação de suas composições. Destacou-se internacionalmente, quando em 1997 o saxofonista Bobly Keys, da banda inglesa Rolling Stones, gravou um CD com a música de sua autoria For Bobly Keys (Music and life). Além de outras que recebeu críticas norte-americanas como as melhores músicas do CD. Eis alguns dados da vida de Téo Azevedo.

A Comissão Catarinense de Folclore tem o prazer de registrar em seu Boletim as atividades culturais e artísticas desse compositor e poeta das alterosas Minas Gerais que, enfrentando tantas adversidades, tem projetado o Brasil até no Exterior. Disse. (*MINAS GERAIS - 1998*)

## Nagy Lajos Endre

### O Artista, O Homem, O Cidadão

**N**agy Lajos Endre nasceu em Budapeste, Hungria, em 1925, onde estudou Pintura e Estética. Emigrou para a América Latina no período do levante húngaro contra o regime russo, na década de 60.

Exerceu várias atividades no nosso continente, como consultor de arte para a UNESCO, no Paraguai e como professor e conferencista da História da Arte, em Montevideu.

No Brasil, iniciou suas atividades em São Paulo, tendo trabalhado no interior e na Capital, como artista. Chegou ao Maranhão na década de 70 e casou-se com pessoa da terra, **Da. Lenyr Cotrim Nagy**.

Em São Luís orientou sua atividade para estimular o meio artístico e cultural, reconhecendo o extraordinário potencial da realidade maranhense, que já contava com artistas, pintores e escultores atuantes, como **Luís Carlos Lima e Jesus Santos**. Portador de visão e vasta cultura artística, fomentou o surgimento de carreiras vitoriosas como as de **Fransoufer, Lobato, Rogério Martins** e outros.

A criação da Associação de Artistas Plásticos do Maranhão foi outra de suas iniciativas: estimulou os outros artistas a se unirem em torno de uma entidade de classe.

Como professor, ensinou Pintura, Desenho e Cerâmica, principalmente, no Centro de Artes Japiáçu e por suas mãos, nessa atividade pedagógica, evoluíram **Maria, Alves, Wilson e José Fernandes**. Outra de suas idealistas iniciativas foi a instalação de uma galeria de arte para os artistas locais mostrarem seus trabalhos ao grande público, buscando assim a imprescindível interação com a sociedade.

Como artista deixou trabalhos expressivos, como a série de “Girassóis”, logo quando recém-chegado de São Paulo. A série “Palafitados e Meninos de Rua”, com acento expressionista e tema vivamente contemporâneo, foi um dos seus melhores trabalhos. Sua última série foi de cunho surrealista, abordando o patrimônio histórico e cultural e sua degradação, o que certamente contribuiu, no conjunto de outros protestos da época, para a retomada dos esforços dos poderes públicos para a preservação dos bens culturais.

O Governo do Estado do Maranhão, através da Secretaria de Estado da Cultura e do Conselho Estadual de Cultura, reconhecendo a dimensão e a importância da obra desse inesquecível artista, presta-lhe uma singela homenagem, perpetuando seu nome junto à cultura maranhense, como patrono da Galeria de Arte do Museu de Artes Visuais. Dessa forma, o Museu, que já estava aberto aos produtores, pesquisadores, artistas e à comunidade em geral, amplia suas dependências, tornando-se mais receptivo, ao mesmo tempo em que, também sendo objeto um dedicado projeto de preservação do patrimônio arquitetônico, dinamiza-se como instrumento de difusão do “fazer cultural”, como sempre quis e perseverou o artista, o homem e o cidadão **Nagy Lajos Endre**.

*Secretaria de Estado da Cultura  
Governo do Estado do Maranhão  
São Luís, dezembro de 1993.*

## Primeiro de abril: o dia da mentira

MÁRIO SOUTO MAIOR  
DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

Tudo começou em 1564, quando Carlos IX, rei de França, por uma *ordonnance* de Roussillon, Dauphine, determinou que o ano começasse no dia primeiro de janeiro, no que foi seguido por outros países da Europa. É claro que, no início, a confusão foi geral, de vez que os meios de comunicação ainda eram inexistentes. Não havia rádio, televisão, nem mesmo o jornal, pois a invenção da imprensa, por Gutenberg, só aconteceu muitos anos depois.

Antes de Carlos IX determinar que o dia primeiro de janeiro fosse o começo do ano, este tinha início no dia primeiro de abril, o que resultou ficar conhecido como o *Dia da Mentira*, por força das brincadeiras feitas com a intenção de provocar hilaridade.

Surgiram, então, as brincadeiras (que os franceses denominavam de *plaisanteries*) em todo o mundo, como a da carta que se mandava por um portador destinada a outra pessoa, na qual se lia o seguinte: “Hoje é primeiro de abril. Mandê este *burro* pra onde ele quiser ir”.

Seria um nunca acabar se fossem, aqui, relacionadas as brincadeiras referentes ao primeiro de abril. Até mesmo eram distribuídas cartas convidando amigos para assistirem ao enlace matrimonial de pessoas que nem sequer se conheciam, mencionando a igreja, o dia e a hora em que seria celebrado o suposto casamento.

Vejamos alguns *primeiros de abril* pregados pela imprensa

mundial, conforme relata a revista *Isto É*, de São Paulo, n.º 1488, edição de 8 de abril de 1998: 1) “A África do Sul comprou Moçambique por US\$ 10 bilhões. O anúncio do negócio fora feito na Organização das Nações Unidas pelo presidente sul-africano Nelson Mandela. Deu no jornal *Star*, de Johannesburgo; 2) A Rádio Medi, de Tânger, no Marrocos, noticiou que o Brasil não iria participar da Copa do Mundo porque o dinheiro da seleção seria usado na luta contra o incêndio em Roraima; 3) A minúscula república russa Djortostão declarou guerra ao Vaticano. Motivo: arrebatou o título de menor Estado da Europa. Para tanto, ele teria doado seis metros quadrados de seu território a uma república vizinha. Isso tudo de acordo com o jornal *Moscou Times*; 4) Diego Maradona, ex-capitão da seleção argentina de futebol, é o novo técnico da seleção do Vietnã. Deu nos principais jornais vietnamitas; 5) Ao deixar o Senegal, o presidente americano Bill Clinton seria acompanhado de uma comitiva formada pelos primeiros 50 senegaleses que fossem à embaixada para pedir visto de entrada nos EUA. Assim informou o jornal *Le Soleil*, do Senegal. Centenas de senegaleses acreditaram na mentira e correram para a embaixada americana.

“Noticiando o falecimento de Maurício Fruet, ex-prefeito de Curitiba e ex-deputado federal, a revista *Isto É*, São Paulo, n.º 1.510, edição de 9 de setembro de 1998, informou que ele “era considerado o parlamentar mais brincalhão e espirituoso que passara pela Câmara dos Deputados. Um exemplo: convocou uma falsa reunião de todo o secretariado do então governador Roberto Requião no dia 1.º de abril de 1990 (havia 15 dias que Requião tomara posse). Os Secretários, sem entender nada, passaram toda a madrugada no Palácio Iguaçú. De manhã, Fruet fez chegar a informação de que era um *trote* do Dia da Mentira.”

Tudo faz crer que as brincadeiras, originárias das *plaisanteries* francesas, continuem sempre a existir, graças à eternidade das manifestações folclóricas no mundo inteiro.

### Bibliografia

CASCUDO, Luíz da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro* (3ª ed.). Brasília: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1978.

Pega na Mentira. *Isto é*, São Paulo, nº 1488, de 8 de abril, 1998.

Morreram. *Isto é*, São Paulo, nº 1510, de 9 de setembro.

*Fundação Joaquim Nabuco*

*Instituto de Pesquisas Sociais*

*COORDENADORIA DE ESTUDOS FOLCLÓRICOS*

*Rua Dois Irmãos, 92 - Recife - Pernambuco - Brasil*

*FOLCLORE 255 outubro, 1998*

Recife - PE - 1998

## União Brasileira de Escritores - UBE Pernambuco

**A** União Brasileira de Escritores - UBE - PE, através do seu Presidente Poeta Flávio Chaves, tem a honra de convidar V.S<sup>a</sup>. para a sessão solene comemorativa dos Quarenta Anos da sua fundação, a realizar-se às dezenove horas do dia vinte e nove de janeiro de mil novecentos e noventa e oito, em sua sede, Rua Santana, 202, Casa Forte - Recife - Pe - Brasil



*Foto 1 - Discurso do Presidente Flávio Chaves, vendo-se à mesa com os troféus comemorativos dos 40 anos da UBEP.*

*Foto 2 - A Poetisa Lucila Nogueira, discursando no ato de lançamento de ABACO, Antologia da Oficina de Literatura, ministrada na UBE, textos de seus alunos.*





*Foto 3 - Aspecto da mesa da Presidência da solenidade, estando discursando no ato o Presidente Flávio Chaves.*



*Foto 4 - Aspecto da assistência à Solenidade.*



*Foto 5 - Assistência presente, vendo-se o escritor Doralécio Soares, Presidente da Comissão Catarinense de Folclore.*



*Foto 6 - Foto de descerramento da placa in-memoriam de Esmeraldo Marroquim na Biblioteca da UBEP, quando discursava o neto e poeta do escritor. Presente o escritor Flávio Chaves, membro da Diretoria da UBEP e Doralécio Soares, presidente da Comissão Catarinense de Folclore, natural de Recife, para onde se deslocou para o lançamento do seu livro "Valentes e Valentões" no Livro 7, conforme registra em outro local deste Boletim.*

Fortaleza - CE - 1998

## Correspondência

Do Escritor e Jornalista Barros Alves! recebemos.

Prezadíssimo mestre Doralécio

**R**ogo-lhe, por primeiro, mil perdões pela demora com que lhe escrevo. Sobretudo pelo pecado maior de haver sido mal-educado ao não acusar o recebimento dos belíssimos cartões-postais (fotos) cheios de beleza e poesia. Suas rosas são uma maravilha; seus “jardins suspensos”, para sua intimidade, certamente superam os da Babilônia, posto que estes só o apreciamos através da história. Os seus são palpáveis, cheiráveis (desculpe o neologismo).

Ao ver e rever as fotos das suas companheiras-as - orquídeas, buganvilias, azaléias-, (tenho-as agora sobre minha mesa), lembrei-me dos inspirados versos de Cartola, que não me furto de parodiá-los: As rosas não falam; simplesmente, as rosas exalam o perfume que roubam da tua sensibilidade de poeta.

Mestre Doralécio, muito obrigado pelas flores. Elas são um bem para os nossos olhos nordestinados, agora mais que dantes lacrimosos ante a seca que vem devorando os nossos sertões adustos e as nossas esperanças. Entre nós, nem mais flores de cactus, não mais sorrisos, não mais sonhos, não mais olhares que buscam o futuro. Somente o sol causticante, a terra seca, a dor, o lamento. Só o cenário de choro de “Vidas Secas”, como expressado por Graciliano ou por Rachel, em “O Quinze”. Agora talvez por que diante de tantas possibilidades de solução para o secular problema, eis que os longamente insanos homens do poder continuam tergiversando. Mandam-nos esmolar. “Seu doutor uma esmo-

la./ A um homem que é são/ Ou lhe mata de vergonha/ Ou vicia o cidadão”(Humberto Teixeira/Luiz Gonzaga).

Um abraço e o apreço renovado deste seu admirador sempre a espera de suas notícias. Barros Alves.

**NOTA DO EDITOR:**

*Caro Barros*

*A tua carta transforma-se em uma peça literária, dizendo das razões verdadeiras, que marca ser publicada. Fala da beleza e do perfume das rosas do meu jardim suspenso, e das tristezas que envolve os sertões do nosso nordeste que “nem mais flores de cactus” produz. Nós do Sul nos associamos às agruras que cobrem o sertão nordestino assolado pela inclemente seca, fazendo aí chegar o nosso auxílio na esperança de minorar o sofrimento dos nossos irmãos.*

*Resta-nos, ainda, elevarmos o pensamento ao Criador do Universo e rogar-Lhe clemência pelos nossos pecados.*

*Doralécio Soares.*

Imbituba - SC - 1998

## Conceitos de Pensamentos

*DORALÉCIO SOARES*

**R**einindo 326 conceitos de pensamentos diversos, o intelectual de Imbituba, Vilson Santos de Souza nos oferece os seus conceitos ligados à religiosidade, tendo como tema principal Jesus Cristo na grandeza do Senhor, o Pai eterno de todas as coisas, nos levando a compreensão da “tríade” divina: Pai, Filho e Espírito Santo.

- Procura na grandeza da natureza a resposta que vagueia no espaço sideral, indo ao encontro do Senhor Deus, nas manifestações, sendo a Justiça a base da Harmonia, do Amor e da Verdade.
- Tendo a sabedoria Divina na grandeza do Pai eterno, elevado Jesus Cristo à glória de Deus, o criador de todas as coisas.
- Colocando o ser humano livre, liberto dos preconceitos de religiosidade, lhe dá a liberdade de direcionamento no “livre arbítrio” na conquista do que lhe pertence.
- Nos seus 326 conceitos que Vilson Santos reúne em seu livreto, nos transmite valiosos pensamentos dignos de serem amplamente meditados e analisados no seu todo.

Parabéns ao autor Vilson Santos de Souza por esta prestação de serviço aos que se dignarem a ler a sua obra.

## À Comissão Mineira de Folclore (Comentário para Carranca)

DORALÉCIO SOARES

Com um programa extenso, a Comissão Mineira de Folclore festejou o 50º Aniversário de sua existência, alusiva ao ano de 1998. A diversidade cultural do FOLK mineiro, possibilitou a realização, apresentando a maioria dos grupos de danças e folguedos, destacando-se os Congos e Moçambique, que realizam uma “missa crioula” das mais belas existentes em Minas, promovida pela Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário.

Foram desenvolvidos dentro da programação festiva o Grupo folclórico Zabelê de Pirapora. Dimas Soares com Vidas e Cantigas. Grupo de Catira de Martinho Campos e Cantoria com Chico Lobo. “Pelos Cantos de Minas”, Grupo América 4 e Tambores do Congo.

O Folclorista professor Saul Martins, Presidente de Honra da Comissão Mineira de Folclore, foi homenageado por ter completado 80 anos de útil existência à cultura do Estado de Minas Gerais.

Associando-me à homenagem tributada ao eminente mestre do saber erudito e popular de Minas Gerais, registramos no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore a nossa satisfação em privar da amizade do ilustre aniversariante.

## Noticiário Cultural

*RECIFE - PB, janeiro de 1998*

**“VALENTES E VALENTÕES - Fatos da história popular do Recife Antigo”** foi a obra lançada no Recife, do escritor Doralécio Soares, em janeiro de 1998, na Livraria “LIVRO 7”, a maior livraria da cidade, sita na rua 7 de Setembro, de propriedade do livreiro Tarciso Pereira.

O lançamento contou com a presença de representantes da imprensa do Recife, sendo abrilhantado pela poetisa Cremilda Belém, que declamou as poesias “A minha Filha e Traição”. Presente também a poetisa Ivanira Maria Miranda Silveira, declamando “Fim de Estrada, Prece e Quando Morre um Poeta”, de sua autoria, sendo ambas as poetisas emocionalmente aplaudidas.

O escritor Doralécio Soares, agradecendo a presença de todos, destacou a figura do Sr. Ivanildo Guilherme de Albuquerque, presidente da Associação Pernambucana dos Servidores do Estado, e representantes do “Jornal do Comércio” e “Diário de Pernambuco”, estando ele destacado na obra com a crônica, lembrando um Concurso de marchas-frevo e canção em 1931, tendo por tema o Toque de Carrilhão do Diário. Crônica esta prejudicada pela supressão de várias páginas de destaque do referido concu-





*Aspectos do interior do Livro 7, com a presença do Sr. Tarciso Pereira.*

so que deu a vitória ao maestro Nelson Ferreira, com a marcha-frevo “Vira Vira, Olha a Virada”.

*Nota: A solenidade foi prejudicada pela falta de fotos, por ter havido um defeito na máquina fotográfica, na ocasião do lançamento, razão da falta de ilustração.*

*LAGUNA - SC, setembro - 1998*

*Jornal A Notícia*

## **SANTO ANTÔNIO DOS ANJOS FAZ TURNÊ PELA EUROPA**

*Aniversário do coral lagunense é marcado em grande estilo*

No ano em que completa 50 anos de fundação, o Coral Santo Antônio dos Anjos, da Laguna, comemora, em grande estilo, a data histórica, realizando uma turnê na Europa com apresentações na Alemanha, Itália e Espanha. Fundado em 1948 pelo padre Gregório Warmeling (depois bispo de Joinville, falecido em janeiro de 1997), o Santo Antônio dos Anjos embarcou na quarta-feira,



*Os 50 anos de atividades do grupo é comemorado com apresentações na Itália, Alemanha e Espanha*

tendo agendados nove concertos e duas missas cantadas, essas nas basílicas de Santo Antônio de Pádua e São Marcos, em Veneza, na Itália. Nesta segunda-feira, está prevista a apresentação em Ottenhoefen, no Pavilhão de Kurgartens (Alemanha). O coral deve regressar ao Brasil no dia 29.

Regente do Coral nos últimos 20 anos, o padre Antônio Gerônimo Hardt promete conquistar os europeus com ritmos bem brasileiros, como “Canto do Pajé”, de Villa-Lobos; “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, e “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso. As canções nacionais são acompanhadas por um conjunto instrumental melódico e de percussão, que ajuda a caracterizar o balanço peculiar de cada composição.

Também faz parte do roteiro pela Europa encontros de confraternização e *city-tours* pelos principais pontos turísticos nos três países. As apresentações na Alemanha incluem a igreja St. Medarqus, em Mutterstadt. Na Itália, o coral realiza concertos nas *comines* de Rovolon (Pádua) e di Vidor (Treviso).

## FOLCLORE

O Coral Santo Antônio dos Anjos gravou em 1979 o primeiro

LP com 12 músicas sacras. Com o passar do tempo, o repertório foi se tornando mais eclético e o CD, lançado recentemente, além das músicas clássicas, inclui canções populares folclóricas e de compositores como Pixinguinha, Adoniran Barbosa, Ary Barroso e Luiz Gonzaga, entre outros.

As músicas do folclore brasileiro são uma marca do Santo Antônio dos Anjos. “Galo Garnizé, “Mulher Rendeira” e “Yemanjá” são algumas das canções incorporadas ao repertório profano que vem consagrando as apresentações do coral no Estado de Santa Catarina e pelo Brasil afora.

O coral possui hoje 50 integrantes, alguns deles com mais de uma década de participação. Quando foi fundado, o Santo Antônio dos Anjos era composto apenas por mulheres (cerca de 12), que cantavam somente nas cerimônias religiosas. Com a chegada do padre Warmeling, o grupo passou a ter a presença também de homens e o número de integrantes foi aumentando.

Um das componentes, Maria Luiza Ambrozini, 56 anos, 18 deles no coral, comemora a chance de passear pela Itália, terra de seus antepassados, e se apresentar na Basílica de São Marcos, em Veneza.

*FLORIANÓPOLIS - SC, abril - 1998*

*Jornal O Estado*

## **CLIMA TRANQUÍLO NA FARRA DO BOI**

*Até agora, farra acontece sem maiores incidentes  
e com respeito aos animais*

O fim de semana foi marcado pela tranquilidade (pelo menos até a tarde de domingo - fechamento desta edição) nos locais onde estão sendo realizadas as farras do boi, em toda a Região Metropolitana da Grande Florianópolis. Conforme informações de oficiais do 4.º (Ilha) e do 7.º (Continente e demais cidades) Batalhões de Polícia Militar, nenhuma ocorrência havia sido registrada no período.



*A Polícia Militar promete agir com rigor para quem desrespeitar as normas respectivas ao ritual na Páscoa.*

Como havia sido definido pelo chefe do Comando de Policiamento da Capital (CPC), coronel PM Aristides Enéas Canella Tramontin, as manifestações oficiais estão seguindo todos os critérios estabelecidos para sua realização, sobretudo mantendo a atividade dentro dos mangueirões. No último dia primeiro, a PM iniciou a operação Farra do Boi, para garantir o cumprimento das determinações.

“Nenhuma ocorrência foi registrada até o momento. Estamos mantendo o policiamento previsto desde o dia primeiro em todas as áreas onde foram montados os mangueirões. Nossa determinação é para não impedir a manifestação popular, desde que os farristas respeitem o animal”, lembrou o tenente PM Cláudio de Oliveira Nolasco, responsável, no domingo, pelas atividades no 4.º Batalhão.

No 7.º Batalhão a situação era idêntica. “Desde ontem (sábado) até agora (16 horas de ontem) não tivemos qualquer registro de ocorrência nos locais da Farras de Boi. Nossa área de atuação é maior e com tradições em ocorrência de problemas, porém, até o

momento, está tudo correndo normalmente”, garantiu o tenente PM Márcio Luiz Martins.

A Operação desenvolvida pela PM - vai até o próximo dia 13 -, foi montada nas 22 cidades que compõem a Região Metropolitana da Grande Florianópolis. A meta é coibir qualquer tipo de abuso ou descumprimento da Lei de Crimes Ambientais (n.º 9.605), em vigor desde a segunda-feira passada, dia 30.

Na Operação, além do controle no transporte dos animais, o CPC está mantendo policiamento especial ostensivo nas imediações dos mangueirões (únicos locais onde a Farra está liberada). O comando do CPC está coibindo qualquer tipo de agressão ao animal (o infrator responderá pelo artigo 32 da nova Lei - prevê de três meses a um ano de detenção a quem praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais).

**Diversão e respeito** - Ao contrário das afirmações feitas por representantes de Associações Protetoras de Animais, de que a farra não passa de puro “massacre aos bois”, em grande parte dos mangueirões montados na Ilha, a principal característica do evento foi o respeito aos animais utilizados.

Em Ingleses, por exemplo, mais de duas mil pessoas, durante todo dia, estiveram no mangueirão montado pelo farrista João Teodoro dos Santos. Ao todo, ele alugou oito bois - depois da festa serão devolvidos para a fazenda de origem -, para os treze dias de evento.

“Estamos mantendo a tradição de brincar o boi, sem que o animal seja ferido. A proposta não é ferir o bicho. Inclusive, os bois são alugados e serão devolvidos depois do domingo de Páscoa, último dia de Farra”, explicou, lembrando que há quatro anos vem promovendo a festa sem qualquer tipo de ocorrência.

No mangueirão apenas alguns rapazes passaram o domingo brincando com o boi do dia. A maioria dos presentes preferiu ficar do lado de fora da cerca, assistindo ao desafio travado pelos farristas ao animal, que respondia com correrias e lances de chifradas. Para garantir

a segurança, alguns senhores controlaram a permanência de crianças no local, evitando que estas ficassem sentadas nas cercas.

### **Crítérios para a brincadeira**

Mesmo sofrendo todos os tipos de condenações, a farra do boi continuará como o principal evento em Barra do Sul. O município, que vê sua população (estimada em seis mil habitantes) aumentar para 30 mil pessoas durante a festa, foi o primeiro e único, até o momento, em todo o País, a criar uma Lei específica para a realização do evento.

O presidente da Associação Folclórica Açoriana (tenta resgatar e manter as tradições açorianas na Região), Ede Geraldo da Cunha, diz que a meta este ano é realizar o evento na sexta-feira, sábado e domingo, respectivamente dias 10, 11 e 12 de abril, nos períodos da manhã e noite.

“Não há qualquer transgressão à decisão do STF, ao realizarmos a Farra do Boi aqui em Barra do Sul. Nossa Lei Municipal é clara em seus objetivos e não fere os motivos que levaram à proibição, ou seja, os ministros do STF proibiram os maus-tratos, situação que não existe em nossa festa”, garantiu em recente entrevista.

A Lei criada em Barra do Sul estabelece uma série de critérios para a realização da farra. Entre os principais estão o impedimento de brincadeiras com o mesmo boi por mais de 30 minutos (após esse tempo, o animal é trocado por outro); a atividade só ocorre dentro dos mangueirões (áreas especialmente construídas para as brincadeiras); o animal passa por banho antes e depois da farra; apenas pessoas sóbrias podem entrar nos mangueirões; o boi não pode ser levado para abate antes de 72 horas após a brincadeira; entre outros.

**Festa** - Na capital, os pontos mais comuns de realização da farra do boi são: Córrego Grande (rua do poço); Pantanal (Centro de Tradição Açoriana, rua Antônio Branco da Silveira); Rio Tavares (mangueirão nos fundos do Campo do Cruz de Malta e nos fundos

do bar Canavial); Santinho (mangueirão na rua Dom João Becker); Armação do Pântano do Sul (na SC - 406); Pântano do Sul (início da rua Otacílio Costa); Cachoeira do Bom Jesus (mangueirão na rua Leopoldina de Oliveira); Ingleses (mangueirão na rua Intendente João Nunes Vieira); Rio Vermelho (atrás do bar do Tomás, em frente ao armazém Felipe e após a igreja do Rio Vermelho).

### Questão de opiniões divergentes

Cultura ou vandalismo? O questionamento, há alguns anos, divide os formadores de opinião pública durante a Quaresma. Nessa época, Santa Catarina ganha a atenção do País, já que as condenações superam as tentativas em se mostrar que a Farra do Boi não passa de um evento tradicional e presente nas raízes deixadas pelos colonos açorianos.

Motivo de manifestos, muitas vezes radicais, o assunto foi parar, há 10 anos, no Supremo Tribunal Federal (STF). Recentemente (dia 30 de março), após o tempo de espera, o processo foi



aprovado, surgindo a nova Lei de proteção aos animais. Não especificando nada sobre a realização da Farra do Boi, a nova Lei prevê, entretanto, punições mais rigorosas às pessoas que praticam atos de cruel-

*Proibição oficial não impede que farristas continuem mantendo tradição.*

dade contra qualquer tipo de animal. Situação que, conforme as entidades protetoras, é verificada nas festas do litoral catarinense.

Indiferentes e indignados com as acusações das entidades de proteção, alguns “farristas”, como são chamados os cultuantes da brincadeira, por sua vez, tentam mostrar ao País que a Farra é um evento pacífico e tradicional. Em algumas regiões, Barra do Sul por exemplo, até Leis foram criadas para manter a tradição portuguesa que há 230 anos, aproximadamente, faz parte da vida dos catarinenses.

Considerado um dos primeiros defensores de realização do evento, o comerciante Arante Monteiro Filho, ilhéu do Pântano do Sul, acusa o sensacionalismo feito há alguns anos, como principal “opositor e prejudicador” da tradição. “Na década de 80, surgiram as primeiras críticas no eixo Rio-São Paulo. Essa manifestação contrária gerou uma série de informações completamente erradas sobre a festa promovida em Florianópolis e outras cidades da Região”, explicou, em recente entrevista.

Monteiro Filho, apesar da luta pela manutenção da Farra, não descarta a possibilidade de existirem manifestações onde o boi é ferido ou mesmo massacrado. Para ele, no entanto, há de se separar tais atitudes da verdadeira festa popular. “O verdadeiro farrista não aceita que o bicho seja maltratado. Se em algum lugar o boi sofreu qualquer tipo de ferimento, essa manifestação, certamente, não faz parte da tradição”, disse.

#### *ITAJAÍ - SC, dezembro - 1998*

---

A Prefeitura Municipal de Itajaí e a Fundação Genésio Miranda Lins convidam V. S.<sup>a</sup> para os seguintes eventos a serem realizados no dia 15 de dezembro de 1998:

Inauguração da Sede do Arquivo Histórico de Itajaí/Espaço Cultural Caixa Econômica Federal, Casa Konder, rua Lauro Müller, 83.

Coquetel de lançamento do “Anuário de Itajaí - 1998” - Museu Histórico de Itajaí, Palácio Marcos Konder, rua Hercílio Luz, 233.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

A Garapuvu Editora tem o prazer de convidar V. S.<sup>a</sup> e Ilma. Família para o lançamento do livro **CONTOS DE CARNAVAL** narrados por Aldírio Simões - Amilcar Neves - Carlos Aduino Vieira - David Gonçalves - Fábio Brüggemann - Francisco José Pereira - Ieda Inda - Ilmar Carvalho - Jayro Schmidt - João Nicolau Carvalho - Júlio de Queiroz - Olsen Jr. - Pinheiro Neto - Raul Caldas - Urda Alice Klueger - Vinícius Alves

Data: 11 de novembro

Local: Galeria de Arte da Assembléia Legislativa, Florianópolis

*LÁ NOS AÇORES, 28 de setembro - 1998*

---

*Açoriano Oriental*

**USOS E COSTUMES DOS AVÓS PERCORREM  
AVENIDA MARGINAL**

*A gente das freguesias, os carros-de-bois, a canoa baleeira, os ranchos folclóricos vieram a Ponta Delgada mostrar como era a vida na ilha em meio do século*

*PEDRO LAGARTO*

Com o furacão Ivan a afastar-se do Grupo Oriental, já sob a forma de uma tempestade tropical, ontem, os micalenses puderam respirar de alívio e assistir calmamente ao desfile etnográfico na avenida marginal de Ponta Delgada. Integrado nas "Festas do Conselho 98" e no âmbito das comemorações do Dia Mundial do Turismo, o desfile trouxe até à Infante D. Henrique largas centenas de pessoas que decidiram aproveitar o domingo soalheiro acompanhado de uma leve brisa para recordar os usos e costumes da terra.

A concentração dos carros que compunham o cortejo etnográfico deu-se no terreno da Calheta, local onde também está erguido um palco gigante que serviu (ontem) para a despedida do "Festival Novas Ondas 98".

Aliás, enquanto chegaram os representantes das várias freguesias à zona da Calheta, com os seus instrumentos musicais e vestes tradicionais, logo ali ao lado, meia dúzia de jovens trajados de preto “metal” iam dando os últimos acordes estridentes à boa maneira da malta da pesada.

### Regresso ao passado

O desfile abriu com o grupo de escutas de Santo Antônio a marcar o ritmo com os tambores. Poucos metros atrás, uma junta-de-bois vinda do Pilar da Bretanha dava aquele toque rústico ao cortejo. Das Capelas, como não podia deixar de ser, uma casota de madeira em cima de um caminhão representava a vigia da baleia. Seguiu-se um autêntico mimo para locais e turistas - Uma canoa baleeira, emprestada pelo Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, com direito a arpoador, mestre (oficial) e marinheiros. A “Santa Joana” encantou.

Da Casa do Povo do Livramento veio a animação do rancho

folclórico composto por gente muito jovem. Os mosteiros trouxeram até Ponta Delgada uma pequena embarcação de boca aberta, das muitas que ainda dão sustento à gente da ilha. O pescador, apesar de possuir um grande bigode, não tinha mais de oito anos. E até fazia-se de vendilhão...



*Uma oportunidade para  
reviver o passado*

Os Ginetes lembraram como se ceifava o milho e cantava nos campos outrora, num tempo em que havia alegria no trabalho.

Quanto aos Fenais da Luz, mostraram pequenas carroças empurradas por carneiros e um burro.

### **Ofertas aos turistas**

O Dia Mundial do Turismo foi assinalado (ontem) com um vasto programa de animação nos Açores e em Lisboa, iniciativa da Direção Regional do Turismo.

A oferta de flores nas chegadas dos vôos da transportadora aérea nacional nos aeroportos de São Miguel, Terceira e Faial, exibições folclóricas em espaços públicos e em unidades hoteleiras locais e a oferta de produtos típicos aos hóspedes da hotelaria constituíram algumas das ações. Em São Miguel e na Terceira houve ainda lugar a passeios de charrete e, no Faial, de barco. O programa estendeu-se claro está à representação açoriana na Expo'98 com uma prova de queijos e vinhos no pavilhão das ilhas.

## NOTICIÁRIO - EXTERIOR

### *ARGENTINA - 1998*

---

SOCIEDAD DE ESCRITORES DE LA PCIA. DE  
BS. AIRES FILIAL MAR DEL PLATA

### **CUANDO TENGA QUE MORIR**

Cuando tenga que morir quisiera  
que fuera en este mar azul.  
Amanecer dormido sobre el agua,  
bebido el cuerpo en dura sal  
y rubia arena.

Que no haja para mí  
piedad ni llanto,  
ni tabla funeraria,  
ni salmo ni oración.

El mármol blanco,  
las campanas mudas...

Cuando yo tenga que morir, quisiera  
morir en este mar azul y en primavera...  
Desgajado mascarón de proa  
se irá mi cuerpo demandando abismos.  
Que quede aquí mi alma, Mar del Plata,  
con su ilusión de vida y tu espejismo.

*FELIX COLUCCIO*

*Dirección Municipal de Turismo de General Pueyrredon*

*BUENOS AIRES - ARGENTINA - 1998*

---

### **TANGO DEL 900 EN ALMAGRO - BS . AS.**

Bailarinos:  
María Marta y  
Sérgio

Foto:  
Eduardo Amoss



SÃO PAULO - SC - 1998

---

*Prefeitura Municipal de Olímpia e  
Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro  
Cep 15400-000 - Olímpia - SP  
COLABORAÇÃO BRADESCO*

## **OLÍMPIA DOS ENCANTOS MIL**

Olímpia é a cidade consagrada no Brasil pela preservação da cultura popular e folclórica, através dos festivais folclóricos, que congregam grupos de todo o país. Esse é o papel de Olímpia: preservar nossa Identidade Cultural, graças também ao BRADESCO, um dos principais patrocinadores.

Há doze anos, participei de um dos festivais folclóricos de Olímpia. Lembro-me ainda, dessa grande festa alusiva à Cultura Popular, através da Arte, das palestras, exposições, música, danças e folguedos, brinquedos e outras formas lúdicas da nossa cultura, incluindo também nossa culinária folclórica. Particularmente, lembro-me do povo nas ruas, nos passeios públicos, nos parques de diversão, nas compras... na alegria dos bares. Em tudo, a espera do grande desfile folclórico e parafolclórico. Trata-se de uma lembrança viva que guardo bem perto de mim e que desperta saudades e deixa meu coração palpitante de emoção.

Acredito que muita coisa mudou, desde então. Faz parte da dinâmica cultural. Assim, o nosso respeito às formas de pensar, sentir e agir do povo. É dele que brota o nosso estudo: os interesses pela pesquisa participante que culmina na publicação e difusão para a humanidade.

Olímpia chegará ao Terceiro Milênio encantada, alegre e com seu povo feliz, ao lado de José Sant'Anna, batalhador e pesquisador incansável e sempre presente às manifestações do folclore. Esperamos que todo o Brasil e o Governo Federal reconheçam o que ele e sua equipe fazem pelo folclore brasileiro. Olímpia já é conhecida mundialmente através do espírito do seu povo.

Olímpia, o Terceiro Milênio a espera numa grande festa cósmica. Eu estarei aí nessa ocasião assistindo a um Bumba-meu-boi com capacete de astronauta.

*JOSÉ NILTON DA SILVA*

*Professor e Folclorólogo da UFPB. Membro da Comissão Paraibana de Folclore*

*SÃO PAULO - SP - 1998*

---

### **TÉO AZEVEDO - O CANTADOR DE ALTO BELO**

Contatos direto  
com o artista.  
Teófilo de Azevedo  
Filho (Téo Azevedo)  
Rua Conselheiro  
Nébias, 719 - ap. 507  
São Paulo - SP  
Fone: (011) 223-9236  
Cep: 01203-001  
Cel.: (038) 978-0943



*BELO HORIZONTE - MG - 1998*

---

A Editora UFMG e a PosLit convidam para a noite de autógrafos dos livros *A Astúcia das Palavras - Ensaios sobre Guimarães Rosa*, organizado por Lauro Belchior Mendes e Luiz Claudio Vieira de Oliveira, *Borges em Dez Textos*, organizado por Maria Esther Maciel e Reinaldo Marques, e para o lançamento da revista *Em Tese* - revista do Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários da FALE/UFMG.

Dia 28 de julho, na Livraria Ouvidor Savassi  
Rua Fernandes Tourinho, 253 - Belo Horizonte

*SÃO PAULO - SP - 1998*

---

A COMISSÃO PAULISTA DE FOLCLORE confere a Doralécio Soares e a José Maria Tenório Rocha o título de Membro Correspondente.

Guarujá, abril de 1998

Ass. Baronesa Esther San'Snna de Almeida Karwinsky - Presidente

*FLORIANÓPOLIS - SC*

---

## **ETNIAS**

### **Festas de outubro em Santa Catarina**

*DORALÉCIO SOARES*

XX - Oktoberfest - Itapiranga. Kegelfest - Rio do Sul. X - Quermesse de Tradição e Cultura em Criciúma. Schützenfest - Jaraguá do Sul. XV - Oktoberfest - Blumenau. XI - Fenachopp - Joinville. XIII - Fenarreco - Brusque. Tirolerfest - Treze Tílias. Musikfest (Festa das Nações, - São Bento do Sul. Marejada - Itajaí).

A diversificação cultural oriunda dos povos europeus que colonizaram Santa Catarina, fez com que desse motivo a todas as festas acima registradas, além de outras promovidas como a Kegelfeste - Festa Nacional do Bolão em Rio do Sul e o Baile do Idoso na Schützenfest em Jaraguá do Sul, e o Oberlandfest, organizado pelo Grupo Folclórico Oberland.

Um dos grandes destaques culturais, ocorre em Criciúma com a Quermesse de Tradição e Cultura. É uma festa que reúne as etnias Negra, Italiana, Alemã, Polonesa e Russa; dando um destaque cultural grandioso à cidade das minas.

As festas típicas que se realizam no Vale do Itajaí são regadas com muito chope e comidas típicas brasileiras, alemãs, polonesas, italianas e até ucranianas, que movimentam o almoço e a noite de festa até o surgimento dos primeiros raios de sol, sob a música

constante de Os Vilanenses e os Sonatas. Chope na Bota, em concurso de bebedores. As botas são de cristal para a Musikfest de São Bento do Sul, e foram trazidas da Alemanha. A Fenachope de Joinville, como as demais festas têm por base o chope, se transformam em grande sucesso, já estando na 11ª em Jaraguá do Sul que sempre se destaca com a sua tradicional banda Hermar Trachtencrupe. Uma das principais características dessas tradicionais festas são os variados tipos de canecos de chope, os quais são artisticamente trabalhados em relevos relacionados com a festa do chope. O município de Rio Negrinho, como os demais integrados às festas do Chope se destacam na Oberlandfest, com as tradicionais folias da Bavária. Estas festas são sucessivas, pois quando São Bento encerra a Musikfest, Rio Negrinho surge no planalto Norte com a Oberlandfest, isto na sua 8.ª promoção, realizando-se no Pavilhão de Eventos, com sangramento do 1.º barril de chope. Essas festas reúnem verdadeiras multidões de afeiçoados chegando muitas vezes a reunir mais de dez mil pessoas.

TRADIÇÃO - O importante que todas essas festas de origem germânica se originam das tradições germânicas da Bavária, isto falando de Rio Negrinho, onde a Oberlandfest mantém os bons costumes e qualidade no consumo do chope.

As inúmeras bandinhas que se organizam para abrilhantarem as festividades são de origem bávara, com o seu folclore, dança e música e as tradições são essencialmente germânicas, com vestimentas e um chapéu estilizado marcadamente da Bavária. Destaca-se em Rio Negrinho, o Grupo Folclore Oberland, na organização das festas, tendo ainda a banda Weiss animando os bailes que se prolongam até alta madrugada, se intercalando com a banda Alfredo Tureck.

Como acontece em Blumenau, Joinville, Jaraguá do Sul, São Bento, Rio Negrinho e outros municípios, Itajaí se destaca com a Marejada, com as danças de origem portuguesa, que anualmente cresce em sucesso com as suas comidas típicas à base de “frutos

do mar”, onde predominam os camarões e muitos lagostinhos.

Rio Negrinho, anualmente, cresce com a Oberlandfest que apresenta grupos folclóricos, fanfarras, clubes de tiro, e o Bierwagen, nas ruas distribuindo chope à população no período da tarde. É desta-que também o casal Fritz e Frida num animado baile com a banda Bavária.

São estas, além de outras, as festas que se realizam no mês de outubro em Santa Catarina, com a presença de elevado número de turistas de todos os pontos do Brasil.

*TREZE TÍLIAS - SC, outubro - 1998*

*Jornal A Notícia*

## **DEZ MIL PESSOAS ANIMAM A TIROLERFEST**

### *FESTAS DE OUTUBRO*

*Número de turistas que prestigiou a festa em Treze Tílias, no feriadão, superou as expectativas*

*ADILSON RODYCZ*

O feriadão levou cerca de dez mil pessoas a Treze Tílias, Meio-Oeste, onde acontecendo a Tirolerfest. De acordo com o presidente da comissão organizadora, Ivo Paulo Hartmann, já foram consumidos mais de cinco mil litros de chope. “O público foi além do esperado, garantindo o sucesso de festa”, analisou. O tempo bom e as apresentações de alto nível estão contribuindo para manter a tradição da maior festa tirolesa do Brasil.

No palco de eventos, montando no pátio do Clube Socap, se apresentaram os grupos de danças folclóricas locais, evidenciando a cultura tirolesa, italiana e gauchesca. O grupo Westfalen fez sua estréia e promete fortalecer ainda mais o movimento cultural germânico em Treze Tílias. A Banda dos Tiroleses e os conjuntos Los Alpinistas e Clarins de Ouro dão o tom musical, reforçados pela Banda Maria Hil São Nicolau, que veio de Innsbruck, Áustria, especialmente para a Tirolerfest. O grupo tem 45 integrantes,



*ALEGRIA - A banda austríaca Maria Hil, de Innsbruck, veio exclusivamente a Treze Tílias para tocar na Tirolerfest.*

que incluíram no repertório a música popular brasileira.

Aconteceu um show de boleadeiras e malambo, com o artista Luiz Viana, de Porto Alegre, que também prendeu a atenção do público.

Da mesma forma foi sucesso o desfile histórico, que contou um pouco do que foi a imigração austríaca e a colonização do município. Para o prefeito Afonso Dresch (PPB), a participação da banda e do grupo teatral da Áustria, que se apresentaram, está fortalecendo o intercâmbio entre Treze Tílias e aquele País. Cerca de 400 turistas austríacos estão na cidade.

Os hotéis estão todos lotados e a estimativa é que mais de 20 mil pessoas visitem a cidade.

Durante o dia de hoje prosseguem os shows de bandas e atrações folclóricas, haverá a tradicional procissão para a capela Maria Dreizehnlinden.

*FLORIANÓPOLIS - SC, outubro - 1998*

*Jornal A Notícia*

## **1998 - O ANO MAIS MOVIMENTADO DO FOLCLORE CATARINENSE**



*LAZER - A Beira-Mar Norte, em Florianópolis, se transformou para as comemorações do Dia da Criança. Uma das pistas foi fechada para a garotada praticar esportes. O som ficou por conta de bandas e grupos.*

*BLUMENAU - SC, outubro - 1998*

*Jornal A Notícia*

## **FESTAS DE OUTUBRO DE SANTA CATARINA**

- . XX Oktoberfest - Itapiranga - 09 a 31/10
- . Kegelfest - Rio do Sul - 09 a 18/10
- . X Quermesse de Tradição e Cultura - Criciúma - 09 a 17/10
- . Schützenfest - Jaraguá do Sul - 09 a 18/10
- . XV Oktoberfest - Blumenau - 08 a 25/10
- . XI Fenachopp - Joinville - 07 a 26/10

- . Tirolerfest - Treze Tílias - 09 a 18/10
- . XIII Fenarreco - Brusque - 08 a 18/10
- . Musikfest (Festa das Nações) - São Bento do Sul - 09 a 12/10
- . Marejada - Itajaí - 09 a 25/10

## OKTOBERFEST MANTÉM PIQUE NA RETA FINAL

*ULA WEISS*

A Oktoberfest entrou nesta semana na reta final. Nos 11 primeiros dias da promoção - que no total dura 18 dias - o público de 252.161 pessoas consumiu 220.443 litros de chope. Comparado ao movimento de 1997, que no total somou 500 mil pessoas entre pagantes e os que entraram em um dia com ingresso gratuito, o presidente da comissão organizadora, Victor Anderle, diz que a visitação está razoável.

As projeções indicam que o total de público ficará aquém da edição anterior. No entanto, Anderle garante que a renda será suficiente para cobrir o investimento de R\$ 1,3 milhão. Também destaca que o perfil do visitante melhorou, com a presença de turistas com maior poder aquisitivo, que era uma das metas da campanha de divulgação realizada.

Quem ainda não visitou a Oktoberfest neste ano deve aproveitar esses últimos dias. Diariamente os pavilhões da Proeb são abertos às 19 horas para os bailes. As duas bandas alemãs contratadas como atrações especiais - a Die Odenwälder e a Kirlacher Musikanten - apresentam-se diariamente na Proeb. Também, sempre no período das 19h30min às 22 horas, grupos folclóricos fazem shows no pavilhão A, seguidos de miniconcursos de valsa, abertos ao público. No pavilhão B a agenda diária inclui a realização das etapas do concurso de chope em metro, cuja semifinal será no dia 24 e a final no encerramento da Oktoberfest, dia 25.

Dois desfiles de rua, com a participação de 2 mil figurantes, estão programados até o encerramento da Oktoberfest: hoje, às 19



*COLORIDO - Desfile com trajes germânicos pelas ruas de Blumenau é a atração que mais empolga os turistas que vão à festa do chope.*

horas, e no domingo, dia 25, às 10 horas. Ambos ocorrerão na rua XV de Novembro, como de costume. Os preços dos ingressos são de R\$ 3,00 para hoje e quinta (21 e 22) e de R\$ 5,00 para sexta e sábado (23 e 24). No último dia, 25, a entrada é grátis.

### IDOSOS

Um público especial invade o pavilhão C da Proeb amanhã para mostrar que a animação da Oktoberfest não tem limite de idade. Mais de três mil idosos de todo o Estado estão sendo aguardados para a Oktoberfest da Terceira Idade, que começa às 10 horas, com sessões de danças sênior, e só termina às 18 horas, depois de muito agito no ritmo das bandas alemãs.

A programação da Oktoberfest de Blumenau há quatro anos



*Um público de todas as idades participa da Kegelfest e, após uns goles de chope, cai na folia sob o ritmo de músicas germânicas.*

dedica uma tarde às danças e tradições germânicas entre pessoas com mais de 55 anos. Segundo a Secretária de Assistência Social, Maria Emília de Souza, a festa é a oportunidade de integração dos grupos de Santa Catarina, onde os idosos se divertem entre iguais. “Exercem seu direito ao lazer, sem os incômodos das filas, multidão e competição com o público da Oktoberfest”, afirma.

A Oktoberfest da Terceira Idade inicia-se às 10 horas com recepção dos grupos de outras cidades e apresentações de 12 grupos de dança sênior, a dança que articula corpo e mente. Ao meio-dia será servido um almoço (R\$ 2,50 por pessoa e R\$ 3,00 com refrigerante), e a partir das 13 horas começa a tarde-dançante, animada por uma das bandas que toca à noite na Oktoberfest.

JOINVILLE - SC, outubro - 1998

*Jornal A Notícia*

## FENACHOPP TRAZ UM POUCO DA ALEGRIA ALEMÃ: JOINVILLE

*AURORA AYRES*

A 11.<sup>a</sup> Festa Nacional e Internacional do Chope - Fenachopp entrou na última semana. De acordo com a Central Administrativa Fenachopp (CAF), até sábado 118.900 foliões, visitaram o pavilhão da Expoville, transformando o local num verdadeiro templo de celebração do costume germânico de beber chope. "A receptividade do público tem sido boa todos os dias. Está dentro de nossas expectativas", comenta o presidente da Promotur, Laércio Beckhauser.

A decoração, os trajes típicos, músicas e danças folclóricas, gastronomia, concursos e gincanas reproduzem, nesses dias de festa, as bavárias da Alemanha, comuns no Sul do Brasil. Na Fenachopp famílias inteiras se divertem dançando ao som dos grupos folclóricos no Biersaal (Salão da Cerveja) e no salão central.

Logo no primeiro dia de festa foi realizado o Concurso da Rainha Fenachopp. Dentre 16 candidatas a vencedora foi Marileide Kuhlhamp, 17 anos, natural de Rio do Campo.

### CHOPPEMDÚZIA

No salão central, a animação do baile fica por conta das várias bandas. Entre um acorde e outro, sempre às 22h30min, foliões mais agitados disputam uma vaguinha no Concurso Nacional de Tomadores de Choppemdúzia. Quem participa leva uma camiseta para casa.

A boate da Fenachopp tem sido um ponto de encontro para a juventude. Cerca de 2 mil pessoas ocupam suas dependências todas as noites.

As crianças também têm vez nesta festa joinvilense. Há a

gincana cultural “Tradições Germânicas”, que envolve alunos da pré-escola e do 1.º grau de escolas estaduais, municipais, particulares e Centros de Educação e Recreação Infantil (Ceris). Além da gincana existem os bailinhos da Kinderfest, que têm atraído centenas de crianças à Expoville.

### NAS RUAS

O caminhão da Choppenwagen, enfeitado com barris de chope, canecos e flores, leva a Fenachopp às ruas centrais da cidade diariamente, distribuindo chope por onde passa. Este ano a festa foi mais longe e entrou, sem pedir licença, no campo do Joinville Esporte Clube. A Maratona do Barril aconteceu na tarde deste domingo, antes do jogo.

Mas, até o dia 26, o “Dia da Graça”, com entrada franca no pavilhão da Expoville, ainda vai rolar muito chope.

*ITAJAÍ - SC, outubro - 1998*

*Jornal A Notícia*

### MAREJADA BUSCA MAIS TURISTAS

*CRISTIANO ESCOBAR MAIA*

A Marejada, uma das mais tradicionais festas do Estado, que ocorre em Itajaí, faz nesta semana uma saudável disputa com a Oktoberfest, da vizinha Blumenau, em busca dos visitantes. A preocupação é tamanha que, no último domingo, no encerramento da Schützenfest, em Jaraguá do Sul, três funcionárias da Secretaria de Turismo de Itajaí e duas princesas da Marejada desfilavam distribuindo folders e dando informações sobre a Festa Portuguesa e do Pescado, que está em sua última semana. “Fizemos isso porque queremos conseguir uma fatia do público que visitou as festas de outubro que encerraram-se domingo”, diz o Secretário da Indústria, Comércio e Turismo, Fernando Canziani Pereira. Ele acredita que a Marejada estará disputando “pessoa a pessoa com a

Oktoberfest do domingo”.

Até domingo passaram pela festa 111 mil pessoas, entre pagantes e não pagantes. A meta é chegar aos 170 mil visitantes, representando um acréscimo de quase 40% em relação ao ano passado. “Estamos com uma média diária de 5 mil pessoas, mas esperamos para o último final de semana mais de 30 mil pessoas”, afirma Pereira.

“A festa desse ano é um sucesso porque temos um diferencial a oferecer aos turistas”, diz Pereira. Ele acredita que a receita de “apresentar a cultura açoriana ao público” faça da festa um sucesso. “A Marejada é diferente das outras festas de outubro porque é baseada na culinária açoriana, as outras são com base na germânica”, frisa.

*ITAIÓPOLIS - SC - 1998*

---

### **ITAIÓPOLIS MOSTRA O BOI RALADO**

A última festa do mês no Estado acontece em Itaiópolis, município do Planalto Norte Catarinense, com a 10.<sup>a</sup> Festa do Boi Ralado no Espeto, marcada para os dias 30 e 31 de outubro e 1.<sup>o</sup> de novembro. A festa faz parte das comemorações do seu 80.<sup>o</sup> aniversário, que acontece no próximo dia 28.

À espera dos visitantes para encerrar o roteiro das festas de outubro, os moradores, a maioria descendentes de poloneses, participam de diversas atividades esportivas e culturais. Foram programados 18 dias de competições para todas as idades, onde serão distribuídas 347 medalhas e 163 troféus.

A cultura também não foi esquecida antes e durante a festa. Desde curso de modelo, manequim, etiqueta, postura e maquiagem com desfile de modas, shows musicais, teatro, coral, recital de teclado e violão até a Exposição com o tema “Uma década do Boi Ralado”. Também no dia 28 um bolo de 80 metros será servido à população na Praça Brasil, centro da cidade.

A 10.<sup>a</sup> Festa do Boi Ralado, que acontece no Parque Municipal de Exposições terá pratos típicos poloneses, exposição da indústria e comércio, mostra de talentos regionais, 3.<sup>o</sup> Rodeio de Gineteadas, Tourada e 5.<sup>a</sup> Etapa do Campeonato Catarinense de Motocross. Como destaque nacional haverá show com o Grupo Roupa Nova, às 19 horas de domingo, dia 1.<sup>o</sup> de novembro.

*TUBARÃO - SC, novembro - 1998*

*Jornal O Estado*

### Na UNISUL

Acontece hoje às no Centro de Convivência Cultural da Unisul, o lançamento do Livro *Entre Penas e Pincéis*, do renomado artista tubaronense Willy Zumblick. O livro, que traz manuscritos do artista plástico, foi organizado pelas professoras Lélia Pereira da Silva Nunes, atual presidente da Fundação Franklin Cascaes e Ruth Vieira Nunes, diretora do CCC da Universidade.

Entre Penas e Pincéis, que teve capa e projeto gráfico produzidos pela Editora Universitária da Unisul, com prefácio do Reitor Silvestre Heerd, contém 14 contos do autor distribuídos alternadamente com fotos e belas páginas ilustradas.

Willy Zumblick,



conhecido como pintor das Bandeiras do Divino, lança seu livro em 1998, ano internacional do Divino Espírito Santo, em que se comemoram também seus 85 anos de idade e 250 anos de imigração Açórico-Madeirense.

*CANOINHAS - SC, outubro - 1998*

*Jornal A Notícia*

## **FOLCLORE UCRANIANO EM CANOINHAS**

*Município sedia o 5.º Festival Nacional de Dança Hopak*

Trajes coloridos com detalhes bordados a mão e uma dança composta por passes exóticos que acompanham o ritmo animado da música. Para completar, a alegria irradiante dos descendentes de ucranianos, representados por 15 grupos de dança folclórica que, neste final de semana, estarão reunidos no 5.º Festival Nacional de Dança Hopak (Folclore Ucraniano), que acontecerá nos dias 31 de outubro e 1.º de novembro em Canoinhas, Planalto Norte catarinense.

O nome Hopak, atribuído ao festival, caracteriza a dança mais popular ucraniana. Descreve a vivacidade, temperamento e resistência dos imigrantes ucranianos que chegaram ao Brasil no final do século passado e início deste. O Hopak significa também uma divertida competição entre rapazes para conquistar a atenção das moças. Daí os ritmos vibrantes e passes malabaristas da dança ucraniana.

Assim, para preservar a tradição ucraniana e difundi-la aos descendentes e admiradores do folclore, vai acontecer a quinta edição do Festival Hopak. O encontro de grupos folclóricos é realizado uma vez por ano em cidades onde a cultura ucraniana está presente. É o caso de Canoinhas, que tem um grande número de descendentes de ucranianos.

### **ORGANIZAÇÃO**

O evento foi organizado pelo grupo de danças folclóricas



*Encontro tradicional é realizado anualmente em cidades onde a cultura ucraniana está presente*

ucranianas Blavat e a Universidade do Contestado (UnC) campus de Canoinhas. O festival iniciará no sábado com a apresentação dos 15 grupos de dança, somando cerca de 450 pessoas entre dançarinos e coreógrafos vindos dos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina. Os grupos vão se exhibir no ginásio de esportes da UnC a partir das 20 horas.

No domingo acontecerá uma confraternização entre os grupos e a comunidade ucraniana no centro do município, próximo à igreja matriz. Pela manhã, será celebrada uma missa rezada nos idiomas ucraniano e português. Depois da celebração, os admiradores da cozinha típica ucraniana, poderão saborear pratos com *peroreh* (pastel de ricota cozido), *holupti* (enrolado de repolho com arroz ou trigo mourisco) e o *kotchou* (grãos de trigo cozidos com mel). Também serão vendidos artesanatos como toalhas, mantas e artigos de cerâmica. À tarde, alguns grupos folclóricos apresentarão suas danças ao ar livre, encerrando o festival.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

## **ECOMUSEU do Ribeirão da Ilha UM PASSEIO NA HISTÓRIA**

Este Museu objetiva mostrar, restaurada, uma propriedade rural - casa residencial (morada), terreno com chácara e quintal, unidade de produção, o engenho de farinha de mandioca, plantações e outros - conforme a “desenhou” o colonizador açoriano, chegado à ilha entre 1748 e 1756 (cerca de 6.000 pessoas) com o objetivo de tornar as terras produtivas e assegurar as posses portuguesas no Brasil Meridional.

Desses açorianos, um grupo de 60 famílias veio desenvolver a póvoa do Ribeirão da Ilha, a qual existia desde 1514, data em que o primeiro grupo de europeus se radicou nela. Naquela ocasião Juan Dias de Solis, fundador de Buenos Aires, aqui deixara 21 de seus marujos que se mesclaram com índios Carijós. Os Carijós denominavam a Ilha de MEIEMBIPE ou Jurerê-Mirim.

Aqueles marujos, provindos da Espanha, receberam um esforço organizacional em 1526 quando chega à Ilha Sebastian Cabotto, que sendo veneziano estava a serviço da Corte Espanhola, e constrói no local, hoje Canto do Rio Ribeirão, casas, capelas, estaleiro e outros serviços.

Organizado o povoado que hoje é o próspero Distrito do Ribeirão da Ilha, decidiu batizar a Ilha com o nome de Santa Catarina em referência à Virgem Mártir de Alexandria.

Visitar, em nossos dias, a Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha é conhecer uma vila açoriana com certeza, pois de todas aquelas que o colonizador açoriano teria estruturado é esta a que mais preserva as características de suas origens culturais, nesta Ilha da Magia e base da formação do Estado de Santa Catarina, o Estado “Barriga Verde”.

Por estar, o Museu, montado dentro de um ecossistema só-

cio-econômico-cultural no local de nascimento, veio a denominar-se de:

## ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA

### VISITE-O

Ele é mantido e administrado pela Fundação Cultural Açorianista que conta com os recursos de contribuições de seus sócios e das receitas dos ingressos cobrados de seus visitantes.

Filie-se, você também, à Fundação, contribuindo para torná-la mais eficiente!

### BLUMENAU - SC - 1998

---

A Universidade Regional de Blumenau, através da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias, Editora da FURB, Biblioteca Central Martinho Cardoso da Veiga e Divisão de Promoções Culturais na SEMANA NACIONAL DO LIVRO E DA BIBLIOTECA tem o prazer de convidar V.S.<sup>a</sup> e Família para o lançamento dos livros:

\* PODER, GRUPOS DE PRESSÃO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Editora da FURB

Djalma Patrício

\* ATLAS DE TÉCNICAS CIRÚRGICAS EM CIRURGIA EXPERIMENTAL DE CÃES

Editora da FURB

Deise Vargas e Rafael Dib Porcides

\* O REI LEÃO E A MEMÓRIA DO MUNDO

Editora da FURB

Salma Ferraz

\* O JEITINHO BRASILEIRO DE SHERLOCK HOLMES: O XANGÔ DE BAKER STREET DE JÔ SOARES

Editora da FURB

Salma Ferraz

\* CRÍTICA AO MODELO CATARINENSE DE DESENVOLVIMENTO (Do Planejamento Econômico - 1956 aos Precatórios - 1997)

Editora da UFMS

Ido Luiz Michels

\* PAIS E FILHOS, FILHOS E PAIS (Parapsicologia Aplicada)

Editora EDIPAPPI

Ilsete Heiderscheidt

In memoriam

\* ENTRE O LEÃO E O UNICÓRNI

Hecke Publicações

Marita Deeke Sasse

#### PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

\* A VELHA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Sidnéia Luiz Kopp, atriz (Curso de Educação Artística - IV semestre)

\* PERFORMANCES DE TEATRO

Curso de Educação Artística - II semestre: Leila, Lilian, Elisa, Ana Cristina, Vilma, Graciane, Elisângela e Patrícia Mônica Direção: Prof. Guto Lustosa

\* CONJUNTO DE FLAUTAS DOCE DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA DE CURITIBA

Direção: Ângela Deeke Sasse

Integrantes: Maiko Araújo - Selma Souza - Patrícia Baier Krepsky - Patrícia Schwarz - Tamara Van Kaick - Violão: Andréa Bernardini - Percussão: Cristiane Gavazzoni - Arranjos: Vicente Ribeiro

DATA: 23 de outubro de 1998

Local: Saguão da Reitoria

Bloco A - Campus I

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Violência têm a satisfação de convidar V. S.<sup>a</sup> e Ilma. Família para o lançamento dos livros *O CORPO VIOLENTADO: ESTUPRO E ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR* e *A VIOLÊNCIA DAS MORTES POR DECRETO*, de autoria das professoras Sônia T. Felipe e Jeanine N. Philippi. Estes títulos inauguraram a Série Ética, Política e Violência.

Dia 16 de abril de 1998

Galeria da Arte da UFSC - Centro de Convivência

Campus Universitário

*BELO HORIZONTE - MG - 1998*

---

**O ARRUIA - Órgão da Associação Artística Coral  
“Júlia Pardini” de Belo Horizonte.**

*DORALÉCIO SOARES*

Este Boletim tem o prazer de registrar o reconhecimento do Jornal, de natureza artística e cultural, o Arruia, órgão da Associação Artística Coral Júlia Pardini, divulgador das notícias relacionadas ao bel-canto coralista de Minas Gerais. O mesmo destaca a atuação do Coral Júlia Pardini - CJP, nos seus cantares, infantil, juvenil e adultos. Um coral que promove 39 concertos durante um ano, é mesmo “fora de série”, um milagre como acentua o editorial do Arruia, 427/9. 1998.

A Comissão Catarinense de Folclore ao registrar no seu Boletim as apresentações culturais do Coral Júlia Pardini, o faz desejosa de que essa organização cultural e artística de Minas Gerais, se mantenha viçosa e altaneira para a grandeza da arte coralista do Brasil.

Participando de várias apresentações em diferentes estados, o Coral Júlia Pardini, tem levado a voz de Minas Gerais a recantos distantes do nosso Brasil. Fica, pois, aqui registrado em nossas páginas a nossa admiração por todos que integram o inolvidável coral Mineiro.

### *RIO VERDE - GO*

---

#### **FAZENDO ARTE**

Ao apresentar sua exposição, a Artista Plástica Morena se volta para a figura humana, não como uma pintura carnal, porque é mais substancialmente reflexiva do que episodicamente erótica. Na verdade, a artista explora o ser em sua doçura e sensualidade que perpassa às figuras fixadas em suas telas como passagem à introspecção do indivíduo em seu cotidiano, apresentando-se como uma máquina de engendrar o prazer da vida.

Em exposição de 20 a 30 de outubro/98

Local: Palácio da Intendência

Rua 12 de Outubro, em frente à Cadeia Pública

### *AÇORES - PORTUGAL*

---

#### **DIVINO**

Uma equipe da TV RTP, sediada em Portugal e com forte penetração nas ilhas dos Açores, desembarca em Floripa nos próximos dias a convite da Fundação Franklin Cascaes (FFC).

No comando da produção, a jornalista Maria do Rosário Quaresma, que vem com a missão de registrar as diversas manifestações da Festa do Divino em Florianópolis. A curiosidade fica por conta dos telespectadores de Portugal, já que esse tipo de celebração só ocorre nas ilhas... de Florianópolis e dos Açores.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998**Jornal A Notícia***ZUMBLICK: 85 ANOS**

Há 85 anos, exatamente no dia 26 de setembro de 1913, nasce na cidade de Tubarão o menino Willy Alfredo. Logo cedo aprendia o ofício do pai, relojoeiro, e já se destacava no colégio como o melhor aluno nas aulas e nas atividades de desenho e pintura. Cresceu em sua cidade sempre desenvolvendo as duas atividades que hoje constituem sua



identidade: relojoeiro tradicional e artista plástico. Hoje, ao completar 85 anos, Willy Zumblick ainda atende na casa de comércio que foi iniciada por seu pai em 1902, hábito que cumpre diariamente com dedicação e frequência religiosa. Seguindo a pintura como sua verdadeira vocação, a sua dedicação à atividade artística foi e é tamanha que seus trabalhos ao longo desses anos foram espalhados por várias partes do mundo e adquiriram significativa importância para as artes e a cultura catarinense. Seu acervo é riquíssimo. Reconhecido pela sua vasta obra artística, tem resgatado em suas telas importantes capítulos da história catarinense, suas tradições e manifestações culturais.

A história da vida de Willy Zumblick não pode ser contada simplesmente pelo seu lado artístico, de enorme talento, é verdade, pois ao artista sobressai o cidadão que prestou e presta inestimáveis serviços à comunidade, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da cidade que tanto ama; figura humana admirada e respeitada pela sociedade tubaronense; o esposo dedicado e pai extremoso; amigo fiel. Sua vida e sua obra estão retratados no

livro “Zumblick - uma História de Vida e de Arte” (Lélia Pereira da Silva Nunes - 1993).

Inegável é o que Willy Zumblick representa para a história, as artes e a cultura catarinense. Um tesouro artístico-cultural. Esse patrimônio terá de ser legado às gerações futuras.

Por esse valor, é mais que hora de retribuir ao artista, ao homem, ao cidadão. Sua obra só se completará com a conclusão do Museu Willy Zumblick. Em construção há vários anos, este espaço constitui o mais acalentado sonho do artista e é motivo de sua permanente luta. Sua conclusão se faz necessidade urgente, como forma de traduzir a reciprocidade de amor e de admiração e para que Tubarão efetivamente demonstre respeitar o homem e reconhecer o talento de seu mais ilustre filho.

Vinte e seis de setembro é dia do seu aniversário. Parabéns, Willy Zumblick!

Eu te abençoô, meu pai.

*RAIMUNDO ZUMBLICK*

*Reitor da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Florianópolis*

### *FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

O Presidente do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA tem a honra de convidar V. Ex.<sup>a</sup> para a Sessão de Encerramento do ano acadêmico de 1998.

Programa:

1. Apresentação do relatório da diretoria relativo ao ano de 1998;
2. Concessão dos prêmios Lucas Alexandre Boiteux, de História, e José Vieira da Rosa, de Geografia, edição 1998;
3. Posse dos novos Sócios Eméritos Danilo Thiago de Castro, Geraldo Gama Salles, Sérgio Schmitz, Sueli Maria Vanzuita Petry e Valter Manoel Gomes;

4. Concessão da Comenda Manoel Joaquim de Almeida Coelho ao Embaixador Licurgo Ramos da Costa;

5. Lançamento do livro de Roselys Isabel Correa dos Santos, "A terra prometida. Emigração italiana: mito e realidade".

2 de dezembro de 1998, às 17 horas

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa

Praça XV de Novembro s/nº. Florianópolis, SC

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

A Editora PONTGRAF e o Espaço Cultural CASA 11, têm o prazer de convidar V. S.<sup>a</sup> e Digníssima Família para uma noite de autógrafa com o Escritor Catarinense NILSON MELLO, no lançamento do seu 29º livro:

"Pintando o Sete nas Férias" - Conto Infantil.

Local: Espaço Cultural CASA 11

Endereço: Rua Feliciano Nunes Pires, 148 - Centro - Florianópolis - SC

Dia 14 de dezembro de 1998.

Sua presença é indispensável.

Obs.: com a participação especial do QUARTETO MASCULINO da Igreja Presbiteriana de Florianópolis.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

A EMBRATEL e a Editora Garapuvu convidam V S.<sup>a</sup> para o lançamento do livro HISTÓRIAS ROMÂNTICAS, de autoria de HOMÊDO G. LINS.

Em Florianópolis

Dia 3 de dezembro

no Espaço Cultural Embratel,

Pça Pereira Oliveira, 92

APOIO CULTURAL

EMBRATEL

*BIGUAÇU - SC - 1998*

---

Que a Paz, a Esperança e a Compreensão façam parte de nosso dia-a-dia e que a valorização dos bens culturais sejam o alicerce de uma sociedade melhor.



FELIZ NATAL e próspero ANO NOVO

Grupo Arcos

Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu

*FLORIANÓPOLIS - SC, dezembro - 1998*

---

Prezado Professor Doralécio

A “A FIGUEIRA” é uma revistinha socioliterocultural sem nenhuma finalidade lucrativa, e sem apoio ou ajuda de qualquer órgão de Governo.

Cultura não se compra nem se vende. Mas, para sustentar a sobrevivência da nossa revistinha, algum “tipo de troca” há de ser feito. Assim é que ela sobrevive apenas com a AJUDA pecuniária

de alguns parentes e amigos.

Para continuar a recebê-la, basta você acusar, sempre, o seu recebimento, e, de vez em quando, mandar uns selinhos dos Correios.

Mas ... se você vier a gostar muito dela e, por isso, quiser recebê-la regularmente, então AJUDE-A, atendendo ao “chamamento” da página 15 desta edição. Assim você passará a pertencer à FAMÍLIA UNIVERSAL DE “A FIGUEIRA”, além de se tornar, por extensão, sócio(a), sem qualquer ônus, da SOCIEDADE DE CULTURA LATINA DE SANTA CATARINA (SCL-SC).

Para publicar em A FIGUEIRA observe a parte final do “Expediente” na página 2 desta edição.

Grato

Um abraço

Muita amizade

Saúde, paz, sucesso,

Felicidade . . . Abel Pereira

*GRARUJÁ - SÃO PAULO - SP*

## XXII EXPOSIÇÃO DE PRESÉPIOS DE GUARUJÁ

### PROGRAMA

18 dezembro de 1998

Sede da ABRASTI, Av. Adhemar de Barros, 571

- Abertura da Exposição de Presépios Artesanais, Enfeites, Cartões Natalinos e Cartazes alusivos ao evento, confeccionados por associados da ABRASTI, alunos da E.E.P.S.G. Prof. José Cavariani e E.P.P.G. Prof. Emídio José Ribeiro, e Presépios dos acervos do Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima e da Baronesa Esther Karwinsky

- Apresentação do Presépio ao Vivo da ASIPAVIC.

Regente: Vanilda - Presidente: Sandra

- Melodias Natalinas, pelo Coral da Terceira Idade.  
Violões: Márcia e Oswaldo

19 de dezembro de 1998

Sede da ABRASTI, Av. Adhemar de Barros, 571

- Encontro de Corais diante dos Presépios  
Igreja Matriz de Guarujá  
Coordenação: Baronesa Esther Karwinsky

*RIO DE JANEIRO - RJ, novembro - 1998* \_\_\_\_\_

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

PALÁCIO ITAMARATY - AV. MARECHAL FLORIANO, 196

CEP 20080-002 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

BOLETIM Nº 24 (Segunda época) Novembro de 1998

## SUMÁRIO

- . Centenário de Nascimento de Luís da Câmara Cascudo
- . Seminário Brasil descobre Cascudo:  
Prefeitura de Natal/Capitania das Artes
- . Fundação Joaquim Nabuco:  
Duas comemorações do Centenário de Câmara Cascudo
- . O Brasil de Câmara Cascudo no Museu de Folclore  
Edison Carneiro
- . Escola de Música/UFRJ: Louvação a Câmara Cascudo
- . Antônio Nóbrega homenageia Cascudo no Teatro  
Carlos Gomes/RJ
- . Comissão Baiana de Folclore: Curso em homenagem  
a Cascudo
- . Comissão Mineira: 34ª Semana de Folclore
- . Comissão Gaúcha:  
Seminário de Folclore para Tradicionalistas
- . Comissão Pernambucana: Cinquentenário
- . Comissão Tocantinense de Folclore

- . Comissão Norte-Rio-grandense:  
Literatura de Cordel e Presidentes do Brasil
- . Comissão Paranaense: Boletins n.ºs 4 e 5
- . Comissão Maranhense: Boletim nº 11
- . XXVI Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá
- . V Festival Zumbi dos Palmares em Guarujá
- . São José dos Campos, SP: Mês do Folclore
- . Maceió: Mês do Folclore
- . Olímpia, SP: 34º Festival de Folclore
- . São Bernardo do Campo, SP:  
I Conferência Brasileira de Folkcomunicação
- . 5ª Mostra Internacional de Filme Etnográfico
- . Natal, RN: IV Encontro de Cultura Popular
- . Florianópolis: III Encontro Nacional de Folclore
- . Museu de Folclore Edison Carneiro: Tambor de Crioula de Mestre Felipe
- . Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros  
- Maria Thereza L. de Arruda Camargo
- . José Sant'Anna: São Pedro na boca do povo
- . Itinerário de Luiz Beltrão - Roberto Benjamin (org.)
- . Gutenberg Costa:  
A influência do cangaço na música popular brasileira
- . Publicações recebidas

*FLORIANÓPOLIS - SC, abril - 1998*

---

A Agência BESC Santa Catarina e Editora Garapuvu têm o prazer de convidar para o lançamento do livro "Histórias do Desconhecido", de Hoyêdo G. Lins que será realizado no 2.º andar do Edifício Ewaldo Moritz, na Av. Osmar Cunha, 91 Centro - Nesta Capital.

DATA: 02/04/98

JOINVILLE - SC, abril - 1998

---

Jornal AN Capital

### CASA 11

Exposição Almas de Arte 3, dos artistas José Cipriano (foto) e Tiago da Silva, prossegue na Casa 11, novo espaço cultural em Florianópolis. Natural de São José, Cipriano foi chargista do jornal O Estado, e até 1995 trabalhou como *free-lacer* em desenho publicitário. Trabalha temas da cultura ilhoa em acrílico sobre tela. Tiago mistura técnicas em traço solto de artista com mais de 20 anos de experiência. A Casa 11 fica na rua Feliciano Nunes Pires, 148, Centro.



FLORIANÓPOLIS - SC - 1998

---

O Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina convida Vossa Excelência e Família para a solenidade de posse do Presidente e Vice-Presidente eleitos para o exercício de 1999, Conselheiros **Salomão Ribas Júnior** e **Antero Nercolini**, respectivamente, a realizar-se no dia 22 de dezembro de 1998, às 17:30 horas, no Auditório deste Tribunal, na rua Bulcão Viana, 90, Centro, Florianópolis - SC.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

Os Presidentes do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Academia Catarinense de Letras convidam V.S.<sup>a</sup> para a Sessão Solene das duas instituições em homenagem ao centenário do nascimento do Embaixador Edmundo da Luz Pinto a se realizar no Auditório do Palácio Cruz e Sousa, praça XV de Novembro s/nº, Florianópolis, dia 26 de agosto, quando será Orador Oficial o Embaixador Licurgo Ramos da Costa.

*Edmundo da Luz Pinto (05.01.1898 - 05.07.1963) - Deputado estadual e federal, representando do Brasil em organismos internacionais e participante de missões diplomáticas em inúmeros países.*

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

**A Livraria Siciliano, a Editora Século Catarinense e a Livraria Editora Insular (distribuidora) convidam para o lançamento do segundo volume do livro SANTA CATARINA: 100 ANOS DE HISTÓRIA, de autoria de Celestino Sachet e Sérgio Sachet, que estarão autografando a obra.**

**Dia: 09 de dezembro de 1998**

**Local: Livraria Siciliano - Shopping Beiramar - Florianópolis**

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

Florianópolis, 25 de novembro de 1998

Excelentíssimo Senhor Doralécio Soares

A Academia Catarinense de Letras espera contar com o comparecimento de Vossa Excelência e familiares, no próximo dia 17 de dezembro, no salão principal do LIRA TÊNIS CLUBE, ao jantar de encerra-

mento das atividades de 1998 e entrega de prêmios.

A Comissão para a Promoção de 1998 foi constituída pelos acadêmicos Jali Meirinho (Presidente), Leatrice Moellman, Almiro Caldeira de Andrada, Norberto Ungaretti, Osvaldo Ferreira de Melo.

Logo após o jantar, a Academia Catarinense de Letras fará a entrega do PRÊMIO DESTAQUE, pela importante contribuição à cultura catarinense, às editoras:

INSULAR

PAPA LIVRO

GARAPUVU

TERCEIRO MILÊNIO

Fará a entrega do PRÊMIO REVELAÇÃO de 1998 à escritora ZENILDA NUNES LINS, que estreou, no corrente ano, com o seu livro de contos "ROSAS E VIOLETAS", um dos mais vendidos e aplaudidos na recente Feira do Livro.

O PRÊMIO OTHON D'EÇA para o ESCRITOR DO ANO não foi concedido, mas a Academia Catarinense de Letras, excepcionalmente, entendeu de prestar, em 1998, homenagem especial aos autores de obras sobre os governantes de Santa Catarina:

SYLVIA AMÉLIA CARNEIRO DA CUNHA, autora da obra "GUSTAVO RICHARD - UM REPUBLICANO HISTÓRICO EM SANTA CATARINA", Editora do Senado, 1995.

CARLOS HUMBERTO CORRÊA, organizador do álbum "NEREU RAMOS", FCC Edições, 1988.

LUIZ HENRIQUE TANCREDO, autor do livro "DOUTOR DEBA - PODER E GENEROSIDADE", Editora Insular, 1988.

VICTOR MARCIO KONDER, autor de "IRINEU BORNHAUSEN - TRAJETÓRIA DE UM HOMEM PÚBLICO EXEMPLAR", Editora do Senado, 1997.

CESAR LUIZ PASOLD, autor da obra "JORGE LACERDA: UMA VIDA MUITO ESPECIAL", OAB/SC Editora, 1998.

CARLOS ALBERTO SILVEIRA LENZI, autor do livro

“CELSO RAMOS - UM PERFIL POLÍTICO”, Editora Terceiro Milênio, 1997.

ALCIDES ABREU, autor do álbum, “REMEMÓRIA DO GOVERNADOR CELSO RAMOS”, Edições Portobelo, 1997.

MOACIR PEREIRA, autor do livro, “IVO SILVEIRA - UM DEPOIMENTO”, Editora Insular, 1998.

EDISON D’AVILA, coordenador do álbum “ANTÔNIO CARLOS KONDER REIS - 50 ANOS DE VIDA PÚBLICA”, Oficina da Palavra, 1997.

### *FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

SBT/TV O Estado convida para tomar umas e outras no lançamento do Projeto Mercado Público 100 anos - suas histórias, seus causos. Não banque o tolo. Vai ter um delicioso caldinho de feijão, uma cachacinha e um chopinho bem gelado. Aproveite para conhecer o Projeto que exibirá diariamente as histórias do nosso Mercado, no SBT/TV O Estado. Dona Bilica e seu Maneca aguardam a sua presença, não tem?

Data: 24 de agosto de 1998

Local: Vão Central do Mercado Público de Florianópolis

### *FLORIANÓPOLIS - SC, abril - 1998*

---

*Jornal O Estado*

## **FARRA DO BOI OU BODE EXPIATÓRIO?**

*PAULO FERNANDO LAGO*

*Professor*

A questão da farra do boi continua merecendo espaços do noticiário estadual e nacional, persiste como interesse acadêmico e, sobretudo, prossegue se infiltrando nos debates de esquinas, saunas, cabeleireiros, botequins, enfim, na rica tipologia de ambientes urbanos. Obviamente, há componentes no fato que transcen-

dem o significado que tradicionalmente lhe emprestavam seus antigos participantes rurícolas. Para estes, a prática tauromáquica não passava de brincadeira, de entretenimento num contexto cultural que não poderia usufruir de morumbis e maracanãs, de suntuosas arenas, cinemas e teatros, de vanerões, auditórios e palanques para exibição de artistas de representação, de pagodeiros, metaleiros e nádegas portentosas. Na aurora da civilização, os cretenses, precursores dos gregos, e antes destes inventarem as olimpíadas, já davam especial importância aos jogos públicos com utilização de bovinos furiosos. Construíam especiais dependências para os espetáculos tauromáquicos, nos quais participaram também as mulheres atléticas. Criavam, pois, meios operacionais muito antes das touradas de Madrid, dos rodeios que aqui no Brasil resolveram chamar de crioulos e, é claro, muito antes dos açorianos do litoral catarinense e seus descendentes, saudosistas do mundo rural que lhes escapa. As exaltadas críticas à prática que herdaram dos tempos impuseram certo confinamento, deles e dos bois, aos mangueirões - que não passam de tosca expressão das monumentais arenas de touradas, ajustada ao modestíssimo poder de investimento dos praticantes descalços.

A farra do boi, proibida ao pouco livre espaço urbano, escamoteado no espaço rural mas permitida nos mangueirões, talvez seja menos farra para os participantes, o que não significa que reduza a violência em relação à vida mansa dos mais importantes dentre os quadrúpedes mamíferos do planeta. Entre um belo e robusto miura (quando entra na arena e é reduzido a um animal ritualisticamente estropiado até a estocada final do garboso toureiro) e um fogado mas um tanto esqualido novilho que se desgasta num manguirão até virar churrasco, a diferença talvez apenas resida no fato de que os profissionais preferem, após o espetáculo, comer paella e não, como os amadores de nosso litoral, saborear, comunitariamente, a carcaça do principal coadjuvante do espetáculo. De qualquer maneira, nada sobra para os deuses. Mas, uma

arena de touradas, um rodeio crioulo ou um mangueirão têm em comum o interesse hegemônico do mundo urbano. O rodeio é mais imaginativo, não se limitando ao boi furiosamente estimulado, pois se estende aos eqüinos e aos bezerros recém-desmamados. Mas, todos tendem a conviver como componentes do equipamento urbano, como manifestações “organizadas”, cheias de atrações acessórias, com o máximo de garantia aos espectadores e respeitosa ovações aos grandes campeões, toureiros, laçadores, domadores e esporeadores. A farra do boi do litoral catarinense, como primitiva forma de entretenimento perde, de goleada, para monumentais espetáculos das arenas hispano-mexicanas e dos rodeios patenteados pelos americanos, sem reserva de mercados para paulistas e gaúchos. Como prática primitiva, a farra do boi tem servido como bode expiatório, algo incompatível com a qualidade total que se exige para todas as atividades humanas nesta sociedade civilizadamente competitiva e presunçosa, edificada para a glória urbana e desprezo aos humildes do mundo caipira ou o que resta dele. A farra do boi é fato rural. Para desgraça dos praticantes, e certamente, do boi, invadiu a propriedade urbana, onde não cabe o rural, a não ser por descuido ou por interesse urbano.

### *FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*



A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS tem o prazer de convidar V. Ex.<sup>a</sup> para a sessão solene que realizará na data do centenário de falecimento do poeta CRUZ E SOUSA.

Orador oficial: Acadêmico Lauro Junkes,  
Vice-Presidente da ACL.

Local: Auditório Othon D’Eça, da ACL,  
no CIC.

Agronômica - Florianópolis - SC

Data: 19 de março de 1998



Recordarão

CRUZ E SOUSA:

Dona Ivone D'Aquino Ávila (filha do ex-Presidente da ACL, acadêmico Ivo D'Aquino): SUPREMO VERBO

Dona Kyrana Lacerda (viúva do Governador Jorge Lacerda):  
VIDA OBSCURA

Doutora Elianne Peressoni Vieira (Presidente da Fundação Viva Vida): CAMINHO DA GLÓRIA

Acadêmico Hoyêdo G. Lins: O EMPAREDADO (prosa)

Acadêmico José Curi: LONGE DE TUDO

Acadêmico Licurgo Costa: TRIUNFO SUPREMO

### *FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

O Governo do Estado de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a Academia Catarinense de Letras têm o prazer de convidar Vossa Senhoria para as solenidades em homenagem ao Centenário de Morte de Cruz e Sousa

- . Exposição "Cem Anos Sem Cruz" - Acervo do MASC.
- . Descerramento de placa em homenagem a Cruz e Sousa.
- . Lançamento nacional de Selo Postal em memória ao poeta.
- . Sessão solene da Academia Catarinense de Letras.
- . Lançamento da edição fac-similar de "Faróis", de Cruz e Sousa, em co-edição com o Ateliê Editorial.
- . Lançamento da edição do jornal "Ô Catarina!"
- . Lançamento do livro "Arrastão", de Almiro Caldeira, pela FCC Edições.

Data: 19 de março

Local: Galeria do Centro Integrado de Cultura

Academia Catarinense de Letras

Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600

Florianópolis - SC

*SÃO JOSÉ - SC, março - 1998**Jornal AN Capital*

## **ESCOLA DE OLEIROS QUER PRESERVAR OFÍCIO HERDADO DOS COLONIZADORES**

*A olaria já teve seus anos de glória, quando peças de barro eram levadas todos os dias para Florianópolis.*

Herança dos açorianos, o ofício de moldar o barro e transformá-lo em artesanato e louças é tão antigo quanto a cidade de São José. Por isso, a olaria é uma das atividades que mais identifica o município. No passado, dezenas de oficinas se espalhavam pela cidade para atender a um mercado intenso de louças de barro. Estima-se que na década de 40 existiam mais de 50 olarias só na Ponta de Baixo. Hoje, não chegam a oito em todo o município. A atividade sucumbiu às novas tecnologias e deixou de ser um bom negócio. Os oleiros que continuam na atividade persistem muito mais pela paixão ao ofício do que pela sua rentabilidade.

Para que a olaria não se perca no trabalho dos mais velhos, o município criou em 1992 a Escola de Oleiros "Joaquim Antônio Medeiros", única no país. O nome da escola é uma homenagem a um dos maiores oleiros que o município já teve. Pai do mestre Luís Medeiros, 70 anos, Joaquim Antônio Medeiros trabalhava na casa onde hoje funciona a escola. Com 50 alunos e quatro mestres, a casa busca resgatar o trabalho dos oleiros mais antigos com o objetivo de formar novos artesãos. Parte das peças produzidas em aula servem de fonte de renda para a manutenção da escola e outras são doadas para instituições de caridade como a vizinha Orionópolis. Segundo o diretor da Escola, Valdair Corrêa da Silva, este mês foram enviadas cerca de 300 peças para entidades.

Valdair começou na Escola de Oleiros como aluno. Ele conta que já era escultor e sempre teve vontade de mexer com o barro. "O barro trouxe de volta o contato que eu tinha perdido com a terra", afirma.

Para o mestre José Geraldo Germano, há 25 anos trabalhando com cerâmica e há três na Escola de Oleiros, o ofício é uma tera-

pia. “É o equilíbrio dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar”, conclui Geraldo.

### **A resistência de um mestre**

O mestre José de Souza, 70 anos, o Zequinha, é um dos mais antigos oleiros de São José. Apaixonado pela profissão, ele ainda senta no torno apesar de ter sido proibido pelo médico por causa de problemas no pulmão. Zequinha aprendeu o ofício aos 18 anos com um “compadre” e nunca mais abandonou a profissão. Trabalhou



*RESISTÊNCIA - Movidos pela paixão, antigos oleiros resistem às novas tecnologias e continuam a moldar o barro em louças e artesanato.*

com Joaquim Antônio Medeiros, oleiro que deu o nome à Escola de Oleiros do município, onde Zequinha ensina o que aprendeu nesses anos todos de trabalho com o barro. Mais tarde, decidiu criar sua própria olaria, na localidade da Ponta de Baixo, onde nasceu.

Mestre Zequinha lembra que, nessa época, existiam muitas olarias no bairro. “Era um bom trabalho. Nós não dávamos conta de fazer para atender à encomenda. Não tinha hora para pegar nem para arriar”, conta o oleiro. “Hoje tá ruim de vender”, acrescenta. Apesar das dificuldades, a oficina do Mestre Zequinha continua em atividade. Quem toca o trabalho é o filho Moacir de Souza, único dos oito que fez questão de continuar a profissão do pai. Moacir lembra que quando criança ele e os irmãos já ajudavam na olaria. “O pai fazia a louça e nós amassávamos o barro.”

Como Mestre Zequinha, o filho Moacir nem pensa em desistir do ofício. O que move os dois é o gosto pela olaria. “Tenho muito prazer em fazer. Deu muito trabalho para sustentar a família, mas gosto muito da profissão. É muito bonita”, afirma o oleiro.

### *FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA  
MUNICIPAL PROF. BARREIROS FILHO - AABM

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL PROF. BARREIROS  
FILHO

A AABM e a Biblioteca têm a satisfação de convidar Vossa Senhoria para a abertura das atividades culturais de 1998, com uma homenagem a Cruz e Sousa. Sob a direção de Zeula Soares, atores do Grupo Armação e convidados apresentarão textos em prosa e poemas do representante maior do simbolismo no Brasil. Música ao vivo complementar o espetáculo.

João, O poeta da Dor (e do Amor)

Dia: 22 de maio de 1998

Local: Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho  
Rua João Evangelista da Costa, 1.160 - Bairro de Fátima  
Florianópolis, SC

FLORIANÓPOLIS, SC - 1998

## HOMENAGEM A CRUZ E SOUSA

MAURA SOARES<sup>1</sup>

Tendo em vista comemorar-se, neste ano de 1998, o centenário de falecimento de Cruz e Sousa, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, aliando-se a outras instituições que reverenciam o poeta maior do simbolismo no Brasil, comemorou a data em Sessão Especial, dia 20 de maio, tendo por local o Auditório do Museu Histórico de Santa Catarina, no Palácio Cruz e Sousa.

Os presentes foram saudados pelo professor Carlos Humberto Corrêa, presidente do IHGSC e, em seguida, o coordenador da Comissão encarregada do preito ao poeta, Prof. Osvaldo Ferreira de Melo disse que “a homenagem a ser prestada será em forma de painel com três palestrantes e a apresentação por atores do Grupo Armação de textos e poemas da juventude e da fase madura que guarda indeléveis impressões da vida do Desterro”.

O primeiro painelista foi o Prof. Evaldo Pauli com o tema Panorama sociocultural de Desterro.

O Prof. Pauli enfatizou a coincidência do nome do poeta batizado pelo padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, grande escritor e poeta de Desterro. Tendo João da Cruz e Sousa nascido no dia 24.11.1861, dia consagrado a São João da Cruz<sup>2</sup>, supõe-se que Arcipreste Paiva<sup>3</sup> deu-lhe o nome em honra ao santo que, tal como o nosso poeta, utilizou formas e termos místicos em seus versos. Coincidência ou não, ambos foram grandes em suas épocas.

O tempo de Cruz e Sousa no Desterro foi lembrado pela sua

<sup>1</sup> Sôcia emérita do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

<sup>2</sup> São João da Cruz foi um grande teólogo e místico carmelita espanhol que viveu entre 1542 e 1591. Como poeta, escreveu Cântico Espiritual e o Papa Pio XI o consagrou como Doutor da Igreja.

<sup>3</sup> Arcipreste - Título da Igreja dado a Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva. Arcipreste: Chefe dos padres que compunham o clero de um bispo.

participação no movimento em defesa da mudança do nome Florianópolis para Ondina, mas “em 1894 prevaleceu o da realidade republicana” (sic). Cruz e Sousa participou também do movimento abolicionista pois sentia na pele a discriminação, mesmo tendo inteligência superior.

Em seguida, o Prof. Pauli discorreu detalhadamente sobre três fatores que levaram a sociedade a adotar a escravatura: 1) o subdesenvolvimento do servo; 2) encaminhamento do servo para uma fonte compradora/fornecedora; e, 3) a sociedade tendente à exploração até o fim do século passado.

Porém Cruz e Sousa não era filho de escravos, pois seus pais, à época de seu nascimento, já tinham sido alforriados.

O Prof. Pauli destacou ainda a miscigenação como fator da realidade sociocultural até nos dias atuais, eis que, ao se mesclarem as raças, sempre ficará o que há de bom em cada uma delas e, assim, o preconceito cederá lugar à tolerância e, mais tarde, à aceitação e todos viverão irmanados em busca de um bem comum.

Nascido em berço de ouro na casa do Marechal Guilherme Xavier de Sousa, no entanto, a cor não o ajudou e, quando o Marechal faleceu, Cruz e Sousa viu-se abandonado pela sorte, entregue ao mundo preconceituoso de sua época.

Após a dissertação do Prof. Evaldo Pauli, a atriz e diretora de teatro, Zeula Soares, que dirigiu o Jogral, apresentando o grupo de atores Alzemiro Lídio Vieira, Édio Nunes, Regina Prates e Sandra Ouriques - atores do Grupo Armação -, explicou como seriam apresentadas as três inserções de poesias no painel. “No primeiro momento, o poeta faz uma declaração de amor à noite e seu estranho mistério. Pode-se até imaginar como devem ter sido belas as noites em Desterro; no segundo momento, o poeta clama pela natureza e sua majestade, pelos sons e aromas, pela vida e pela morte; no terceiro momento, finalizando a participação, os atores falarão da dor, tema presente em grande parte da obra de Cruz e Sousa. Nesta apresentação, está contido também um preito ao artista”.

Zeula enfatizou ser de sua inteira responsabilidade a seleção dos textos para a apresentação, dizendo que os mesmos tinham sido escolhidos de forma a dar harmonia e coerência, embora não tivessem sido escritos quando da permanência do poeta em Desterro. Citou a artista plástica Puka Saraiva, autora da tela que fez parte do cenário para a apresentação, obra essa que retratava a rua Bocaiúva, local onde viveu Cruz e Sousa.

O segundo painelista foi o Prof. Carlos Humberto Corrêa, com o tema “o movimento da Idéia Nova e suas conseqüências”.

Em seu pronunciamento, o prof. Carlos Humberto comentou que em 1883, o presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Luis da Gama Rosa, médico, homem culto e ativo, iniciou um movimento chamado Idéia Nova em que se destacaram Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueiredo, Horácio de Carvalho, Emiliano Pernet e, naturalmente, Cruz e Sousa.

Criticado, principalmente pelos Jornal da Tarde e Jornal do Comércio por ter nomeado Virgílio Várzea - então com 19 anos -, para ser seu Oficial de Gabinete, Gama Rosa não se perturbou pois reconhecia que o jovem tinha talento e continuou a implantação da Idéia Nova “que outra coisa não fora, senão uma adaptação, à moda da terra, das vigorosas e universalmente conhecidas doutrinas que dominaram o período realista nas artes”.<sup>4</sup>

Continuando, o Prof. Corrêa discorreu sobre a campanha abolicionista que teve Cruz e Sousa como um dos seus baluartes e que era aceita até pelos adversários políticos. Araújo Figueiredo e Horácio de Carvalho uniram-se a Cruz e Sousa nessa bandeira em prol da liberdade.

O grito de Gama Rosa e de seus amigos intelectuais visava à independência do romantismo vigente. Eles tinham nos jornais a forma de poderem discutir e insultar-se mutuamente.

Depois de alguns anos, a polêmica esfriou, pois a absorção

<sup>4</sup> MELO, Osvaldo Ferreira de. Introdução à História da Literatura Catarinense. Porto Alegre. Editora Movimento, 1980.

em atividades políticas tomava mais tempo do que picuinhas literárias através dos jornais. Cruz e Sousa, com a colaboração de Virgílio Várzea, escreveu **Tropos e Fantasias** e Gama Rosa publicou **Biologia e sociologia do casamento**.

“No fundo de tudo, poder-se-ia notar um fato importantíssimo: a vida intelectual da velha Desterro fora agitada. Pela primeira vez na história catarinense, exceção de casos políticos - havia surgido uma reação contra um estado de coisas aceito e julgado inatacável”. “(...)” “... sobraria a lição de que é preciso acompanhar o mundo, de que há sempre coisas a descobrir e a criar. A eterna lição de que o artista não pode realizar quando atado a figurinos.”<sup>5</sup>

A terceira e última palestra coube à escritora e poetisa **Leatrice Moellmann** que abordou o tema **A obra literária de Cruz e Sousa produzida em Desterro** e, em seu relato, fez uma belíssima homenagem ao poeta, dando testemunho de sua vida em Desterro, o encanto com a natureza, a geração de seus avós que teve contato com o poeta e enfatizou a diferença de classes.

Tal como Cruz e Sousa, Leatrice sentiu “o tremular suave das aragens de estilo na galharia, o estridular dos grilos e cigarras anunciando o Natal, o pipilar dos passarinhos nos telhados nas coloridas madrugadas, o perfume adocicado do pau-d’água, da mirta e outras flores noturnas, pelas ruas, o mesmo céu azul dos dias luminosos de calor ou o céu plúmbeo dos invernos tristes e nebulosos”.

A Cidade-Ilha é destacada em todas as suas nuances.

A painelistra discorreu sobre a produção literária de Cruz e Sousa, exemplificando seu relato em pesquisa realizada na obra de **Iapanan Soares e Ilma Gesser Nunes**, “**Cruz e Sousa: Dispersos - poesia e prosa**”. Destaca os infundáveis adjetivos, alguns quase impronunciáveis que o poeta usava com a tranqüilidade com que pegava da pena para escrever. A figura do palhaço, a dor, o preconceito estão presentes em sua obra e Leatrice ressalta

<sup>5</sup> MELO, Osvaldo Ferreira. Op. cit. p.71.

que “tais narrativas se referem às elucubrações e desabafos de uma alma marcada pelo preconceito sociorracial, sentido e ressentido por essa criatura em que se mesclam a desdita do estigma da cor e o privilégio da inteligência ímpar”.

A História registra. A História homenageia aqueles que foram grandes em sua época. A História armazena as coisas belas. Tenho certeza de que gerações após gerações hão de falar deste homem que, humilde em seu nascimento, foi grande na sua trajetória de vida!

**Fontes de referência:**

1. Vídeo sobre as palestras.
2. MELO, Osvaldo Ferreira. Introdução à História da Literatura Catarinense. Porto Alegre: Editora Movimento, 1980.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, associando-se a outras Instituições Culturais, reverencia em Sessão Especial a memória de Cruz e Sousa, com manifestações de vários membros e participação especial do Grupo Armação.



*Carlos Humberto Corrêa*

*Osvaldo Ferreira de Melo*





*Evaldo Pauli - Hélio Texeira da Rosa*



*Leatrice Moellman*



*Zeula Soares*

*Grupo Teatro ARMAÇÃO  
Da esquerda para a direita: Édio  
Nunes, Algemiro R. Vieira, Regina  
Prates e Sandra Ouriques*





*Presença de elevado número de pessoas na homenagem prestada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, ao insigne poeta Cruz e Sousa, por ocasião do centenário do seu falecimento.*

*FLORIANÓPOLIS - SC, março - 1998**Jornal A Notícia*

## **TÉRCIO DA GAMA ILUMINAÇÕES ILHOAS**

*“Ilha dos Meus Amores” traz ao espaço de arte do Badesc a mais perfeita tradução do imaginário ilhéu*

*DENNIS RADÜNZ*

*Editor Assistente do Anexo*

O folguedo reluz na figueira como se a ilha, hiato das águas, expandisse suas pontes ao infinito. E o mito, em ritos de fins e ressurreição, faz do boi-de-mamão a mais perfeita tradução desse mundo em vias de alegoria. Rendeiras, redes e o casario alam-se nas mãos meninas de Tércio da Gama, artista que em “Ilha de Meus Amores”- exposição que abre hoje, às 19 horas, no Espaço Cultural Fernando Beck, do Badesc, em Florianópolis - eleva o solo ilhéu ao limiar do imaginário; o olhar aceso nas iluminações ilhoas. A mostra reafirma também a excelência do espaço cultural do Badesc que, desde 1991, realizou 120 eventos, envolvendo 290 artistas (a exemplo da mostra iconográfica “Trinta Anos de Catequese Poética”, de Lindolf Bell).

### **ARTE E EPIFANIA**

Egresso do legendário Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis/Gapf - surgido em 1958 e que incluía, entre outros, Hassis e Meyer Filho -, o pintor autodidata Tércio da Gama, nascido em 1933, realizou inúmeras exposições no Brasil e na Argentina, da Exposição Itinerante do Banco do Brasil (onde expôs) ao lado de Portinari, Burle Marx e Fayga Ostrower, entre outros), em 1958, à sua mais recente carnação, a mostra individual “O Mito e a Magia da Ilha” no Salão da Associação Catarinense dos Artistas Plásticos, em 1997, balizas de seu percurso entre a arte e a epifania.



*ALMA DA ILHA - O dramático e o lúdico convivem nas paisagens primitivistas do artista da cor ilhoa, Tércio da Gama*

Para o crítico de arte Harry Laus (1980), “mais cor é quase impossível. Outros têm usado a cor de uma forma deslumbrante, como Marc Chagall ou Raoul Dufy, parentes de Tércio, também parente de Eli Heil”.

Nesse sentido, Tércio da Gama, impregnado de figurativismo (com raras incursões ao abstracionismo), torna a cor a tradução

quase tátil da terra ilhoa; abolidas as perspectivas, suas águas banhadas em cores circundam o destino de desterro do povo e da paisagem primitivista. “Tércio pega a narração e a submete a um esquema de cores onde cada esquema sai valorizado”, conclui Laus. Outro entusiasta da arte de Tércio é o escritor florianopolitano Hamilton Alves, para quem ele “é provavelmente o pintor que melhor retrata a sua terra”.

E essa terra, tramada em rendas de bilro e aparições, alia sua alma à arte de Tércio, como se Bernúncia, aquela “que comeu Mané João e come tudo o que lhe dão”, ou Maricota, a mulher gigante - introduções catarinenses ao Boi-de-Mamão - dialogassem com o mestre à procura de alguém que lhes desse vida, para além de folguedo ou folia.

Quando falam, falam em cores.

O QUÊ? - Exposição “Ilha dos Meus Amores”, de Tércio da Gama.

QUANDO? - Abertura hoje, às 19 horas: ONDE: Espaço Cultural Fernando Beck (Av. Mauro Ramos, 1.277), em Florianópolis. Visitação de 18 de março a 30 de abril. VISITAÇÃO VIRTUAL: <http://www.badesc.gov.br/espaco>

## TANGARÁ DA SERRA - MT - 1998

### Festival da Canção inédita de Tangará da Serra

REALIZAÇÃO: Prefeitura Municipal de Tangará da Serra

PROMOÇÃO:

Semec/Centro Cultural

EXECUÇÃO:

Centro Cultural

APOIO:

Imprensa, Comércio e Indústria

LOCAL:

Praça dos Pioneiros

DIAS:

30 de julho a 1.º de agosto



*CURITIBA - PR - 1998*

---

**CURITIBA - PR - 1948-1998**

A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ, através do Museu da Imagem e do Som, convida para a comemoração do Cinquentenário da Instalação da COMISSÃO PARANAENSE DE FOLCLORE (Comissão Nacional de Folclore - IBECC - UNESCO)

Abertura: Diretor do MIS

Homenagem aos membros fundadores presentes

Exposição retrospectiva de fotografias (Comissão Paranaense de Folclore)

Lançamento: Comissão Paranaense de Folclore, 50 anos (Roselys Vellozo Roderjan, Presidente da Comissão Paranaense de Folclore)

Apresentação do vídeo Cirandas Paranaenses (Museu da Imagem e do Som)

Data: 15 de maio de 1998

Local: Museu da Imagem e do Som

Rua Barão do Rio Branco, 395 - Curitiba/PR

*BELO HORIZONTE - MG - 1998*

---

A Comissão Mineira de Folclore tem o prazer de convidá-lo(a) para o lançamento de seu **Boletim n.º 18**, edição especial em homenagem aos:

100 anos de Belo Horizonte

80 anos do Prof. Saul Martins

50 anos da Comissão Mineira de Folclore

Dia 19 de fevereiro, quinta-feira no Centro de Cultura Belo Horizonte, Rua da Bahia, esquina com Avenida Augusto de Lima

Participação da Folia de Reis de Vespasiano

Apoio cultural para edição do Boletim n.º 18

Prefeitura Municipal de Vespasiano

BDMG Cultural  
Apoio cultural para o lançamento  
Centro de Cultura Belo Horizonte  
Restaurante Xico da Kafua  
Gráfica e Editora Cultura

RIO GRANDE DO NORTE - 1998 \_\_\_\_\_

CORRESPONDÊNCIA

Natal, 18 de março de 1998

Prezado Doralécio,

Saudações fraternas!

Acabo de chegar de uma longa estada em Minas, mais de dois meses, e fui agraciado com seu excelente boletim, fruto de um dedicado trabalho, difícil e valioso. Parabéns merecidos e agradecimento de coração.

Transmiti ao Deífilo os votos recomendados, e ele manda abraços.

Folgo em saber que aceitou meu artigo, "Os Cumbis", para publicação futura. Já estou ansioso pelo fato. Agradeço desde já.

Achei importante informar-lhe, não sei se já leu, no livro História do Carnaval Carioca, de Eneida, (Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1958. 315p.), existe o relato de que o Cucumbi ainda existia no Rio de Janeiro em 1888, à página 97:

*"Nesse ano de 88 (1888) desfilou a 'Sociedade Carnavalesca Triunfo dos Cucumbis', o primeiro cordão organizado na cidade. Eram negros fantasiados de índios, tocando instrumentos primitivos. No centro levavam uma rainha com um grande manto, segurado por dois mascarados, 'dois figurões', políticos, possivelmente. Negros fantasiados de índios executando músicas e danças de africanos." (sic)*

Há equívocos óbvios: esta questão dos políticos é uma; outra é que os cucumbis, como sabemos pelas descrições de Melo Moraes Filho, não se fantasiavam de índios ... a arte plumária estava presente nas civilizações negras também, e aparece em alguns autos dos negros, sem que isto seja influência indígena. Mas a informação é importantíssima pela datação, visto que os cucumbis desapareceram, é pela estruturação do grupo que é possível perceber na notícia.

Estou recolhendo tudo sobre este assunto e fiquei feliz ao ler o artigo Cacumbinho de Imbituba, de Almir Martins. Transmita-lhe, por obséquio, meus parabéns.

Despeço-me com um abraço cordial. Reafirmo meu apreço e admiração.

Ulisses Passarelli

### **RECIFE - PE - 1998**

---

#### **SE EU FOSSE PAPAI NOEL**

*POETISA - IVANIRA MARIA DE MIRANDA SILVEIRA*

Seu eu fosse Papai Noel

Nesta Noite de Natal

Iria correr o mundo

Pregando meu ideal

Lembraria à Humanidade

Tudo que o Cristo ensinou

Desde o humilde Natal

Ao que no Monte pregou

Recordaria o Calvário

Sem revolta e sem rancor

Ensinando a Humanidade

A sublime Lei do Amor

Correria às Aldeias,

Cidades, montes, vergéis

Renovando as esperanças  
Dos que ainda são fiéis

À mãe que chora o filhinho  
Que já se foi para o céu  
Apontaria a criança  
Que vive faminta ao léu

Ao lar que tem mesa farta  
Filho sadio e feliz  
Pediria que amparasse  
O filho da meretriz

À juventude descrente  
Pelos erros do mais velho  
Lembraria Pedro - Apóstolo  
Revivendo o Evangelho

Iria aos campos de guerra  
Substituir canhões  
Pelo Evangelho do Cristo  
Que renova os corações

E onde quer houvesse lágrima  
Tristeza, mágoa e dor  
Com o livro da Esperança  
Transformaria em amor

E quando o dia chegasse  
Embora muito cansado  
Vibraria de alegria  
Vendo o homem renovado

Despojado do homem velho  
Vivendo um mundo de luz  
Onde todos fossem irmãos  
E o rei fosse Jesus!

SÃO JOSÉ - SC, abril - 1998

Jornal AN Capital

## FEMINILIDADE NOS RODEIOS

*Aos 23 anos, Cristiane Durieux despreza a hegemonia masculina e revela habilidade em montar a cavalo, destemida, correndo atrás de bois brabos*

VALÉRIA LAGES

De dia, bombacha, guaiaca, botas, lenço no pescoço, chapéu e muita lama pelo corpo. À noite, vestido de prenda com babados, sapatos com saltinho, flor no cabelo, brincos de pérola e maquilagem no rosto. Cristiane Durieux, 23 anos, vive assim. Tem a agressividade para disparar correndo em cima de um cavalo e laçar um boi veloz e a feminilidade de quem não dispensa gargantilha, anéis e brincos, tudo com motivos eqüinos. Até o relógio tem um cavalo desenhado. Única mulher na região e uma das duas no Estado a montar cavalos para participar de provas de laço e de carreira (corrida entre dois cavalos em cancha reta). Cris já ganhou de muito cavaleiro.

Nos homens, causa surpresa e admiração. Nas mulheres, ciúmes por estar sempre em meio à “homarada”, merecendo todas as atenções. Mas o preconceito nunca a atrapalhou. Nem os graves tombos que sofreu e que deixaram seqüelas no corpo. Depois de cinco anos laçando e de alguns prêmios, convenceu até sua mãe a desistir de fazê-la abandonar o laço. E ela quer mais risco: “Ainda vou montar em um touro e fazer gineteada”, garante.

O ineditismo da laçadora que mora em São José é tanto que em janeiro passado ela foi convidada para fazer a armada de abertura do Rodeio de Vacaria (RS), o maior do Sul do Brasil e que reúne centenas de cavaleiros de diversos Estados. Sua próxima atuação em campeonato será em maio, durante a seleção para o Torneio dos Campeões de Santa Catarina, em Forquilha (São José), quando correrá com uma menina de 9 anos o laço duplo prenda.

“Não tem mais ninguém para me acompanhar por aqui, então



*PRIVILEGIADA - Cris é a única mulher na região e uma das duas no Estado que participam de rodeios. Sempre rodeada de cavaleiros, impõe respeito e não deixa de ser irônica com as invejosas: "Olha quantos homens tenho na minha volta"*



vai ser a Sara, que está começando. A outra prenda que monta no Estado é de Rio do Sul”, informa. No dia 30 de maio, participará da 3ª Festa campeira do CTG Velho Pouso de Boiadeiro, em Santo Amaro da Imperatriz, um dos locais onde treina.

### VAQUINHA PARADA

Dentro da cancha, o boi tem que ser laçado antes dos cem metros. É tudo muito rápido. Por isso, quem está começando treina com a chamada “vaquinha parada”, uma espécie de cavalete fixo de madeira que imita o animal, com chifre e tudo para ser laçado. Cris treinou na vaquinha parada durante três meses antes de encarar um bicho vivo. No início, pegou um boizinho “devagar” e um cavalo calmo. A primeira armada conseguiu depois de um mês.

Ainda hoje ela e os outros laçadores recorrem à imitação quando não estão se exercitando com o animal. Mas agora Cris gosta mesmo é de boi “ligeiro”. “A velocidade dá mais adrenalina”, explica.

Além do equilíbrio no lombo do cavalo e da determinação de sair em disparada atrás do boi, outro desafio para a prática feminina da laçada é a força e a firmeza exigidas para bolear o laço de couro forrado com bolinhas de chumbo. Só o cerco com qual faz a armada para laçar o boi tem sete metros ao comprido.

“Minha mãe tentou me convencer que muita gente já morreu fazendo laçada e que eu podia fazer hipismo, que ela acha que é mais para moça.” Depois de ver a determinação de Cris, a mãe desistiu. “Às vezes levo ela para me ver correr atrás do boi e para mostrar como sou bem acolhida pelos outros cavaleiros. Hoje ela conta para todo mundo, tem orgulho do que faço, mas continua preocupada.”

### DETERMINADA, NÃO DESISTIU APÓS SOFRER ALGUNS ACIDENTES GRAVES

Cris começou a se interessar por cavalos ainda pequena. “Quando eu tava na 1ª série fui visitar, com a escola, a Polícia Montada e eles nos levaram para montar nos cavalos. Não tive nenhum medo e até hoje quanto mais brabo o bicho, melhor”, diz.

Tanta coragem é verdadeira. Se não fosse, não continuaria depois de tombos que fariam qualquer um abandonar a laçada.

Uma vez, depois de ter caído, voltou para montar, mesmo com o pé doendo muito. “Eu tinha quebrado o pé e nem sabia”, lembra. “Quanto mais eu caio, mais tenho vontade de montar de novo. As pessoas dizem para eu castrar meu cavalo, mas não vou porque o bicho fica muito calmo.”

O acidente mais grave que Cris sofreu foi durante um rodeio no CTG Os Praianos, há alguns anos. O cavalo que ela montava se assustou com o barulho de um foguete e empinou, jogando-a ao chão e caindo em cima dela.

Resultando: um mês sem caminhar e seqüelas definitivas. Até hoje Cris tem um desvio na coluna em função do tombo. Também distendeu a perna e levou cinco pontos no supercílio. “Minha mãe se apavorou e achou que eu nunca mais montaria”, conta.

O corte profundo no supercílio causado pelo ferro do laço rendeu-lhe um olho completamente roxo e algumas histórias para contar. “Parecia que eu tinha levado um soco do Mike Tyson”, compara. Quando voltou ao colégio, depois de um mês de cama, Cris foi fazer uma prova usando óculos escuros porque não agüentava a claridade no olho machucado. “O professor achou que eu tava colando e mandou eu tirar os óculos. Eu disse que tinha sofrido um acidente e que não conseguia ficar sem óculos, mas ele não acreditou. Quando tirei os óculos, ele caiu durinho no chão.”

## RAINHA DOS RODEIOS

Sempre rodeada de homens, Cris é bem tratada pelos colegas. “O pessoal é muito unido. Se alguém está sem cavalo ou sem dinheiro, emprestamos para que possam participar dos rodeios. É uma grande família. Alguns, que não são da minha patotinha, confundem as coisas, mas logo imponho respeito”, diz.

Com as mulheres, o relacionamento nem sempre é tão ameno, não por Cris, que é simpática e simples, mas pela ciúmeira delas. “A

mulherada me olha meio atravessada, diz que laço é coisa de homem e que sou sapatão. Não dou bola e ainda retruco: “Assim é que é bom, olha quantos homens tenho na minha volta”. A média de 600 cavaleiros em cada rodeio tá boa, não preciso de mais”, brinca.

O namorado, Vanderlei Coelho, 19 anos, cavaleiro e narrador de rodeios, tira de letra essa história toda. “Não existe coisa para homem. Ela deve fazer o que gosta”, simplifica. Foi a valentia de Cris que lhe chamou a atenção? “Eu gosto de tudo nela, pode escrever aí”, responde. Mesmo assim, ele garante que se mantém imparcial quando narra uma prova em que ela é uma das competidoras. Os dois se conheceram, é claro, num CTG e, muitas vezes, competem ente si. “Cada vez que ela ganha de mim todo mundo tira o maior sarro”, fala.

### **OLINDA - PE - 1998**

---

ESPAÇO TIRIDÁ  
MUSEU DO MAMULENGO  
RUA DO AMPARO, 59  
OLINDA - PERNAMBUCO  
BRASIL - CEP 53020-190

Criado em Olinda, Cidade Patrimônio da Humanidade o Museu do Mamulengo - Espaço Tiridá - Unidade Semi-autônoma da prefeitura de Olinda, está localizado à Rua do Amparo, 59 - telefax (081) 429-3710, pólo de difusão espontânea das artes populares da Cidade.

Como primeiro museu de bonecos do Brasil, divulga o mamulengo, sua tradição como teatro de bonecos da região, singular e expressivo, onde os componentes sócio-econômicos são fundamentais à compreensão da cultura nordestina.

Para denominar o Museu, foi escolhido o personagem do Professor Tiridá, criação do Mestre Ginu, recriado por Nilson de Moura, ator/ mamulengueiro do Grupo Mamulengo SÓ-RISO que,

em interpretação inesquecível, popularizou esse tipo no Brasil e exterior.

O espaço Tiridá tem por objetivos:

- \* a revitalização do Mamulengo;
- \* informatização documental e acervo;
- \* divulgação do mamulengueiro nordestino.

Possui áreas para:

\* exposições, loja, reserva técnica, oficinas, restauração, preservação do acervo, projeção de vídeos, biblioteca, pesquisa, registro fotográfico com o objetivo de servir à comunidade e interessados nesse gênero de expressão popular.

O espaço Tiridá é uma Unidade Semi-autônoma da Secretaria de Patrimônio Cultural e Turismo da Prefeitura da cidade de Olinda e resultado do Convênio assinado em 04.07.95, ratificado pelo Conselho Diretor das seguintes entidades:

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, Fundação Nacional de Arte - FUNARTE, Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, Prefeitura de Olinda e Grupo Mamulengo SÓ-RISO.

## O MAMULENGO

O Mamulengo é uma manifestação típica do teatro popular nordestino. Representa as figuras populares nas situações cotidianas, descrevendo as necessidades básicas da vida.

Sem caráter religioso, o MAMULENGO transfigura os personagens populares, revelando a alma individual e coletiva do povo.

Improvisado, como na COMÉDIA DELL'ARTE, este espetáculo é cômico, trágico e dramático. Começa quase sempre numa dança, motivando a participação da "orquestra" e a presença do Mateus, personagem humano que dança e faz a arrecadação.

Sem conteúdo político explícito, apresenta, numa crônica regional, os valores humanos elementares, as relações de trabalho e as tradições folclóricas chamadas Folguedos.

Folguedos são representações populares que adotam várias



formas de teatralização. Alguns exemplos comuns de encenação são: a procissão religiosa, o pastoril e o bumba-meu-boi.

A madeira macia, como o mulungu, é o material mais usado. Ele permite ao artista maior liberdade para definir a forma e combinar a característica do personagem com a função cênica dos bonecos. Plasticamente, a figuração extrai apenas o essencial e o tratamento da forma revela o interesse pela síntese.

O boneco é uma escultura animada. Com

imaginação, o mamulengueiro prevê sua função no espetáculo e explora a liberdade de expressão plástica. Os “atores de madeira falam, dançam, brincam e, geralmente, morrem”.

O mamulengueiro é artista e artesão. Sua imaginação manifesta-se com liberdade, apesar da condição humana, sua miséria e analfabetismo de letras, ressaltando, contudo, a ingenuidade, o orgulho, a poesia, o sentimento de coragem e aguçado instinto de espetáculo.

O público é simples, crédulo e comparece à encenação geralmente nas pequenas propriedades, praças e cidades do interior, como também nos subúrbios das grandes cidades, com a mesma roupagem e condição social que o boneco representa.

*JARAGUÁ DO SUL - SC - 1998**Jornal A Notícia***BAIRRO DE JARAGUÁ CRIA BIBLIOTECA***Espaço foi organizado por moradores com apoio da Igreja**MARIA HELENA DE MORAES*

Ainda neste semestre a comunidade de Barra do Rio Cerro, a oito quilômetros do centro da cidade, inaugura a primeira biblioteca pública do bairro, formada e organizada pelos próprios moradores com a coordenação da Igreja Católica. A iniciativa é do padre Nivaldo Oliveira Souza, responsável pela paróquia Nossa Senhora das Graças e com experiência no assunto. Ele conta que já fez trabalho semelhante nas cidades de Formiga (MG), em 1993, e na vizinha São Bento do Sul, em 1995. “É maneira de contribuímos com a educação do povo”, explica o padre, que coordena 80 grupos de catequese, sem contar os grupos de reflexão, batismo, noivos, casais e outros.

**MOBILIZAÇÃO**

A estratégia do padre para a realização do que ele ainda chama de “sonho” foi envolver toda a comunidade religiosa do bairro em uma gincana de quaresma sob o tema Fraternidade e Educação. A idéia foi bem aceita e rendeu a formação de 90 grupos, de 10 pessoas cada um, que desde o início de março se empenhou no cumprimento da tarefa: recolher material reciclável e transformá-lo em dinheiro para a compra dos equipamentos necessários à implantação da biblioteca, que já tem sede garantida e acervo de 3.500 volumes, todos recebidos em doação.

A implantação da biblioteca depende do número mínimo de livros, estimado em 5 mil volumes pelo padre Nivaldo. Além dos livros, falta conseguir todos os móveis e equipamentos necessários, como mesas e cadeiras. A biblioteca também terá telefone e conexão com a Internet. O acervo será classificado em mais de

100 assuntos gerais, sem contar as subdivisões. O acervo da biblioteca será composto basicamente por obras de cunho “religioso e social”. “Pretendemos oferecer livros e revistas de qualidade e filmes para assistir na biblioteca ou em casa, tudo de acordo com as necessidades atuais”, argumenta.

## ***LAGES - SC - 1998***

---

### **FESTA DO PINHÃO ABRE TEMPORADA**

*ROGÉRIO MARTORANO*

Os preparativos para a 10.<sup>a</sup> Festa Nacional do Pinhão que acontece em Lages, de 5 a 14 de junho, abrindo a temporada das grandes festas no Estado, já estão praticamente concluídos. A comissão organizadora do tradicional evento que conquistou prestígio nacional, comandada pelo prefeito Décio Ribeiro e pelo presidente da Serratur, Flávio Agustini, está no momento desenvolvendo um completo e profissional trabalho na área de divulgação, com lançamentos da famosa festa nas principais cidades brasileiras e nos países vizinhos que compõem o Mercosul. Para essas promoções sempre estão presentes as anfitriãs do evento, rainha Michelli Carolina Bassin, e as princesas Kelly Kristian Batista dos Anjos e Michelle Aparecida Bastos, que representam a beleza e a hospitalidade da gente serrana. Para receber os trezentos mil turistas esperados no Parque Conta Dinheiro, estão previstos os mais variados shows, a começar por Lulu Santos, Só Pra Contrariar, Os Paralamas do Sucesso, Alceu Valença, o cantor sertanejo Daniel, Banda Eva, e também Thezorden, a banda catarinense que vem alcançando sucesso nas cidades de Blumenau e Joinville. Outro espetáculo que atrai numeroso público é o festival da Sapecada da Canção, que reúne intérpretes e compositores da canção nativa do Rio Grande do Sul. Quem mais se prepara para receber os milhares de visitantes são os hoteleiros e os proprietários das famosas pousadas rurais, uma atração à parte na Festa do Pinhão. Os co-

merciantes embelezam suas lojas e a população da bucólica e encantadora Lages, conhecida como capital nacional do turismo rural, vive um clima de alegria, pois os forasteiros deixam na cidade milhões de reais. Para quem não conhece o pinhão, é uma semente muito gostosa, que pode ser saboreada cozida ou assada na chapa do fogão à lenha, é típica da região Sul e nasce do pinheiro araucária, que se transforma em pinha, quando adulta. A 10.<sup>a</sup> Festa Nacional do Pinhão tem tudo para ser a melhor de todos os tempos, tal o entusiasmo dos organizadores e do povo lageano. E não é para menos, pois é um dos mais badalados eventos do Sul e vem ganhando espaços cada vez maiores na mídia. Não é exagero compará-los à grandiosidade da Oktoberfest, de Blumenau. Afinal, a Santa e bela Catarina é alegre e hospitaleira o ano inteiro. Um programa imperdível para os que ainda não viveram a Festa do Pinhão.

### *LAGES - SC - 1998*

---

#### **MICHELLI CAROLINA ELEITA RAINHA DA FESTA DO PINHÃO**

Michelli Carolina Bassin, 19 anos, foi escolhida rainha da 10.<sup>a</sup> Festa Nacional do Pinhão, que será promovida de 5 a 14 de junho deste ano, em Lages. Kelly Batista dos Anjos, 20 anos e Michelle Aparecida Bastos, 18, foram eleitas princesas da festa. As três vencedoras disputam o concurso com 22 candidatas. Numa primeira etapa foram classificadas 12 finalistas que disputaram o título na noite de quinta-feira, na Chácara Bom Jesus, com a participação de cerca de 500 pessoas.

O corpo de nove jurados, formado por profissionais da imprensa, empresários e pessoas ligadas ao meio artístico da cidade, analisou as candidatas na passarela sob os seguintes critérios: beleza, simpatia, desenvoltura e elegância. As concorrentes também foram entrevistadas e tiveram de responder questões sobre a cul-



*Michelle Aparecida, Michelli Carolina e Kelly: beleza lageana*

tura de Lages e festas promovidas no município, além de outras questões sobre turismo rural, segmento em que a cidade é considerada capital nacional.

De acordo com o presidente da Serratur, Flávio Agustini, a cada ano o concurso é mais disputado. “As vencedoras ajudam na divulgação de Lages e da festa em várias cidades do Sul do Brasil. Além disso terão participação fundamental durante a realização do evento”, observou. Ele anunciou ainda que já estão confirmados os shows com o grupo Só Pra Contrariar, Banda Eva, Lulu Santos, Alceu Valença e Eliana, na Festa do Pinhão.

Muito emocionadas e nervosas, logo que foram anunciadas como vencedoras, as três escolhidas disseram que estavam surpresas com a vitória. “Fiquei muito surpresa com a indicação pois todas as concorrentes eram bonitas e estavam bem preparadas para representar nossa cidade”, disse Michelli Bassin.

*CRICIÚMA - SC, janeiro - 1998*

*Jornal O Estado*

## **CRICIÚMA FESTEJA SEUS 118 ANOS**

O maior município do Sul de Santa Catarina completa hoje 118 anos de história. Criciúma foi fundada em 6 de janeiro de 1880 por 22 famílias de imigrantes do Norte da Itália, das regiões do Vêneto e da Lombardia. A miscigenação com etnias polonesa, alemã, portuguesa e negra gerou um rápido desenvolvimento alicerçado na descoberta do carvão e na construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina. Com isso, Cresciúma (como era chamada a cidade antigamente) desmembrou-se em 1925 do município de Araranguá. Hoje, é o pólo econômico da região e supera os 150 (cento e cinqüenta mil) habitantes.

A história de Criciúma é acompanhada pela trajetória da indústria carbonífera da região. A descoberta, o desenvolvimento, o



*A cidade, de origem italiana, é hoje um dos pólos na economia da região*

apogeu e a queda do carvão determinaram as distintas fases dos 118 anos de Criciúma. Segundo documentos históricos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística as reservas de carvão do Sul do Estado já eram conhecidas antes da fundação de Criciúma. Segundo o IBGE, as primeiras informações sobre o carvão catarinense surgiram nos anos de 1827 aproximadamente, mas somente a partir de 1870 começou a exploração econômica do mineral.

A Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, fundada em 1887, foi ponto fundamental no desenvolvimento de Cresciuma, então sexto distrito de Araranguá. A grafia original do nome foi alterada para Criciúma com Decreto-Lei Estadual de dezembro de 1943. O incremento na extração do carvão gerou o crescimento do distrito e campanhas para sua emancipação. A estrada de ferro, lançada em 1887, chegou a Cresciuma no início da década de 20, dez anos, aproximadamente, após o início constante da exploração econômica do carvão mineral das reservas do futuro município.

O crescimento levou à emancipação. As campanhas para este objetivo, Cresciuma de Araranguá, iniciaram em 1921. Os líderes do movimento foram Marcos Rovaris, João Bortoluzzi, Pedro Benedet, Gabriel Arns, Olivério Nueremberg e Fábio Silva. A criação do município foi decretada por Victor Konder, Secretário de Governo, com a Lei Estadual 1.516, de 4 de novembro de 1925. O município de Cresciuma originou-se com dois distritos: Içara e Nova Veneza, e ainda a localidade de Forquilha, fundada em 1911. O primeiro superintendente de Cresciuma foi Marcos Rovaris, de 1926 a 1930.

**Criciúma hoje** - A atividade carbonífera alicerçou a economia de Criciúma até a década de 80. Com a queda na indústria do carvão e a retração da atividade gerada pelo governo Collor, em 1989, obrigou aos empresários criciumenses novos rumos. A atividade cerâmica, que convivia com o carvão desde o final dos anos 40, foi incrementada e as indústrias têxteis, de confeções e plásticas foram incentivadas.

A cerâmica destacou-se e ganhou padrões internacionais com empresas como Eliane e Cecrisa. A primeira indústria cerâmica de Criciúma foi a Cesaca, criada em 1948 e desativada em 1995. Hoje, a diversificação da indústria e o desenvolvimento do comércio empurraram Criciúma e seus mais 150 (cento e cinquenta mil) habitantes para uma virada de século promissora.

*NOTA: Conforme está acentuado no início deste artigo, a miscigenação das etnias deu destaque cultural a esse importante município do Sul catarinense. Essa miscigenação fez com que as etnias unidas, mantivessem, até a época atual, a união cultural entre si, com a formação de grupos étnicos de italianos, alemães, poloneses e negros, unidos anualmente na apresentação de suas danças e mensagens de agradecimento àqueles que no passado foram o sustentáculo da união de seus ancestrais.*

*A Comissão Catarinense de Folclore, ao anunciar essa união étnica em seu Boletim, o faz orgulhosa em registrando, marcar culturalmente a permanência valiosa desse povo que integra esse importante município do Estado.*

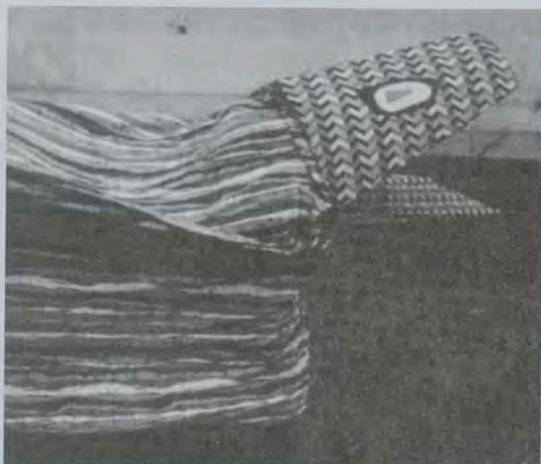
FLORIANÓPOLIS - SC, janeiro - 1998

Jornal O Estado

## HISTÓRIA DA CULTURA LOCAL É BASTANTE ANTIGA

A preocupação em ligar o turismo às raízes culturais da região da Lagoa da Conceição é fundamentada no povoamento do local. Em 20 de junho de 1750, quando a freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa foi criada, não havia um único morador brasileiro de descendência europeia vivendo no local. Foram 1.310 ilhéus que vieram para a Lagoa entre 1.750 e 1.800, procedentes principalmente das ilhas Terceira e São Jorge.

A população da Lagoa foi uma das primeiras a receber alguns dos seis mil açorianos que deixaram o arquipélago para tentar a



*Bernúncia, personagem do boi-de-mamão, é uma das manifestações típicas*

sorte no Brasil. Deste número, 4,5 (quatro mil e quinhentos) ficaram em Santa Catarina. O restante foi reembarcado para o Rio Grande do Sul. Os 4,5 (quatro mil e quinhentos) se espalharam entre diversas freguesias na região onde hoje é a Grande Florianópolis.

Na ilha, além da Lagoa, os açorianos povoaram Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio de Lisboa, hoje apenas Santo Antônio de Lisboa, e Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Lagoa da Conceição. No continente, Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito; São José da Terra Firme, mais conhecido como São José; São Miguel da Terra Firme, ou apenas São Miguel; e Santana da Vila Nova, Colônia Santana.

Os açorianos ainda reforçaram a população da Vila de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, e de Laguna, que na época tinha o nome de Santo Antônio dos Anjos de Laguna.

### *FLORIANÓPOLIS - 1998*

#### **ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS**

A Sessão de Saudade em que a Academia Catarinense de Letras reverenciará a memória do acadêmico Carlos Gomes de Oliveira será realizada no dia 14 de maio de 1998, no auditório Othon D'Eça, da Instituição, no "Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes", na Agrônômica.

## RECORDANDO CARLOS GOMES DE OLIVEIRA

CARLOS GOMES DE OLIVEIRA, nascido em 12 de outubro de 1894, formou-se em Direito, em 1918, iniciando suas atividades de advogado em Joinville. Em 1922, publicou em seu jornal "Correio de Joinville", artigo apoiando o movimento tenentista dos "18 do Forte de Copacabana". O artigo desagradou o Governador que, segundo se diz, teria mandado "empastelar" o jornal, prender e exilar em São Paulo o seu proprietário.

Mais tarde, quando retornou à sua comarca, viu nascer uma vocação política. Foi Senador da República. Exerceu a Secretaria do Senado e coube-lhe, como Presidente da Casa, dar posse ao Presidente Juscelino Kubitschek. Seu traço político identificava-o com a ideologia do gaúcho Alberto Pasqualini. Era homem de princípios e defendia os trabalhadores.

Publicou "**Sociedades Irregulares**", pela Editora Saraiva, de São Paulo, em 1924; "**Nacionalização do Ensino**", pela José Olympio, Rio de Janeiro, em 1935; "**Integração - Estudos Soci-**



**ais e História de Joinville**", pela Canarinho, de Florianópolis, em 1984; Publicou, ainda, "**Intervenção do Estado na Economia**", no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, em 1947 e "**Joinville e a Constituição Cabocla**", no Jornal de Joinville, em 1971. O longo ensaio "**Memória Política**", em que Carlos Gomes de Oliveira analisa a tramitação e sua participação na Constituinte de 1928, está na obra "**As Constituições do Estado**", Edições ALESC, 1984.

Intelectual, foi advogado, jornalista, político e professor. Um homem culto, que viveu entre os intelectuais. Esteve sempre na linha de frente entre os escritores que integravam os quadros da Academia Catarinense de Letras, revelando-se um acadêmico assíduo e presente a todas as sessões.

A conferência que realizou na Academia Catarinense de Letras, em 16 de junho de 1987, "**Vida e Obra de Victor Konder**", seu antecessor na Cadeira n.º 8, é uma peça literária que espelha a sensibilidade, o brilho e a cultura do acadêmico Carlos Gomes de Oliveira.

Dia 8 de outubro de 1994, a Academia Catarinense de Letras realizou uma sessão extraordinária, em Joinville, para homenageá-lo. O acadêmico João Alfredo Medeiros Vieira, em nome do Sodalício, perante expressivo número de acadêmicos, foi o orador oficial, entregando-lhe significativa **placa de prata**, na passagem do seu centenário de nascimento. Destaca-se na oração do acadêmico Medeiros Vieira o seguinte trecho: "*Sois aquele intelectual escolhido entre os melhores da época, para participar da Comissão de Redação dos Anais do 1.º Congresso de História Catarinense - 1948*".

FLORIANÓPOLIS - SC, abril - 1998

Jornal O Estado

## **GRANDE DESTAQUE É DADO AO PROF. RAIMUNDO ZUMBlick, REITOR DA UDESC**

### MERECIDA HOMENAGEM

O reitor da Universidade de Santa Catarina (Udesc), professor Raimundo Zumblick, recebe amanhã, em Belo Horizonte, a comenda Mérito Administração.

Zumblick foi selecionado entre mais de mil indicações para a comenda. A experiência do reitor frente à Udesc e o fato do Curso de Administração da universidade ser um dos mais bem conceitu-

ados do País pesaram na concessão da comenda. Zumblick também foi convidado para ser conferencista magno no 4.º Congresso Panamericano de Administração.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

A ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL PROF. BARREIROS FILHO e o GRUPO DE POETAS LIVRES convidam Vossa Senhoria para participar do Encontro.

ARTE EM QUATRO MOMENTOS

Sessão de Autógrafos, Poesia, Música e Dança - com Zoraida Guimarães, Paulo Berri, Cibéli Larissa Vieira, Cacildo Silva, Apolônia de Biase Machado, alunos do Colégio Nossa Senhora da Fátima, Adriana Cruz,. Grupo de Dança Cigana do Morro do Horácio e outros.

Dia: 17 de julho de 1998

Local: Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho  
Rua João Evangelista da Costa, 1.160 - Bairro de Fátima  
88090-300 - Florianópolis, SC

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

CONVITE

Ao festejar meu 69.º aniversário, tenho o prazer de convidá-los para comemorarem comigo o lançamento de meus dois livros:

DE SENECTUTE EROTICA, São Paulo, Massao Ohno Editor, 1998, edição bilíngüe português/francês, com tradução de minhas odes por Marie-Hélène Torres; revisão, Rosa Alise Mosimann e releitura por Noêmia Guimarães Soares.

POESIA ESPANHOLA DO SÉCULO DE OURO, Florianópolis, Ed. Letras Contemporâneas, 1998, edição bilíngüe espanhol/português, tradução e ensaio meus, com prefácio de Jorge Scheartz.

Local: Salão de Eventos do Palácio Cruz e Sousa, 20 de maio,  
Leonor Scliar-Cabral

Apoio: Alliance Française, Armazém Vieira, CCE/DLLV/  
DLLE da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Centro  
Cultural Brasil-Espanha de Florianópolis, Empório Bocaiúva, União  
Brasileira de Escritores em Santa Catarina.

CCE/DLLV/DLLE/UFSC.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE  
SANTA CATARINA**

Tem o prazer de convidar V.S.<sup>a</sup> e Exma. Família para os reci-  
tais do **Orfeão Edmundo Machado de Oliveira**, de Ponta Delga-  
da, Ilha de São Miguel, Açores, como abertura da programação  
das comemorações do Cinquentenário do Primeiro Congresso de  
História Catarinense e dos 150 anos do desembarque dos primei-  
ros casais açorianos na Vila de Nossa Senhora do Desterro.

14 de abril - Igreja Nossa Senhora das Necessidades, em Santo  
Antônio de Lisboa;

15 de abril - Campus da Universidade Federal de Santa Catarina;

15 de abril - Catedral Metropolitana de Florianópolis.

APOIO:

Universidade Federal de Santa Catarina, Fundação Franklin  
Cascaes, Serviço Social do Comércio - Pró-Música de Florianópolis.

*BLUMENAU - SC - 1998*

---

**CONVITE**

A Prefeitura Municipal de Blumenau, através da Fundação  
Cultural de Blumenau, tem a honra de convidar V.S.<sup>a</sup> e Exma. Fa-  
mília para a abertura do 1.º Festival Nacional de Danças Folclóri-  
cas de Blumenau, a realizar-se no dia 11 de junho de 1998, no  
pavilhão "A" da Proeb.

Programação:

Desfile dos grupos participantes e Clubes de Caça e Tiro

Pronunciamento de Autoridades

Apresentações dos Grupos Folclóricos

1.º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau

11 a 14 de junho de 1998

Entrada franca

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

Data: 16 de abril de 1998

Local: Centro Integrado de Cultura Prof. Henrique Fontes  
(CIC), Auditório da Academia Catarinense de Letras.

Patrono: Francisco Pedro da Cunha Bittencourt

Padre, político e orador sacro

(Desterro - SC, 1832-1898)

1.º Titular: Heitor Pinto da Luz e Silva

Jornalista

(Desterro-SC, 1879 - Rio de Janeiro - RJ, 1949)

2.º Titular: Holdemar Oliveira de Menezes

Médico e Romancista

(Aracati - CE, 1921 - Florianópolis - SC - 1996)

Edson Nelson Ubaldo (Cerro Negro, então município de Lages - SC, 1940) advogado, professor de Direito, com diversas obras de ficção e jurídicas publicadas no Brasil e no Exterior, contemplado com prêmios literários, é o novo titular da Cadeira n.º 12 da Academia Catarinense de Letras.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Neodi Saretta, tem a honra de convidar Vossa Senhoria para o ato de lançamento do livro

### **Contos de Magistrados**

de autoria dos seguintes Juizes e Desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina: Aulo Sanford de Vasconcellos, C. Ronald Schmidt, Carlos Alberto Silveira Lenzi, Hamilton Alves, João Alfredo Medeiros Vieira, Napoleão Xavier do Amarante, Norberto Ungaretti e Walter Zigelli. Obra publicada pela Editora Garapuvu. A realizar-se no dia 06 de agosto do corrente ano, na Galeria de Arte do Palácio Barriga-Verde.

*PORTO ALEGRE - RS - 1998*

---

A Diretoria da Comissão Gaúcha de Folclore

Tem a satisfação de convidar V.S.<sup>a</sup> e Exma. Família para integrarem-se à solenidade de Comemoração do **Cinqüentenário da Comissão Gaúcha de Folclore**,

instalada em 23.04.1948,

pela Comissão Nacional de Folclore, IBECC-UNESCO

26 de abril

Restaurante da Sociedade Gondoleiros

Rua Santos Dumont, 1.147 - São Geraldo - Porto Alegre

**PROGRAMA**

- Abertura

Rose Marie Reis Garcia - Presidente da Comissão Gaúcha de Folclore

- **Homenagens aos ex-presidentes**

Dante de Laytano - Presidente da 1.<sup>a</sup> fase da Comissão Gaúcha de Folclore (1948-1991), e atual Presidente de Honra

Lilian Argentina Braga Marques - reorganizadora da fase de transição e Presidente da Comissão Gaúcha de Folclore de 1992-1997, atual Vice-Presidente da CGF

- **Entrega da Comenda Dante da Laytano** aos homenageados e membros da primeira fase

- Pronunciamentos de folcloristas e autoridades presentes

- **Almoço** (buffet de comida campeira)

- **Hora de arte:** poesia e música regional gaúcha

*RIO DE JANEIRO - RJ - 1998*

---

A Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura/Unesco, convida para a solenidade comemorativa de seu cinquentenário (1947-1997).

Dia 25 de maio de 1998, no Auditório do Museu de Folclore Edison Carneiro, na Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro, RJ.

Abertura

Claudia Marcia Ferreira - Coordenadora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular Ático Villas Boas da Mota - Presidente da Comissão Nacional de Folclore

Lançamento de carimbo dos Correios

Conferência de Luiz Antônio Barreto

O Estado e a Cultura Popular

Lançamento de publicações

Comissão Nacional de Folclore/Cinquentenário

Documentos da Comissão Nacional de Folclore (Catálogo)

Anais do 2.º Seminário Nacional sobre Ações Integradas em Folclore

Apresentação de Banda de Congo, de Vitória, ES.

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

A CASAN, a Academia Catarinense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Editora Insular, têm o prazer de convidar para o lançamento dos Gatos Ariscos de Leatrice Moellmann livro:

Data: 18 de junho de 1998

Local: Palácio Cruz e Sousa

*FLORIANÓPOLIS - SC - 1998*

---

**CAMERATA FLORIANÓPOLIS**

A “Camerata Florianópolis”- é uma orquestra de câmara criada em janeiro de 1994, pelo maestro Jeferson Della Rocca, e é

formada por jovens instrumentistas que constituem a Associação Filarmônica Camerata Florianópolis, nas dependências da Allegro Vivace - Escola Livre de Música.

Componentes da Camerata Florianópolis

PRIMEIROS VIOLINOS

Vinícius Ferreira Amaral (Spalla)

Patrícia Hammes

Guilherme Hammes

Elisiane Kiel

Gustavo Lemos Pelandré

Bruno Jacomel

VIOLAS

Evandro Machado Fernandes

Carlos César Souza

Luiz Fontão

Selen Bonanomi

CLARINETE

Carlos Skalee

SEGUNDOS VIOLINOS

Roberta de Brito

Luisa Wittmann

Cristiano Porto

Leopoldo Jacomel

Juan Carlo Rossi

VIOLONCELOS

Leonardo Flach

Claudiney José de Lima

Anderson Fiorelli

FLAUTA TRANSVERSA

Mariana Vandresen

CRAVO

Gabriel Amado Freire

REGENTE

Jeferson Della Rocca

SOLISTAS

SILVIA DANCIERI MARTINELLI

SIMONE DE SOUZA GONÇALVES

*IMBITUBA - SC - 1998*

---

## **PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA**

Convite

Dentro das comemorações alusivas do 40.º Aniversário de Emancipação Político-administrativa do Município de Imbituba, a Administração Pública Municipal sente-se honrada em convidar Vossa Senhoria e Excelentíssima Família para a solenidade da Noite Cultural, com Lançamento e Autógrafo do Livro Liberdade em Vão, do Autor Vilson Santos de Souza, a realizar-se no dia 16 de junho de 1998, no Imbituba Atlético Clube.

Osny Souza Filho

Prefeito Municipal

Vilson Santos de Souza

Autor do Livro

*FLORIANÓPOLIS - 1998*

---

## **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA**

Participando das homenagens alusivas ao Centenário de Morte do insigne poeta catarinense Cruz e Sousa, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina realizará Sessão Comemorativa, para a qual pede a honra de sua presença.

**Painel: Cruz e Sousa e Desterro de seu tempo**

Coordenador: Osvaldo Ferreira de Melo

Participantes:

Evaldo Pauli: Panorama sociocultural de Desterro;

Carlos Humberto Corrêa: O Movimento da Idéia Nova e suas conseqüências;

Leatrice Moellmann Pagani: A obra literária de Cruz e Sousa produzida em Desterro.

Data: 20 de maio de 1998

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa, Florianópolis, SC  
Haverá participação especial do Grupo Armação que interpretará obras do poeta.

*FLORIANÓPOLIS - 1998*

---

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e o Centro de Comunicação e Expressão têm a satisfação de convidar V. S.<sup>a</sup> e Ilma. Família para o lançamento do livro CRUZ E SOUSA E BAUDELAIRE - SATANISMO POÉTICO, de autoria de Marie-Hélène Catherine Torres, com prefácio de Zahidé L. Muzart, bem como para as demais atividades da Semana Cruz e Sousa.

Programação de palestras:

Dia 18 de maio - "Metafísica do sofrimento em Cruz e Sousa"- Ivan Teixeira (USP)

Dia 19 de maio - "Sociedade e sublimação - Cruz e Sousa e o fim do século"- Godofredo de Oliveira (UFRJ)

Dia 20 de maio - "Cruz e Sousa, a exceção confirma a regra"- Zilá Bernd (UFRGS)

Dia 21 de maio - "Prosa poética de Cruz e Sousa"- Simone Rossinetti Rufinoni (USP)

Dia 22 de maio - "Cruz e Sousa: transcendência e participação"- Domício Proença Filho (UFF)

Local: Auditório do Centro de Comunicação e Expressão - UFSC

Promoção: LLV/CCE/UFSC

*FLORIANÓPOLIS - 1998*

---

O Governo do Estado de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura, tem o prazer de convidar Vossa Senhoria para a cerimônia de entrega dos prêmios Cruz e Sousa de Literatura, Concurso Nacional de Dramaturgia Álvaro de Carvalho e Concurso Estadual de Monografia Oswaldo Rodrigues Cabral, que

ocorrerá no dia 29 de junho, na Academia Catarinense de Letras.

Centro Integrado de Cultura, sito na Av. Gov. Irineu Bornhausen,  
5.600 - Agronômica - Florianópolis - SC

Na oportunidade serão lançados os livros premiados em 1996.

*BLUMENAU - SC, junho - 1998*

*Jornal A Notícia*

## **FOLIA NA ALMA DOS POVOS**

*1.º Festival de Danças Folclóricas de Blumenau reúne 26 grupos e 600 bailarinos em quatro dias de festa na Proeb*

*MARLI RUDNIK*

No princípio havia os índios e com eles os costumes, que incluíam as danças.

Depois vieram os europeus, que trouxeram seus hábitos e, entre eles, as danças.

Os negros também chegaram para trabalhar como escravos, e sua forma silenciosa de manifestação nas noites tristes das senzalas era a dança. Em 500 anos de história, o Brasil recebeu influências culturais de todos os lados, herdando o mais rico e variado repertório folclórico do mundo. Esta herança será resgatada durante o 1.º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau, que acontece de hoje a domingo, às 19 horas, no pavilhão A da Proeb, com entrada franca.

O encontro de quatro dias reúne 600 bailarinos de 26 grupos folclóricos brasileiros. Além de exibir suas coreografias, trajes e músicas, os grupos também participam de debates sobre a importância do folclore como documentação, tradição e cultura popular, e de uma discussão de suas próprias experiências. Estarão representadas a cultura germânica, italiana, ucraniana, polonesa, russa, afro-brasileira, gaúcha e todos os ritmos tupiniquins preservados de Norte a Sul do País. Uma mistura de danças tradicionais, populares, e do mix das duas.



*LÍRICO CANGAÇO - Grupo Transart/Balé Folclórico de Alagoas leva ao 1.º Transart/Festival a mitologia do agreste nordestino*

O festival nacional de Danças Folclóricas é o palco da troca de experiências entre os grupos que praticam as tradições de alguma etnia.

Segundo a coordenadora, Terezinha Heimann, em Santa Catarina são mais comuns as danças germânicas e italianas, e por isso o público não tem oportunidade de ver outras produções. “Além do intercâmbio entre os próprios promotores do folclore, pretendemos colaborar com a pedagogia, criando os futuros espectadores das artes em Blumenau enriquecendo sua cultura”, justifica.

Como cada evento tem sua história, Terezinha aposta que a exemplo do Festival Universitário de Teatro de Blumenau, o Festival de Danças Folclóricas vai se tornar um grande “produto” de turismo em Blumenau.

“Vamos aproveitar a receptividade do blumenauense para diversificar a cultura popular”.

Ela acredita que uma cidade tão ligada às tradições germânicas como Blumenau, vai cumprir perfeitamente seu papel de acolher as várias formas do folclore brasileiro.

## DESFILÉ TÍPICO

O Festival começa hoje, às 19 horas, no pavilhão “A” da Proeb com o desfile de todos os grupos participantes, em seus trajes típicos. Os clubes de caça e tiro de Blumenau também estarão na festa, vestindo seus uniformes e usando medalhas e estandartes.

A primeira coreografia será “Oferenda”, um musical afro-brasileiro apresentado pelo Grupo de Mulheres do Eldorado, de Diadema (SP). Depois sobe ao palco o Grupo Étnico de Danças Folclóricas de Passo Fundo (RS), exibindo vários quadros de mazurka, folclore siciliano e um resumo do folclore das etnias que colonizaram o Sul do Brasil. As apresentações artísticas acontecem sempre às 19 horas, com acesso livre e gratuito ao público em geral.

Até domingo, 600 bailarinos de 26 grupos brasileiros vão passar pela Proeb, apresentando as pesquisas de músicas, cores, figurinos e passos, que representam a história dos países e seus antepassados. Entre eles, estão grupos principiantes, amadores e profissionais, e outros de nível internacional, como o Monte Pollino, de Porto Alegre, que acaba de chegar de uma turnê pela Europa, mostrando seu repertório de óperas italianas, ou o Balé Folclórico de Alagoas, que faz apresentações de dança popular no Mercosul.

Na sexta-feira e sábado, às 15 horas, bailarinos, coreógrafos, coordenadores e historiadores participam dos dois debates programados. No primeiro, técnicos da Fundação Nacional de Arte e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular falam sobre folclore como invenção de uma realidade, documentação e tradição, criações artísticas do povo e a antropologia do novo. No sábado a plenária será aberta à discussão entre os grupos, com troca de vivências e experiências de cada um.

Todos os dias, às 11 horas, alguns grupos se apresentam num palco alternativo montado em frente ao Teatro Carlos Gomes. E a critério dos próprios bailarinos podem ser programadas exibições nas praças e terminais urbanos.

*FLORIANÓPOLIAS - SC*

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE  
SANTA CATARINA**

PRÊMIOS 1998

ALMIRANTE LUCAS ALEXANDRE BOITEUX,  
DE HISTÓRIA, E GENERAL JOSÉ VIEIRA DA ROSA, DE  
GEOGRAFIA

Almirante

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX

(Nova Trento - SC, 1880 - Rio de Janeiro, 1966)



Em 1897 ingressou na Escola Naval, do Rio de Janeiro, interrompendo a vida militar em 1940 e retornando em 1951, com todos os seus direitos reconhecidos, atingindo o almirantado.

Dividiu suas atividades entre a Marinha e a História, sendo o de maior produção historiográfica sobre Santa Catarina. Deixou publicados mais de 100 títulos, além de 40 trabalhos inéditos e 60 traduções.

Após sua morte, seus filhos doaram sua biblioteca e arquivo à UFSC. Casado com Diamantina Demaria Boiteux, deixou 12 filhos.

General

JOSÉ VIEIRA DA ROSA

(São José - SC, 1869-1957)

Ingressou no Exército em 1857 e participou da Revolução de 1893 e da luta do Contestado, de 1913 a 1916.

Comandou um setor catarinense na luta pela questão de limites com o Paraná, no meio-oeste.

Dedicou seus estudos à geografia de Santa Catarina, deixan-

do inúmeros trabalhos sobre o assunto, principalmente uma Coreografia do Estado, publicada em 1905.

É considerado um dos precursores da Geografia em Santa Catarina, tendo deixado também outros trabalhos sobre botânica, zoologia, geologia e história.

Foi casado com Júlia Weber Vieira da Rosa.

Em reunião conjunta do IHGSC e da ACL, foi reverenciada a memória do General Paulo Gonçalves Weber Vieira da Rosa, pela passagem do seu centenário de nascimento ocorrida neste ano (Pedras Grandes - SC, 10.01.1898), ilustre catarinense que pertenceu às duas instituições.

O homenageado serviu ao Exército Nacional, foi Prefeito Municipal de Florianópolis, Secretário de Segurança Pública do Estado de Santa Catarina, tomou parte ativamente de atividades socioculturais, além de intensa participação na política estadual.

A sessão especial foi realizada no auditório da ACL, no Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes, às 19 horas, do dia 25 de junho (quinta-feira), e teve como orador oficial o professor Evaldo Pauli.

Agradecendo em nome da família, falou o médico Nelson Grisard, genro do homenageado.

A sessão foi presidida pelos presidentes da Academia Catarinense de Letras, Paschoal Apóstolo Píctica, e do Instituto Histórico Carlos Humberto Corrêa, ambos pronunciando-se sobre a personalidade de Paulo Vieira da Rosa.

Estiveram presentes, além de membros das duas instituições, filhos e netos, autoridades e representantes das instituições civis e militares que Paulo Vieira da Rosa presidiu e comandou.



RIO DO OESTE - SC, setembro - 1998

Jornal A Notícia

**UM PEDAÇO DA ITÁLIA NO ALTO VALE***Festa da polenta reúne os imigrantes para três dias de gastronomia e muita animação em Rio do Oeste*

ORLANDO PEREIRA

A cidade da amizade, como Rio do Oeste é conhecida, está pronta para sediar a partir de amanhã até domingo a 11.ª Festa Estadual da Polenta (Fepol), atraindo novos amigos. Como já é de praxe em eventos típicos italianos, não vai faltar a comida típica, música e a alegria dos **oriundis**. A grande atração da Fepol, onde os organizadores estão aguardando 30 mil pessoas se o tempo ajudar, é sem dúvida a polenta gigante, que pesa mais de uma tonelada e que leva aproximadamente quatro horas para ser preparada. A abertura oficial será amanhã às 19h30min, com o tombo da primeira das quatro polentas, seguido do jantar típico.

O prefeito Valcir Leopoldo Nardelli (PMDB) no primeiro ano de sua administração decidiu não realizar a festa porque defendia a necessidade de repensá-la. Este ano entregou a organização para o Circolo Trentino, com a Prefeitura ficando responsável pela infra-



*GASTRONOMIA  
- Tombo da  
polenta gigante,  
com mais de  
uma tonelada, é  
o ponto alto da  
festa.*

estrutura, apoio e reforma do parque. O ex-prefeito Gentil Bértoli foi escolhido para presidir a Comissão Central Organizadora (CCO). Ele promete um evento do povo rio-estense e não do poder público. “Na nossa festa não vamos trazer nenhuma atração nacional e nem explorar cadáveres, mas mesmo assim queremos proporcionar alegria para quem vem”, assinalou Bértoli.

Ele garante que o restaurante típico tem condições de atender 17 pessoas a cada minuto.

### PREÇOS ACESSÍVEIS

Nardelli ainda não tem previsão de quanto a Prefeitura está investindo nas reformas e na decoração do parque. Os pavilhões, onde funciona o restaurante, foram repintados. Na parte externa os organizadores construíram um palco e também uma cobertura na entrada para abrigar o público em caso de mau tempo. Como este ano não acontecerá a exposição agropecuária, o pavilhão será utilizado para o torneio de mora. Uma das atrações será a competição de Jeep-cross na antiga pista de motocross. A expectativa é de que 30 jipeiros venham competir, dos quase 80 que se inscreveram.

A falta de poder aquisitivo fará com que os organizadores pratiquem preços acessíveis.

O ingresso custa R\$ 2,00, sendo cobrado apenas no domingo. Crianças até 12 anos não pagam. Quem adquire a cartela do bingão tem acesso grátis. O bufê que oferece a comida típica, onde a pessoa pode servir-se à vontade, custa R\$ 5,00. Quem quiser ficar para os bailes de sexta-feira ou sábado paga mais R\$ 5,00. O público encontra também uma churrascaria, lanchonetes e vários pontos de alimentação no parque. “Não é por falta de opções que alguém vai passar fome”, destacou Bértoli.

### Fepol nasceu com grupo folclórico

O ensaio da dança da polenta, que um grupo folclórico de Rio do Oeste ia apresentar num evento cultural envolvendo os municípios da região, deu origem à Fepol. A sugestão partiu do padre José Radicci, vigário da cidade, ao assistir a apresentação em 1986. A conversa inicial deu resultado e no dia seguinte a administração municipal encampou a idéia de promover a festa.

A primeira edição ocorreu em maio do ano seguinte. Até hoje a Fepol continua explorando a imagem da polenta, um alimento consumido desde a Idade Média e que foi trazido para o Brasil pelos imigrantes italianos.

A Secretária da Educação e Cultura, Helena Bertoldi, lembra que na época não havia ainda grupos de danças e corais organizados. Para o encontro cultural, os rio-estenses resolveram apresentar a dança da polenta, ao som da música *La Bela Polenta*. “Imediatamente fizemos um contato com Florianópolis para saber se havia outro município que promovia”, recorda Helena. Diante da negativa foi montada a Comissão Organizadora e 11 meses depois realizada a 1.<sup>a</sup> Fepol, onde a atração já era o tombo de uma polenta gigante, só que em menores proporções que as de hoje.

A dança apresentada era a do folclore italiano. Nela os integrantes do grupo fazem os gestos simbolizando desde o plantio do milho, o seu crescimento, a colheita, até no tombo e o consumo da polenta. A música continua sendo cantada na festa, principalmente no momento em que é feito o tombamento daquela que os organizadores garantem ser a maior polenta do mundo. Para prepará-la são necessários 400 quilos de farinha grossa, oito quilos de sal e seis latas de azeite. Os ingredientes são despejados no parolo gigante de alumínio quando os 800 litros de água atingem a temperatura de 70 graus.

O preparo demora quatro horas.

Durante todo este tempo duas equipes compostas de quatro pessoas se revezam a cada 15 minutos mexendo a polenta. Quando atinge o ponto ideal, o parolo é erguido com uma talhadeira.

Em seguida acontece o tombo da polenta, num tabiel que consegue absorvê-la. Apesar da quantidade, o cozinheiro Nelson Girardi, garante que o sabor não fica nada a dever daquelas preparadas pelas *nonas* (OP).

### **Iguarias são um convite irresistível**

A comida típica italiana servida durante a Festa da Polenta faz qualquer um esquecer o regime.

São 16 variedades de pratos no bufê, incluindo as saladas verdes.

O preparo está a cargo do casal Dorival e Maris Depiné, que muitas vezes são requisitados a prepará-la, inclusive fora de Rio do Oeste. A novidade para este ano será uma macarronada feita em casa, ao vinho, que os **oriundis** conhecem como **pastasciutta al vino**, acompanhada, é claro, de polenta de diversas variedades. O vinho San Michele é indispensável como complemento.

Apesar de se considerar suspeito para falar sobre o assunto, Dorival garante que o grande diferencial do prato típico da Fepol, em relação às demais festas italianas, é que a sua comida tem o paladar caseiro e não industrial.

“Quando as pessoas sabem que somos nós que preparamos, vêm de longe”, vangloria-se. A **carta della tavola**, ou seja, o cardápio, inclui ainda spaghetti, formaggio, tonco, gallina arrustitta e al spetogon, codeguino, luganga com capucci, salami e copa, ou seja, macarronada, queijo, molho, galinha frita, galetto no espeto, codeguim, lingüiça com repolho, salame e copa, além de saladas verdes. (OP)

### *LA BELA POLENTA*

Para cantar junto

- 1 - Quando se pianta...  
la bela polenta, la bela polenta  
se piante cosi, se piante cosi,  
oh,oh,oh, bela polenta cosi  
tcha, tcha, pum/tcha, tcha, pum  
tcha, tcha, pum, pum, pum, pum
- 2 - Quando se cresce...
- 3 - Quando se infiora...
- 4 - Quando se moge...
- 5 - Quando se cose...
- 6 - Quando se taglia...
- 7 - Quando se mangia...
- 8 - Quando se gusta...

*OBS.: CANÇÃO DE DOMÍNIO PÚBLICO*

*FLORIANÓPOLIS - SC, agosto - 1998*

---

### III ENCONTRO NACIONAL DE FOLCLORE

#### PROGRAMAÇÃO

21/08 - sexta-feira

\* Apresentação Artístico-culturais - Largo da Alfândega - 17h30min

\* Fórum: Folclore e Política Cultural - Auditório do Museu Histórico Cruz e Sousa

Palestrante: Prof.<sup>a</sup> Lélia Pereira da Silva Nunes - Fundação Franklin Cascaes

22/08 - sábado

\* Desfile Folclórico - das 09 às 10h15min - saída do Largo da Catedral com destino ao Largo da Alfândega

\* Apresentações Artístico-culturais - Largo da Alfândega - das 10 às 21 horas.

23/08 - Domingo

\* 12 horas - Banda de Amor à Arte - Largo da Alfândega - Pavilhão da Gastronomia e Artesanato

\* Trapiche da Beira-Mar Norte - Apresentações Artístico-culturais - das 14 às 18 horas

FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES

*FLORIANÓPOLIS - SC, agosto - 1998*

---



### INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

EM SETEMBRO, SIMPÓSIO PELA PASSAGEM  
DOS 250 ANOS DA PRESENÇA AÇORIANA EM  
SANTA CATARINA E 50 ANOS DO

I CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE

No ano de 1948, o IHGSC comemorou os 200 anos da chegada dos casais açorianos a Santa Catarina, promovendo o I Con-

gresso de História Catarinense, reunindo historiadores e intelectuais brasileiros, na semana de 4 a 12 de outubro, em Florianópolis, e com visitas a localidades litorâneas de colonização açoriana.

O evento teve grande repercussão, face ao número de comunicações apresentadas, sobre os temas de História, Geografia, Economia e Literatura. Foi a partir daí que tomou vulto um movimento que levou, mais tarde, a concretização da criação, na capital, dos cursos superiores de Ciências Humanas, consolidados na Faculdade Catarinense de Filosofia.

Passados 50 anos, para assinalar aquele acontecimento, o IHGSC realizará, no próximo dia 8 de setembro, um Simpósio que contará, inclusive, com a presença do Dr. Carlos Cesar, presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores.

Além dos pronunciamentos oficiais de Carlos Humberto Corrêa, presidente do IHGSC, de Nereu do Vale Pereira, presidente da Comissão Organizadora, de Carlos Cesar, presidente dos Açores e de Vasco Garcia, reitor da Universidade dos Açores, o Simpósio contará com a participação de comunicadores com temas sobre História, Geografia, Economia, Antropologia e ciências afins.

Todos os trabalhos apresentados serão, depois, publicados pelo IHGSC.



*O presidente da Região Autónoma dos Açores, Exmo. Sr. Dr. Carlos Cesar, convidado pelo IHGSC, comparecerá ao Simpósio.*

*IMBITUBA - SC, setembro - 1998*

---

ESTADO DE SANTA CATARINA  
PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA

CONVITE

Dentro das comemorações alusivas da II Semana Nacional da Baleia Franca, a Administração Pública Municipal, através da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo, sente-se honrada em convidar Vossa Senhoria e Excelentíssima Família para a solenidade de Lançamento e Autógrafo do Livro "A presença da baleia no Sul", do autor Almir Martins, a realizar-se no dia 27 de setembro de 1998, no Imbituba Praia Holtel.

ALMIR MARTINS  
AUTOR

JORGE ADELINO ZANINI  
SEC. DE IND. COM. E TURISMO

*BLUMENAU - SC*

---

Governo Popular  
Prefeitura de Blumenau

**1º FESTIVAL NACIONAL DE DANÇAS FOLCLÓRICAS**

11 A 14/JUNHO/98

A Fundação Cultural de Blumenau, neste 1.º Festival Nacional de Danças Folclóricas, busca resgatar e divulgar as manifestações da cultura através das danças folclóricas, mostrando seus valores, sentimentos e as expressões das várias etnias.

A realização deste primeiro encontro tem por objetivo debater e refletir o folclore brasileiro e também ampliar as possibilidades de trocas de experiências entre os participantes e estreitar laços de amizade entre os grupos e a nossa comunidade.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU  
Dr. Décio Nery de Lima - Prefeito  
Sr. Inácio Mafra - Vice-Prefeito

## FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Prof. Braulio Maria Schloegel - Presidente

Prof.<sup>a</sup> Maria Teresinha Heimann - Diretora Administrativa e Coordenadora Geraldo 1.º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau

Prof.<sup>a</sup> Sueli Maria Vanzuita Petry - Diretora Dep. Histórico-Museológico

Local:

PROEB - Fundação Promotora de Exposições de Blumenau  
Pavilhão "A" - Fritz Müller

*FLORIANÓPOLIS - SC, junho - 1998*

---

### CONVITE

A Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, convidam Vossa Excelência e Família para a sessão do centenário de nascimento de PAULO GONÇALVES WEBER VIEIRA DA ROSA.

Será orador oficial da solenidade o confrade EVALDO PAULI.

Paschoal Apóstolo Pítsica  
Presidente da ACL

Carlos Humberto Corrêa  
Presidente do IHGSC

25 de junho de 1998

Auditório Othon D'Eça, da ACL

Centro Integrado de Cultura - Agrônômica



## RECIFE - PE

O Presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Fernando de Mello Freyre e a família do Professor João Batista Brasileiro Viana têm a satisfação de convidar V. S.<sup>a</sup> e Família para a solenidade de entrega do *Prêmio Real de Cultura Popular*, versão 1997.

## AGRACIADOS

Leonardo Antônio Dantas da Silva, por sua monografia  
*Pequena História Social do Carnaval do Recife* (1.º lugar).

Ângelo Adriano Faria de Assis, por sua monografia  
*O rabi laico e a profanação escatológica. Transformações sociais e religiosidade popular no Pernambuco colonial vistas a partir da Primeira Visitação do Santo Ofício: considerações sobre o caso de João Nunes Correia* (Menção honrosa).

Emmanuel Ponce de Leon Júnior, por sua monografia  
*A escultura grotesco-fantástica de mestre Galdino - Configurações do imaginário na cerâmica popular pernambucana* (Menção honrosa).

Ana Maria Freire Dantas, por sua monografia  
*Homenagem ao papa da cultura popular* (Menção honrosa).

Data: 21 de agosto de 1998

Local: Auditório Benício Dias

Museu do Homem do Nordeste

Fundação Joaquim Nabuco

Av. 17 de Agosto, 2.187 - Casa Forte

52061- 540 - Recife - PE

Na oportunidade, o Maracatu Leão Formoso de Olinda fará uma apresentação.

*BELÉM DO PARÁ - 1998*

---

**A COMISSÃO PARAENSE DE FOLCLORE**

Tem o prazer de convidar para a sessão solene comemorativa ao DIA INTERNACIONAL E NACIONAL DO FOLCLORE, 22 de agosto, que tem a colaboração das prefeituras de Belém e de Augusto Corrêa.

Local: PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS

Data: 21.08.1998 - MARIA BRÍGIDO - PRESIDENTE

*SÃO GONÇALO - RJ*

---

**XVI FEIRA DE ARTES E TRADIÇÕES POPULARES**

A Prefeitura Municipal de São Gonçalo, através da Secretaria de Educação e Cultura e da Subsecretaria de Cultura, convida V. S.<sup>a</sup>, familiares e amigos para a XVI Feira de Artes e Tradições Populares, evento que se caracteriza como um dos mais significantes do calendário artístico-cultural de nossa cidade.

22 e 23 de agosto de 1998

SESI - SÃO GONÇALO - RJ

*NATAL - RIO GRANDE DO NORTE - RN*

---

**CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO**

*VICENTE SEREJO - PESQUISADOR*

Filho único de Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Ana Maria da Câmara Cascudo, ele comerciante e coronel da Guarda Nacional, ela dos afazeres domésticos, nasceu Luís da Câmara Cascudo em Natal, a 30 de dezembro de 1898, onde viveu 88 anos até seu coração parar na tarde do dia 30 de julho de 1986.

Na água do primeiro banho, a mãe despejou um cálice de vinho do Porto para o filho ter saúde e o pai a temperou com um Patacão do Império para merecer fortuna. O Padre João Maria, um

santo da cidade, batizou-lhe no Bom Jesus das Dores, e a poetisa Auta de Souza, amiga de sua mãe, embalou seu choro forte de menino-homem.

Teve uma infância guardada entre cuidados exagerados, com ama de companhia, professora particular, e proibido do encanto das ruas. No verão, vivia os dias na beira do mar, entre barcos e pescadores, e o inverno passava no sertão ouvindo vaqueiros e cantadores. Entre espumas e espinhos sedimentou sua cultura descobridora do homem brasileiro.

Desejou ser um nobre médico de província e chegou a cursar os primeiros anos na Bahia e no Rio de Janeiro. Mas terminou cumprindo o destino de ser Bacharel em Direito e foi estudar na velha Faculdade de Direito do Recife, onde ainda ouviu o eco dos discursos de Joaquin Nabuco e Tobias Monteiro e dos versos de Castro Alves.

Sonhou ser jornalista e foi. Seu pai nessa época ainda era homem rico e instalou o jornal "A Imprensa" para o filho. Nas suas páginas o estudante que lia até a madrugada passou a exercitar o gosto de escrever, mantendo uma coluna que chamou de Bric-a-Brac e onde exercitava o olho observando a paisagem humana e cultural da cidade e sua gente.

Seu primeiro livro, *Alma Patrícia*, sai em 1921. É a reunião de pequenos estudos sobre poetas e prosadores na Natal de seu tempo. Depois vem *Joio*, encerrando a fase de crítica. Num breve exercício de ficção sob influência de Viriato Correia, escreve *Histórias que o Tempo Leva* recriando narrativas literárias sobre as ruínas de velhos fatos históricos.

O professor de História resiste nas biografias de figuras, como Lopez do Paraguai, o Conde d'Eu e o Marquês de Olinda, mas não demora a entrar em sintonia com os modernistas do Recife e de São Paulo, o que lhe abre os olhos e os ouvidos para o homem comum nas suas crenças e costumes, seus cantos e suas danças, suas músicas e suas técnicas, sua vida e sua morte.

Em 1939 lança *Vaqueiros e Cantadores* e seu nome se coloca, a partir de então, como uma legenda no estudo do saber do povo. Funda a Sociedade Brasileira de Folclore. Propõe uma teoria para a Cultura Popular. Ergue com erudição um conceito brasileiro para a Literatura Oral. Viaja para beber nas fontes africanas o vinho arcaico de nossas raízes.

Autor de clássicos da cultura brasileira como o *Dicionário do Folclore, Civilização e Cultura, História da Alimentação no Brasil*, ensaísta da Jangada e da Rede de Dormir; antropólogo das superstições; etnólogo dos Costumes; sociólogo do Açúcar, tradutor de Montaigne e Koster; historiador dos gestos - a obra de Cascudo é continente e ilha.

Com mais de uma centena de títulos entre livros, traduções, opúsculos e artigos publicados no Brasil e em vários países, viveu a vida vendo e ouvindo e escrevendo, sem nunca pensar em deixar sua terra. Por isso não aceitou o fardão da Academia Brasileira de Letras nem o convite de Juscelino para reitor da Universidade de Brasília.

Viveu e morreu na sua aldeia. Genial e humilde. Pobre e feliz.

#### SOBRE O SELO

Ao colocar o rosto de Câmara Cascudo em primeiro plano o artista lhe conferiu um caráter contemplativo face ao desfile de figuras coloridas, representativas do folclore brasileiro. Esses elementos constituem a mais pura expressão de nossa riqueza cultural e formam a base e a razão da extensa obra do escritor homenageado. Foi usada a técnica tridimensional por meio de "papier sculpture".

#### MONTES CLAROS - MG

*DORALÉCIO SOARES*

Literatura Folclórica no Norte de Minas: Boletim de Registro e Divulgação do Folclore do Norte de Minas - ANO II - 1997. Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES - Montes Claros - MG.

Pró-Reitoria de Extensão - CLARICE SARMENTO

A autora reúne uma coletânea do “Causos”, pesquisados, muitos dos quais conhecidos e divulgados em pesquisas realizadas por estudiosos do nosso folclore.

Diz na introdução: Januária é uma cidade simpática de tradições alegres, de gente festeira, cantadeira e hospitaleira. Fica à margem esquerda do Rio São Francisco.

Em “Januária Canta”, a autora reúne letras e pautas musicais de oito cantorias dos grupos mais tradicionais, divulgando no mesmo sentido sete das mais importantes festas religiosas da região, seguindo-se de nove “Penitências”, para chover e para “defuntos”, destacando-se um “Bendito”.

No cancionero infantil, a pesquisa se avoluma com 47 recolhimentos, destacando-se o desenvolvimento dos Reisados, “Reis de Caixa”, Reis e Terno”, “Reis Cigano” e Terno de Bonecos Mimosos”.

“Reis de Boi ou Boi de Reis”, “Reis dos Temores” “Reis dos Temerosos” com 1.º Canto da Porta - 2.º Canto de Entrada, 3.º Canto: “Eu Sou o Pintor” 4.º Marinheiro, tá, tá, 5.º Marinheiros Chegantes, 6.º O Pau Rolou, 7.º Marinheiro Estrela do Norte, 8.º Dá no Nego, 9.º Mariquinha, 10.º Marigochinga, 11.º Juazeiro, 12.º Arroz Empreteceu, 13.º Retirada. Vamos Marinheiro. Marchas de Rua, Minha Namorada - Estradas do Norte - Viada Nova, Ó Venceslau!

Na 2.ª parte dá destaque às Festas Religiosas, com Semana Santa em Januária - Festa da Santa Cruz, Coroações no mês de maio. Festa Junina, Festa do Bom Jesus, Hino a Bom Jesus, Penitências para chover. Rezas para defuntos Incelenças. Incelença a São Gregório - Incelença a Santa Rita. Incelença a N.S.ª das Graças, cantada pela madrugada - Bendito.

IV - Cancioneiro Infantil. Brinquedos. Cancioneiro Infantil-Lavadeira. Uva (Roda) Sabugueiro. Piranha, Tindô - lê, lê. Sereia. Quando a lua clarear. Vapor da Cachoeira.

Parlendas de Escolha. Gata Pintada. Canivetinho. ACORDA

(desafios) Orirá-Oirirá (roda) Cana Verde. O lenço. Menina da Saia Verde. Eu vou Esconder Meus Olhos. Enrola. O Lenço. Vamos Passear. Rei David. Lavadeira. Esquimim, Esquimim. Estou molhado. Estou na Peneira. O Pião. O Homem de Boné - Baratão.

### MONTES CLAROS

Balacuchê. Lua no Céu. Pássaro Mergulhão. Vamos Passear Marinheiro, Samba. No Bilu (roda c/gestos). A Gibóia. Mazu, Mazu. Marrafa. Massa Barro. Abre a Roda. Rochedo. A Cobra. Matum. Vou-me-embora. Menina dos Olhos Verdes. A Rosa. Ó Limão. Squidô-lê-lê (jogar versos) O Tamanduá. Jacaré. Ariri.

V - Conclusão. VI - Biografias.

Clarice Sarmento:

Destaque: Importantíssimas as pesquisas de Campo desenvolvidas em “Januária Canta”, pela professora Clarice Sarmento. Ao dar destaque neste Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, o fazemos procurando homenagear a ilustre mestra pelo seu importante trabalho de pesquisa, e esperançosos ficaremos de que outros sigam o seu exemplo, legando às gerações futuras a grandeza da nossa Cultura Popular, divulgando o nosso folclore.

*BIGUAÇU - SC, março - 1998*

*Jornal AN Capital*

## **BIGUAÇU DESCOBRE SUA IDENTIDADE**

*ROSANE LIMA*

*Pesquisa aponta nova origem para atual denominação*

Quem vive em Biguaçu sabe que a origem do nome da cidade é uma homenagem ao pássaro chamado biguá. Certo? Errado. De acordo com a pesquisa do jornalista Ozias Alves Júnior, ele garante que o significado é “grande cerca de paus” ou “cercado grande”, traduções da palavra tupi-guarani “Guambygoasu”, que com o passar dos anos teria sido simplificada para “Embigoasu” e, finalmente, “Biguaçu”.



*TESE - Origem do nome da cidade abriu polêmica, dividindo a opinião dos moradores*

“A adaptação para a língua portuguesa nos dois últimos séculos fez desaparecer a sílaba inicial da palavra Embigoasu. Por coincidência existe na região um pássaro chamado biguá, o que criou uma confusão quanto à origem do nome da cidade”, explica Alves, editor do jornal local, “Biguaçu em Foco”. “Trata-se de um grande engano que passou a ser aceito sem contestação.”

A tese já está causando polêmica na cidade. Há quem não admita outra origem para o nome e quem aceite as conclusões da pesquisa do jornalista. “Até agora ninguém conseguiu me contestar com embasamento”, assegura Alves.

Ele foi convencido de que o nome da cidade não se origina do pássaro pelo livro “Alto Biguaçu - Narrativa Cultural Tetrarracial”, do historiador e botânico Raulino Reitz (1919-1990). “O proble-

ma é que ele apresentou a teoria de que Biguaçu” seria o nome de uma árvore, outro grande engano”, afirma o jornalista.

Alves pesquisou no mais antigo documento conhecido que se refere ao nome da cidade, o “Primeiro Livro de Sesmarias”, registro de terras em Santa Catarina entre 1752 e 1806, cujo original está no Arquivo Público do Estado. O rio Embigoasu é citado num registro de posse datado de 1753, apenas cinco anos depois da chegada dos primeiros imigrantes portugueses em São Miguel, dando início ao povoamento do futuro município de Biguaçu. “Embigoasu” é a junção de “embi” e “goasu”. Sabe-se que “goasu”, tal como açu”, “guassú” e outras variantes, significa “grande”. Já a palavra “embi” não consta dos dicionários de tupi-guarani, mas foi interpretada como uma adaptação portuguesa do termo “guamby, usado pelos carijós como “cerca” ou “cercado”.

Mas que cerca seria essa?

Alves lembra que pode ser tanto as divisórias colocadas pelos índios nas aldeias como obra de algum grupo de bandeirantes que tenham passado pelo local. “Os bandeirantes sempre se protegiam das onças e dos índios”, recorda Alves.

Para interpretar o significado do original “Guambygoasu”, o jornalista contou com a ajuda do professor de Lingüística da Universidade de Campinas/SP (Unicamp) Aryon Dall’Igna Rodrigues. Indicado por professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Rodrigues é considerado um dos principais especialistas em línguas indígenas do Brasil.

Ele comparou a origem do nome da cidade catarinense com outros casos, como o das cidades paulistas de “Embu”, Embu Guassú” e “Embu Mirim”.

“O equívoco sobre a origem do nome Biguaçu não é um caso único”, lembra o jornalista. Um exemplo vem da também cidade catarinense de Tubarão, que não tem nada a ver com a fera dos mares. Trata-se de um aportuguesamento do nome do cacique da tribo que vivia na região, chamado “Toba-nharô”.

*FLORIANÓPOLIS - SC*

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA  
MUNICIPAL PROF. BARREIROS FILHO - AABM

Fundada em 29 de novembro de 1986 - Símbolo: Lírio

**PROGRAMAÇÃO PARA OS MESES DE  
JUNHO E JULHO/1999**

**JUNHO**

11 de junho (sexta-feira) - 20 horas - Recital de Violão e Canto (Música popular) com Jefferson Bittencourt (Projeto DALIRA CEART/UDESC) - Colaboração espontânea

18 de junho (sexta-feira) - 20 horas - Recital de Canto, Flauta e Cravo, com Jefferson Bittencourt, Verônica Kimura e Marcos Höller (Projeto DALIRA - CEART/UDESC) - Colaboração espontânea.

23 de junho (quarta-feira) - 20 horas - 1.º Encontro de Corais - promoção AABM, com as Associações Coral de Florianópolis, Coral Sagrados Corações, Coral Nossa Senhora de Fátima (coros infante-juvenil e adulto), Coral do BESC, Coral Ítalo-Florianopolitano - entrada franca.

24 de junho (quinta-feira) - 20 horas - Escola de Violinos, Maestro Carlos Alberto Vieira (violinistas com idade a partir de 4 anos) - entrada franca

**JULHO**

16 de julho (sexta-feira) - Uma noite de choro - 20h30min - Conjunto de Wagner Segura e convidados, em benefício da AMA/Florianópolis - Associação de Pais e Amigos de Autistas - Ingresso - R\$ 5,00

30 de julho (sexta-feira) - De um lado da ponte - 20 horas - Apresentação de sketches cômicos, jogral, exposição de artes, dança.

Promoção: AABM. Entrada franca.

**FAVOR AFIXAR EM LUGAR VISÍVEL! COMPAREÇA!  
SUA PRESENÇA É FUNDAMENTAL PARA O  
SUCESSO DOS EVENTOS!**

**AOS SÓCIOS: NOSSA CONTA-CORRENTE:**

**BESC-AGÊNCIA 0253 - CONTA 003.313-1**

**- POR FAVOR, CONTRIBUA COM SUA ANUIDADE!**

BELO HORIZONTE - MG

---

COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE

**PALAVRAS AOS CONFRADES FOLCLORISTAS**

*“ Mas tudo ousado, o mais sublime e ousado,  
Se a ti me dou”. (E. Geibel)*

O mundo é dos ousados. Não os houvesse e a humanidade não teria dado um passo além do estadió lítico.

Ousados são os foliões de Santos Reis. Rompem madrugadas chuvosas.

Cantam e dançam para o Menino Deus. Como presente, oferecem-lhe o próprio coração.

Ousados são os congadeiros que carregam no peito o rosário de Maria, cantando os versos: “vamos embora/ você vai com Deus/ eu vou com Nossa Senhora”.

Ousados são os dançadores do São Gonçalo, do lundun, do carneiro, do cateretê, do guaiano nas contravoltas coreográficas.

Ousados são os artesãos que pegam a matéria bruta e vão tirando.

Vão tirando. O que ficar é a obra de arte, pura,, sem mais nada. Viva.

Ousados são os cantadores populares com seus versos bem trovados.

Ousado foi o Ministro Renato Almeida que fundou, nos idos de 1947, uma entidade nacional para estudar e divulgar a cultura popular tradicional.

Ousados foram aqueles que lhes seguiram as pegadas.

Ousados foram os mestres Aires da Mata Machado Filho e Saul Martins que, juntamente com outros estudiosos, fundaram, há 50 anos, a Comissão Mineira de Folclore.

Ousado é o nosso presidente Tião Rocha. Ele, com sua rebel-

dia, com sua vocação de transformador de utopias em realidades concretas, revolucionou a nossa Comissão nestes últimos três anos, Tornou-a mais conhecida e mais reconhecida em seu papel de fermento e de agente catalisador no estudo da cultura popular em Minas Gerais.

Permitam-me dizer, ousado fui eu em aceitar a presidência da Comissão pós-Tião.

Essa mesma ousadia me leva a repartir o fardo. Reparti-lo a todos os companheiros de Diretoria e do Conselho Consultivo; a todos os membros fundadores, efetivos, colaboradores e correspondentes. Um carregue o fardo do outro e assim cumpriremos nossa missão.

Contamos ainda com a ousadia dos nossos parceiros de muitas semanas de folclore. Semana que se transformou em mês.

As entidades afins como: Secretarias Municipais de Cultura e de Educação da Capital; BELOTUR, Biblioteca Pública Estadual "Luís de Bessa"; SESC/MG; Centro Universitário Newton Paiva; UEMG; Secretaria de Estado da Cultura; Grupo Pitágoras; Gráfica e Editora Cultura; Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento; Federação dos Congados de Minas Gerais. Federação Espírita e Umbandista do Estado de Minas Gerais; Prefeituras Municipais de Vespasiano, Pirapora, Sete Lagoas, Jequitibá, Divinópolis e Montes Claros.

A grandeza não está no poder, mas no servir abnegado em sua missão.

A grandeza está nos fatos folclóricos e nos seus agentes.

O folclore na sua dimensão universal no reino da cultura popular tradicional.

*Belo Horizonte, 21 de agosto de 1998.*

*Por ocasião da posse na presidência da Comissão Mineira de Folclore*  
DOMINGOS DINIZ

*BELO HORIZONTE - MG**CARTA DO DOMINGOS DINIZ**- Presidente da Comissão Mineira de Folclore - 27/8/1998*

Belo Horizonte, 27 de agosto de 1998

Prezado Doralécio

Pelas mãos do nosso mestre e amigo comum, Saul Martins, chegam-me dois exemplares do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, nº 48, Dez. 1996. Um para mim, para o meu arquivo particular, e outro para o Aruanda.

Demorei fazer a comunicação do recebimento e, ao mesmo tempo, agradecer-lhe a gentileza de me enviar, devido a fatores alheios a minha vontade. Fiquei bastante tempo sem ir à casa do Saul.

Como sempre, o BOLETIM da C.C.FL. traz matéria variada e de grande utilidade para quantos se dedicarem ao estudo da cultura do popular, das manifestações folclóricas. Vou ler com calma. Aos poucos. Li o trabalho sobre “engenho de farinha”. Está muito bom. Lembrei-me de meu tempo de rapazinho na fazenda de meu pai, denominada “mangueira”, onde se fazia farinha. Para mim era uma festa. O vai-e-vem. O carro de boi carregado de mandioca. Cantando. Cantando. Boiada bonita, 4 juntas. Depois o trabalho de raspar a mandioca. Mulheres, crianças, homens sentados no chão de faca na mão. Enquanto se trabalhava, cantava-se; contava-se muitas estórias. O ato de sevar a mandioca por meios mecânicos rústicos. Uma roda grande com dois braços puxada por dois homens. Esta roda era ligada ao bulinete - cilindro de madeira com dentes de metal - que ralava a mandioca. Para puxar a roda precisava de homens fortes, musculosos. A mulher era sempre a sevadeira. Depois a prensa para se expremper a massa da mandioca ralada.

Era tudo rústico. Os fornos para torrarem a farinha. Dois for-

nos de pedras porosas vindas da Bahia. No primeiro forno, cozinhava-se a massa. No segundo, torrava-se. Ao tirar a farinha já torrada, ficava o resto.

A farinha bem fininha a que se dá o nome de pé-de-forno. Ficava torradinho. Gostoso para se tomar com café ou leite. Ao ralar a mandioca, fica sempre aquele pedacinho que não se rala. Uns toquinhos. Põem-nos ao sol para secarem. Depois de secos, soca no pilão. Obtem-se um pó gostoso pra fazer bolo ou mingau. Os restos da mandioca não rala e o pó depois de socado a gente chama de crueira.

A farinha era uma festa. Um mutirão. Na fazenda de meu pai, fazia-se a farinha no mês de janeiro. Chovia muito, não se podia campear o gado que vivia na larga. Então, dedicava-se à farinha de mandioca. A casa onde se faz a farinha chama-se rebaixa. Fica sempre num nível mais baixo, próximo à água (córrego ou vereda). No mês de julho era a época da moagem de cana. Outra festa. Principalmente para a criançada. Isso tudo hoje vive gravado em minha memória. Tudo se transforma.

Ao ensejo, comunico-lhe que no dia 21 p. passado fui empossado no cargo de Presidente da Comissão Mineira de Folclore. Os outros companheiros de diretoria são: vice, Antônio Henrique Weitzel; secretário, Lázaro Francisco da Silva; tesoureiro, Antônio de Paiva Moura; conselho consultivo: Antônio de Oliveira Mello, João Naves de Melo e Maria de Lourdes Dias Costa. O nosso Saul continua no pedestal de Presidente de Honra.

Em anexo, mando-lhe cópia de uma palestra que fiz na Academia Feminina de Letras de Minas Gerais sob o título: o Folclore em Guimarães Rosa ou a Festa de Manuelzão.

Aqui, sempre as suas ordens.  
Folcloricamente,

JARAGUÁ DO SUL - SC, abril - 1998

*Jornal A Notícia*

## **ACAMPAMENTO REÚNE GRUPOS FOLCLÓRICOS DO SUL DO PAÍS**

*SÔNIA PILLON DE FIGUEIRÓ - Especial para A Notícia*

Os preparativos para a 3ª Olimpíada Folclórica Alemã, evento paralelo ao 4º Acampamento Folclórico de Jaraguá do Sul, já estão ultimados. De acordo com o coordenador do evento, Carlos Hoffmann, o parque da Malwee já conta com cerca de 550 pessoas, entre atletas, familiares e amigos. O Acampamento reúne participantes de todo o Sul do País. Da Argentina estavam sendo esperados 34 componentes.

Até a tarde de sábado, já estavam inscritos 380 atletas, para competir nas modalidades *ski* no campo e lançamento de toras, atividades tradicionais dos descendentes germânicos, bem como lançamento de peso e corrida de dois quilômetros.

Ao todo, as modalidades têm 28 inscritos, divididos igualmente no masculino e feminino (cada grupo folclórico apresenta um casal para participar da Olimpíada). Está prevista para o final da manhã de hoje a divulgação dos resultados.

Os organizadores do 4º Acampamento Folclórico prometem um espetáculo magnífico para quem comparecer próximo à igreja matriz de São Sebastião, no centro da cidade. Trata-se do *Lanternenzug* (Desfile de Lanternas), onde cerca de 600 pessoas devem se dirigir às escadarias da igreja munidas de lanternas, enquanto as luzes da avenida Marechal Deodoro ficarão desligadas.

Essa tradição nasceu na Alemanha no século 18, quando um homem se encontrava perdido na nevasca e, de repente, avistou lanternas acesas em uma casa. A partir desse ano foi criada a festividade entre os germânicos, simbolizando a esperança. A cerimônia foi trazida para Jaraguá do Sul há seis anos, graças às pesquisas de Carlos Hoffmann e Ruth Fritche, de Ibirama.

Ao final do Espetáculo, o grupo folclórico “Regenwalde”, composto por crianças de sete a nove anos, irá apresentar a “Dança da Lanterna”.

*GRARAMIRIM - SC*

---

*Jornal A Notícia*

**CURUPIRA ROCK CLUBE COMEMORA  
DIA DO ÍNDIO**

O Curupira Rock Clube, que costuma abrir espaço para as manifestações *underground* em Guaramirim, apresenta hoje o “Take 5”, um minifestival onde cada banda de som alternativo irá tocar cinco músicas de própria autoria. A intenção é homenagear a passagem do Dia do Índio e o Dia Mundial da Terra, que será comemorado no dia 22 de abril.

A promoção inicia às 10 horas e estão sendo aguardadas bandas de todos os cantos do Estado, com destaque para Jaraguá do Sul, Joinville, Blumenau e Timbó.

*RIO NEGRINHO - SC*

---

*Jornal A Notícia*

**MISSA CRIOLA É DESTAQUE DE HOJE  
NO RODEIO**

A missa crioula é o evento mais esperado na programação de hoje do 18º Rodeio Crioulo de Rio Negrinho. Os padres irão celebrar a missa, pilchados, como manda a tradição gaúcha.

Ontem, após a chuva, que serviu para abaixar a poeira no camping da Fazenda Evaristo, onde acontece o rodeio, o sol voltou a brilhar para a alegria das 25 mil pessoas que, literalmente, invandiam a fazenda com 1.600 barracas. A previsão para a noite de ontem era de que o público chegasse a 38 mil pessoas para prestigiar as provas e participar dos bailes.

*FLORIANÓPOLIS - SC, setembro - 1998**Jornal O Estado***SAGRADA CIÊNCIA - FOLCLORE CATARINENSE***ADELICIO MACHADO DOS SANTOS - ADVOGADO*

Preleciona Almeida (Renato. "Inteligência do Folclore". Segunda edição. Rio de Janeiro, Ed. Americana; Brasília, INL, 1974, fl. 1) que "William John Thomas, arqueólogo inglês, lançou em 22 de agosto de 1846 a palavra "folk-lore", de conteúdo muito rico, para designar as antiqüidade populares ('antiquitates vulgares')".

De outro vértice, o legislador constitucional da Carta Magna da República, por vezes verberada pela dimensão avultada, optou por não utilizar este termo, cuja cientificidade não adversa objeção, dispondo, no entanto, com eloqüência: "Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...)". Os incisos minudenciam os compromissos da Nação consigo mesmo.

O Estatuto do Estado de Santa Catarina, igualmente, no Art. 173, hospeda disposições símeis, adequadas às peculiaridades. Em cõsono com o Inciso V de seu parágrafo Único, a Política Cultural deve se fulcrar na "preservação da identidade e da memória catarinense". Posto que sem utilizar o vocábulo mentado pelo sábio inglês, evidentemente se vetoriza à proteção e ao estudo da matéria-prima desta Disciplina, avultando culinária, dança, música, crença e outros itens.

A causa folclórica conta, inclusive, com apóstolos, cuja obra se equipara à precisão científica de qualquer outro ramo da Ciência Social. À maneira de exemplo, Luiz da Câmara Cascudo ocupa nicho no saber codificado. Do mesmo modo, entidades e órgãos operam com os mesmos padrões das mais elevadas academias avultando a Comissão Nacional do Folclore. Aliás, quem pos-

sui a luminosa Comissão Catarinense do Folclore, que à luz de um magnífico “Boletim” dispensa outras argumentações. Ela se compõe de honoráveis figuras da inteligência Barriga-Verde.

Finalmente, qualquer ensaio acerca do Folclore, desde análises da posição na ordem científica, até estudos regionais específicos, deve proclamar-lhe a beleza e relevância. Presta contributo à qualidade de vida em organização social cada vez mais pautada pelos valores pecuniários e por padronização despojada do encanto, da formosura e da poesia.

O Folclore, em suma, faz a vida mais vida

*FLORIANÓPOLIS - SC, setembro - 1998*

*Jornal AN Capital*

### VENI CREATOR

Mostra de artes que comemora os 250 anos do povoamento açoriano na Ilha de Santa Catarina, será lançada hoje, às 20h, na Galeria de Artes Casa Açoriana. Exposição reúne artistas das mais diferentes tendências, estilos e gerações, apresentando ao público



diversas visões plásticas da manifestação cultural mais marcante das vilas açorianas do litoral catarinense: a festa do Divino, Dircéia Binder (foto) expõe seus estandes na mostra. Visitação até 15 de setembro, de segunda a sexta, das 14 às 19h, e sábados e domingos, das 10 às 19h. Rua Cônego Serpa, 3.330, Santo Antônio de Lisboa, tel.: 235-1262.

*FLORIANÓPOLIS - SC, setembro - 1998*

---

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, TEM O PRAZER DE CONVIDAR V.S.A. E EXMA. FAMÍLIA PARA A INAUGURAÇÃO DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE SANTA CATARINA, NA OPORTUNIDADE OCORRERÁ TAMBÉM A SANÇÃO DA LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA.

DIA 24 DE SETEMBRO DE 1998  
CENTRO INTEGRADO DE CULTURA  
AV. GOV. IRINEU BORNHAUSEN, 5.600  
FLORIANÓPOLIS - SC

*FLORIANÓPOLIS - SC, setembro - 1998*

---

O Reitor da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, professor Raimundo Zumblick, e o Presidente do Tribunal de Contas do Estado, em exercício, Conselheiro Dib Cherem, convidam Vossa Senhoria para o lançamento do livro *Retratos de Santa Catarina - Aspectos Históricos, Geográficos, Políticos, Constitucionais, Econômicos e Sociais*, de autoria do Conselheiro Salomão Ribas Junior.

Data: 25 de setembro de 1998  
Local: Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina  
Rua Bulcão Viana, 90 - Centro - Florianópolis - SC

JOINVILLE - SC, setembro - 1998

*Jornal A Notícia*

## **SIMPÓSIO MARCA 250 ANOS DE COLONIZAÇÃO**

*Evento reúne na UFSC, estudiosos professores e açorianos no auditório da reitoria*

*CELSO MARTINS*

Com a participação de representantes das ilhas dos Açores e de intelectuais e professores brasileiros, principalmente de Santa Catarina, começou ontem e termina hoje o Simpósio de História e Geografia, principal evento que comemora os 250 anos da imigração açoriana e os 50 anos do 1º Congresso Catarinense de História.

Com uma mostra paralela de fotografias dos Açores e do litoral catarinense, os trabalhos do simpósio estão acontecendo no auditório da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O 1º Congresso Catarinense de História aconteceu em Florianópolis, em 1948, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), tendo à frente os professores Henrique da Silva Fontes e Oswaldo Rodrigues Cabral. O ano de 1948 foi decisivo para história sociocultural do Estado.

Segundo o atual presidente do IHGSC, Carlos Humberto Corrêa, nesse mesmo ano “foi fundada a revista Cultural Sul, expoente de um grupo de intelectuais que introduziu o movimento modernistas em Santa Catarina. Na ocasião se falou pela primeira vez na possibilidade de criação de um museu de arte moderna em Florianópolis. Foi quando se pensou, tenuamente, na criação de uma faculdade de filosofia”, salienta.

O congresso de 1948 permitiu “aos historiadores da terra verem a necessidade de casar a literatura e o diletantismo, até então bases para a produção e justificativa para o conhecimento histórico, com os modernos processos firmemente científicos da produ-



*Colonizadores açorianos instalaram-se na costa catarinense e gaúcha. Ribeirão da Ilha foi um dos primeiros povoados na Capital.*

ção do conhecimento histórico”, assinala Corrêa. Nesse ano foi realizada a comemoração aos 200 anos da imigração açoriana.

A transferência de cerca de 6 mil colonos das ilhas dos Açores ocorreu entre 1748 a 1753. Foi um dos maiores deslocamentos de massa de contingentes humanos ocorridos em toda a história mundial. Os casais de imigrantes formaram vilas e povoados entre Porto Belo e Porto Alegre, sendo que a maior parte se fixou em Florianópolis (na época Desterro).

### *DEBATES*

Logo depois da abertura dos trabalhos ontem de manhã, começaram a ser apresentadas diversas comunicações, todas relacionadas com a transferência de açorianos para o Brasil. O professor Avelino Menezes, da Universidade dos Açores, fez algumas considerações sobre as causas da imigração. Para ele, mais do que a miséria existente nas ilhas, o superpovoamento e os abalos sís-

micos influíram na transferência “a necessidade que tinha Portugal de consolidar seu domínio sobre o Brasil Meridional”.

Entre as comunicações de ontem, destaque para as intervenções de Osvaldo Ferreira de Melo (“Notas sobre a identidade do povoado açoriano do século 18”), Hélio Teixeira da Rosa (música), Marly Mira e Sérgio da Luz (demografia) e Doralécio Soares (“Folguedos da brincadeira do boi no Brasil”).

### MIGRAÇÃO É CARACTERÍSTICA DOS POVOS DOS AÇORES

Com cerca de 270 mil habitantes, o arquipélago dos Açores, composto por nove ilhas, tem como característica principal a vontade do seus habitantes de migrar. Por isso a comemoração dos 250 anos da imigração açoriana para Santa Catarina “tem um significado especial para nós, pois é o marco de uma das principais marcas do nosso povo”, analisou ontem o professor Carlos Cordeiro, professor de história da unidade da Universidade dos Açores instalada na Ilha São Jorge.

Essa característica começou a se torna visível ainda no século 16, com o deslocamento de grandes contingentes para a África e à Índia (Gôa). Entre 1748 a 1753 aconteceu pessoas para Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No século passado a mudança ocorreu na direção dos Estados Unidos e Canadá, onde também existem importantes comunidades de língua portuguesa, originárias das ilhas dos Açores.

Cordeiro fez questão de enfatizar a importância da permanência, no litoral catarinense, das festas do Divino. “Acredito que seja fundamental a permanência dessas raízes na cultura local, em torno do culto ao Espírito Santo. É uma prática que ainda existe nos Açores, mas que não existe mais no Continente português”, acentuou.

Com a festa do Divino, o professor dos Açores identifica a permanência de algumas características como a “solidariedade e a

caridade, que possuem forte apelo popular. Mais do que a música, o aspecto religioso se mantém intacto, tanto aqui como lá, praticamente com as mesmas características”, salienta.

Em relação aos 50 anos do primeiro Congresso Catarinense de História, Cordeiro lembra que “isso é a evidência das relações entre o IHGSC e seu congênere na Ilha Terceira. A partir de 1948 as intelectualidades de lá e daqui começaram a estreitar relações, a efetuar trocas de experiências e conhecimentos, chegando ao convênio de cooperação técnica entre a UFSC e a Universidade dos Açores”, complementa Cordeiro.(CM)

*FLORIANÓPOLIS- SC, setembro - 1998*

*Jornal A Notícia*

**POSSE DE POLYDORO ERNANI S. THIAGO,  
NA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS,  
NA NOITE DE 11 DE SETEMBRO DE 1998**

O novo titular da Cadeira nº.8, da ACL, tomou posse no dia 11 de setembro. Foi conduzido por Comissão constituída pelos



*IMORTAL - Polydoro Ernani de S. Thiago, em sua posse na Academia Catarinense de Letras (ACL), recebe as insígnias dos acadêmicos Iaponan Soares e Hoyêdo Lins, observados por Licurgo Costa.*

acadêmicos Celestino Sachet, Sylvia Amélia, Pe. José Artulino Besen e desembargador Norberto Ungaretti. Foi saudado em nome de todos os acadêmicos da ACL pelo confrade Osvaldo Melo, e recebeu as insígnias de Licurgo Costa, Hoyêdo Lins e Iaponan Soares. O ex-governador e sócio honorário, Ivo Silveira, fez a entrega do diploma de membro efetivo e titular da Cadeira n.º.8. O recipiendário proferiu seu discurso de posse recordando as figuras dos confrades que o antecederam. O secretário da ACL, Jali Meirinho, leu o termo de posse e colheu as assinaturas necessárias.

### *SANTA CATARINA*

#### **ALEXANDRE TIEZERINI 80 ANOS DE HISTÓRIA**

Natural de Passo Fundo - RS, nasceu em 23 de março de 1918. Filho de Alberto e Dosnelina Mass Tiezerini. Casado com Francisca Flores com quem tem 8 filhos: Glaucia, Cláudio, Flávio, Clayton, Márcia, Edson, Cléber e Glaene.



Em Passo Fundo cursou o primário, aprendeu a profissão de tipógrafo, foi vendedor de jornais, escoteiro e participou de grupos de teatro amador. Trabalhou em circos por dois anos em apresentações teatrais e como apresentador, tendo percorrido o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Foi professor por dois anos em Carazinho - RS.

Serviu o exército em Porto Alegre, no Serviço de Subsistência do Exército - Gráfica do Exército.

TRADIÇÃO - JORNAL "UNIDOS PELA TRADIÇÃO"  
- OESTE E EXTREMO OESTE DE SANTA CATARINA  
- AGOSTO DE 1998

### TRADIÇÃO

*...é uma palavra, não se escreve, mas se grava na vida e nos corações dos povos e de nações. É quanto de mais lindo se viveu em tempo findo, e para nós, aqui presente, diz respeito, especialmente, à vivência do passado do Rio Grande e do seu pago, se traduz em poesia, em canto e harmonia, em versos e canções, em notas de acordeões. É dança que nunca morre, é traje que é folclore, é canto que é melodia, é prosa que é poesia, é um bordado maravilhoso feito de mil e uma cores, é jardim mui precioso, cheio de lindas flores; é riqueza espiritual, com o toque do imortal.*

ALEXANDRE TIEZERINI



ros Habitantes”, patrocinado pela Caixa Econômica Federal.

A obra reúne 62 fotos que mostram o cotidiano de oito povos de diversas regiões do País: Carajás, de Tocantins; Araras e Caiapós, do Pará; Tucanos, do Amazonas; Ianomâmis, de Roraima; Xavantes, do Mato Grosso; Guaranis, de São Paulo e pancararus, índios originários de Pernambuco que hoje moram numa favela paulistana.

As fotografias revelam as características de cada povo. São retratados, por exemplo, os instrumentos musicais dos tucanos, a dança dos homens xavantes, a pintura corporal e os enfeites dos caiapós. Estas imagens também serão exposta no Museu de Ciências Naturais de Houston, nos Estados Unidos, e no Museu de Ciências Naturais do México.

“Índios - Os Primeiros Habitantes” tem 80 páginas, custa R\$ 32,00 e pode ser encomendado pelo telefone (0xx11) 3865-3334. A seguir, Rosa Gauditano fala sobre seu trabalho.

*A foto que teve mais destaque no seu livro foi a de um índio ianomâmi sendo beijado por um beija-flor. Como foi flagrar este momento?*

*Rosa Gauditano* - Foi um instante precioso. Tive muita sorte em estar com a máquina por perto. Neste dia eu e alguns repórteres da Alemanha conversávamos com os meninos da aldeia enquanto esperávamos o almoço. Perto de nós havia uma árvore cheia de beija-flores. Quando vi aquela cena, simplesmente, foquei e apertei o botão. Enquanto isso, os alemães saíram correndo para buscar a câmera e quando voltaram já era tarde demais.

*Os povos indígenas têm costumes muito diferentes um do outro. É difícil adaptarem-se ao cotidiano de cada aldeia?*

*Rosa* - No começo sim. Primeiro, fico só observando para tentar entender a rotina da aldeia e me adaptar a ela. Mas sempre que vou fazer um trabalho eu aviso com antecedência, explico qual será a minha intenção e peço permissão para os líderes do povo indígena. Além disso, faço uma pesquisa antes de viajar. Até agora eu sempre fui muito bem recebida e tratada como uma aliada que estivesse fazendo uma tarefa em parceria.

*Como você faz para se comunicar com índios quando vai fotografá-los?*

Rosa - Eu não falo nem uma língua indígena mas acredito que o idioma não é o único tipo de comunicação entre as pessoas. É possível manter contato através do olhar, do sorriso, de um gesto e até mesmo da energia. É este tipo de identificação que eu tento manter com os índios.

*A Caixa Econômica Federal patrocinou uma tiragem de dois mil exemplares do seu livro. Há planos de uma segunda edição?*

Rosa - Sim. Estou procurando uma editora para publicá-lo. Em fevereiro vence o meu contrato com a Caixa e , a partir desta data, eu poderei fazer uma nova edição. Também tenho intenção de distribuí-lo internacionalmente, já que o livro está traduzido para o inglês.

*Nos últimos anos, muitos povos indígenas estão tentando resgatar suas culturas. Alguns contam com a ajuda de etnólogos, antropólogos e ONGs que tentam incentivá-los. Você acha que este trabalho está trazendo bons resultados?*

Rosa - Claro que sim. Uma prova disto é o resultado do último censo que indica um aumento na população indígena. A maioria está se reunindo em associações para fazer projetos de assistência médica e educação, na qual as crianças são alfabetizadas em português e na língua do povo a que pertencem. O que eu acho mais incrível é que, apesar de estarem gravando CDs, usando aparelho de fax e instalando antena parabólica na aldeia, estes grupos estejam preocupados em manter suas tradições. E esta é a função do meu trabalho. Acredito que, quando os índios vêem as minhas



fotos, nas quais estão cantando, dançando e pescando, eles reforçam os seus costumes.

*Durante os nove anos que você conviveu com os índios, qual foi o momento mais especial?*

Rosa - Acredito que todos os momentos foram especiais porque cada povo tem um tipo de vida. Por exemplo, ao mesmo tempo que visitei os pancararus, moradores de uma favela paulistana, também fui até aos ianomâmis, em Roraima. Mas apesar das diversidades, a essência desses povos é a única. Mesmo com toda imposição do homem branco, os índios têm um sentimento guerreiro muito forte dentro dele.

*No ano passado você trabalhou no projeto de um livro de fotografias do povo xavante. Por que estes índios chamaram a sua atenção?*

Rosa - Desde o meu primeiro contato houve uma empatia muito grande entre nós. Na época, os xavantes tinham visto uma série de postais que eu havia feito sobre os ianomâmis e me pediram para produzir um igual voltado à cultura deles. Então, fiz as fotos, voltei para São Paulo e editei o material. Dois xavantes vieram ao meu estúdio ver o resultado do trabalho. Eu mostrei várias imagens projetadas e eles escolheram exatamente as que eu já havia selecionado. Não é incrível?

*E o livro? Será publicado?*

Rosa - Depois disto, eles me chamaram novamente e pediram que eu continuasse a registrar as festas, rituais e cerimônias porque os velhos estavam muito preocupados que não ficasse um registro para as novas gerações. Agora, eu tenho todo esse material e estou procurando patrocínio para editá-lo.

### CULTURA AMEAÇADA

Resultado do convívio de nove anos nas aldeias de oito povos indígenas, o livro "Índios - Os Primeiros Habitantes", da fotógrafa Rosa Gauditano, mostra imagens de resistência de uma cultura ameaçada.



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



**IOESC**  
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO  
DE SANTA CATARINA

Fone: (0xx48) 239-6000

78112

## COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Doralécio Soares - Presidente

Rua Júlio Moura, 146, 1º andar 88020-150 - Florianópolis, SC

Theobaldo Costa Jamundá

Rua Arthur Grahl, 478 Cep 89046-120 - Velha, Blumenau, SC

Valter Fernando Piazza

Rua Frei Evaristo, 109 Cep 88025-410 - Florianópolis, SC

Oswaldo Ferreira de Melo

Rua Joaquim Costa, 11 Cep 88025-400, Florianópolis, SC

Carlos Alberto Angioletti Vieira

Rua Joaquim Costa, 112 Cep 88025-400, Florianópolis, SC

Nereu do Vale Pereira - Vice-Presidente

Av. Hercílio Luz, 1.199 Edif. Costa do Marfim - Ap. 702 Cep 88020-001 - Florianópolis, SC

Gelsí José Coelho

Museu de Antropologia da UFSC - Campus da UFSC Cep 88040-900, Florianópolis, SC

Lélia Pereira Nunes

Rua Frei Caneca, 564 - Ap. 1006 - A Cep 88025-000 - Florianópolis, SC

Alexandre Tiezerini

Caixa Postal 249 - Cep 89900-000 - São Miguel d'Oeste - SC

Paschoal Apóstolo Pitsica

Rua Artista Bitencourt, 89 - Ap. 901 - 88021-060

Sônia Maria Copp da Costa

Rua D. Fernando do Trejo, 440 Cep 89240-000 - São Francisco do Sul

Maura Soares

Rua Sílvio Possobon, 15 - Abraão Cep 88085-190 - Florianópolis, SC

### COLABORADORES

Flávio José Cardozo (Florianópolis, SC)

Laura Dela Monica (São Paulo, SP)

Saul Martins (Belo Horizonte, MG)

Mário Souto Maior (Olinda, PE)

Aleixo Leite Filho (Caruaru, PE)

Ana Maria Amaro (Cascais, Portugal)

Maria do Rosário Tavares de Lima (São Paulo, SP)



SANTA CATARINA